

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

*Projetos de vida labirínticos:  
Uma opção de vida ou uma vida sem opção?*



Dissertação de Mestrado

**Volume I**

Cátia Sofia Pereira Matias

LEIRIA

*março de 2016*

Cátia Sofia Pereira Matias

***Projetos de vida labirínticos:***

***Uma opção de vida ou uma vida sem opção?***

**Volume I**

Dissertação apresentada na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria para obtenção do grau de Mestre em Mediação Intercultural e Intervenção Social sob orientação do Professor Doutor Ricardo Manuel das Neves Vieira

LEIRIA

*março de 2016*

*"Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já têm a forma do nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia: e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos."*

Fernando Pessoa

## AGRADECIMENTOS

Agradar-me com um tema, viver a realidade, senti-la, apaixonar-me pela investigação: o enlaçar da vontade no esboço do plano final. O resultado é como a vida: a soma dos esforços, das angústias, dos desejos, do trabalho, da partilha. Sentir que sou porque somos, na primeira pessoa do plural. Este trabalho é o rebento de encontros, partilha e crescimento e o resultar de um encontro comigo mesma!

Agradeço às parceiras da InPulsar – Associação para o Desenvolvimento Comunitário, Sílvia Branco e Lisete Cordeiro: muito obrigada por cada giro, cada projeto compartilhado, cada opinião, cada oportunidade de crescer e ser melhor!

A todos os meus familiares e bons amigos, por serem força e lucidez neste caminhar, em especial à mana Cristele, à Maura, à Alexandrina, à Suzi e ao João.

Ao Professor Doutor Ricardo Vieira, inspirador Mestre, pela sabedoria e completa disponibilidade na orientação deste trabalho.

Ao António, ao Eliseu, ao Fonseca e à Maria, pela experiência, pela partilha, pela comunhão e...por tudo aquilo que a palavra já não alcança. Bem vos quero. Recomeçaria convosco e por vós mil vezes.

À vó Isaura...

## RESUMO

Na sociedade contemporânea ocidental é praticamente impossível que os projetos de vida das crianças, adolescentes e jovens não passem por um investimento na escola vista como um passaporte para a mobilidade social (Peres, 2011). Contudo, por detrás dessa pretensa inclusão social, há efeitos perversos e condicionantes vários que levam ao insucesso e abandono escolares, à exclusão social (Canário, Alves e Rolo, 2001 citado por Vieira A. 2013:77-78).

O fenómeno da exclusão social é cada vez mais premente. Importa perceber qual a aceção do conceito de pobreza e como é sentida pelos seus protagonistas, pela sociedade em geral e qual o papel do Estado nesta relação. Surgem constantemente novas formas de pobreza e a exclusão assume diferentes configurações. As dinâmicas sociais em mutação podem ditar a fragilidade social, a assistência ou mesmo a marginalização social (Paugam,2003:47).

O objetivo desta investigação, sobre projetos de vidas labiríntico de indivíduos excluídos pela sociedade, por via de adições (álcool e drogas), trabalhos precários, desemprego, mudanças familiares e sociais passa pela autorreflexão, a captação da perspetiva hermenêutica no indivíduo face ao contexto em que vive.

Foram utilizadas entrevistas em profundidade e observação direta participante e não participante. Tratando-se de indivíduos cuja história de vida assume contornos bastante complexos, usei uma técnica de aproximação ao *photovoice* (Wang e Burris, 1997): sugeri aos participantes que captassem através da imagem a sua recordação mais feliz, o que mais gostam nos seus dias e qual o seu maior sonho.

Segundo Vieira, “*as histórias de vida não são mero passado. São processos históricos na verdadeira aceção da palavra*” (Vieira, 2009:16) pelo que compreender a sua perceção do passado, presente e futuro assume relevante importância para a perceção da construção de um projeto de vida.

Ambicionámos conseguir aquilo que nas palavras de Machado Pais se traduz como “*olhar de frente para o que se olha de lado*” (Pais,

2001:241). Esta problemática considera a rua como espaço privilegiado de aprendizagem (infância) de encontro (juventude) (Vieira, 2011) pelo que se pretendia perceber como é possível que se se metamorfoseie num espaço de trabalho, como nascem estas profissões da rua, que percursos biográficos estarão na base desta opção de vida e se será mesmo uma vida sem opção. É essencialmente na busca da autorreflexão, do questionamento, onde o mediador poderá intervir (intervenção) enquanto auxiliar na construção de projetos de vida, como se de um advogado social de tratasse, um construtor de pontes entre os excluídos e a sociedade e um valioso auxiliar na concretização de sonhos, enquanto mediador comunitário.

### **Palavras-chave**

Exclusão social, inclusão, intervenção social mediadora, mediação intercultural, pobreza.

## ABSTRACT

In contemporary western society it is virtually impossible to separate the life projects of children, teenagers and young people in general from an investment in academic life, which is seen as a passport to social mobility (Peres, 2011). However, behind that alleged social inclusion there are many perverted effects and conditionings that lead to academic failure and dropout, to social exclusion (Canário, Alves and Rolo, 2001, quoted by Vieira A. 2013:77-78).

Social exclusion is a more and more pressing phenomenon. It is important to understand the meaning of poverty and how it is perceived by its protagonists, by society in general, and what shall be the role of the State in this situation. Each day new ways of poverty arise, and exclusion assumes new configurations. Social dynamics and their mutations may dictate social fragility, assistance or even social marginalisation (Paugam, 2003:47).

The main goal of this research on labyrinthine life projects of individuals who have been excluded from society, due to addiction (alcohol and drugs), precarious employment, unemployment, family and social changes, is to reflect on and capture the individual's hermeneutical perspective in the world that surrounds him.

The methodologies used were in-depth interviews, and direct and indirect participant observation. Since the individuals have a complex history, I used a photovoice approach (Wang and Burris, 1997): I asked participants to capture through image their happiest memory, the thing they like the most in their daily routine, and their biggest dream.

According to Vieira, life stories are not a mere past. They are historical processes in the true sense of the word (Vieira, 2009:16). So, comprehending the perception of the past, present and future is crucial to understand the construction of a life project.

My objective was to achieve what Machado Pais describes as looking in the eyes what one looks sideways (Pais, 2001:241). This approach considers the street a favoured space for learning (childhood) and meeting (youth) (Vieira, 2011). Thus, it was my intention to understand how it can become a workspace, how these street jobs appear, which biographic courses lead to this life choice and if it really is a life without choice. It is essentially in the pursuit of self-reflection, in questioning, that the mediator may intervene (intervention) and help in the construction of life projects, as a social advocate, a bridge builder among those who are excluded and the society, and a valuable aid in making dreams come through, as a community mediator.

### **Keywords**

Social exclusion, inclusion, mediating social intervention, intercultural mediation, poverty.

# ÍNDICE GERAL

<b>Agradecimentos</b> .....	<b>iv</b>
<b>Resumo</b> .....	<b>v</b>
<b>Abstract</b> .....	<b>vii</b>
<b>Índice Geral</b> .....	<b>ix</b>
<b>Introdução</b> .....	<b>1</b>
Indivíduos em Encruzilhadas: entre o passado e o futuro .....	1
O que me move? – Motivações pessoais para a investigação .....	5
A escolha do tema.....	6
<b>Capítulo 1 - Enquadramento Teórico - Processos de exclusão social desigualdades, desequilíbrios e desvios</b> .....	<b>9</b>
Pobreza e exclusão social .....	9
Educação e Instrução .....	14
Trabalho, emprego, desemprego .....	19
Sem-abrigo .....	23
Arrumadores de carros.....	25
Prostituição .....	27
Doenças sexualmente transmissíveis – o caso do VIH/SIDA.....	31
Toxicodependência.....	36
Alcoolismo .....	38
<b>Capítulo 2 – Mediar e Intervir</b> .....	<b>41</b>
O mediador enquanto construtor de projetos de vida/campos de possibilidades.....	41
A mediação comunitária.....	47
A intervenção social do mediador .....	48
<b>Capítulo 3- Metodologia - De fora e de longe ao perto e dentro</b> .....	<b>50</b>
Técnicas de pesquisa empírica .....	55

Observação participante .....	55
Entrevista Etnobiográfica .....	56
Investigação-ação .....	57
Outras técnicas de recolha de informação .....	59
<b>Capítulo 4 – vidas de rua .....</b>	<b>60</b>
Vidas (re) Contadas .....	60
António .....	60
Eliseu .....	61
Fonseca .....	61
Maria.....	62
Quem era, quem sou, quem serei .....	63
O solitário solidário .....	63
O Incessante.....	73
Doenças do corpo não destroem a mente – INEM .....	84
A (In)sensível .....	94
<b>Apresentação e discussão de resultados .....</b>	<b>103</b>
<b>Conclusões .....</b>	<b>112</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>115</b>
Anexos.....	1
Volume II desta dissertação.....	1

# INTRODUÇÃO

## INDIVÍDUOS EM ENCRUZILHADAS: ENTRE O PASSADO E O FUTURO

Na sociedade contemporânea ocidental é inevitável que um projeto de vida de uma criança ou jovem não passe pela escola e por um necessário investimento na sua educação e formação. A instrução é tida como um passaporte para a mobilidade social, para uma maior probabilidade de emprego, para um maior exercício de cidadania e para uma maior qualidade de vida (Peres, 2011). A Escola só para alguns transformou-se, um pouco por toda a Europa, numa escola para todos e numa Escola de massas desejavelmente mais inclusiva. Este discurso tornou-se mais evidente após a declaração de Salamanca<sup>1</sup> que põe a tónica na educação inclusiva e que leva à dita “escola para todos”.

Esta visão da escola para o século XXI assenta nos 4 pilares para a educação, propostos pela Unesco (1996): aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a viver juntos (Vieira, A. 2013:66). Contudo, por detrás dessa pretensa inclusão social, que esta escola pretende construir, há efeitos perversos e condicionantes vários que levam ao insucesso e abandono escolar, à marginalidade e mesmo à exclusão social (Canário, Alves e Rolo, 2001 citado por Vieira A. 2013:77-78).

Como é vivido o fenómeno da exclusão social pelos casos em análise: arrumadores de carros, prostitutas, toxicodependentes, sem-abrigo e portadores de VIH? Os que se encontram do outro lado da escola (Benavente *et al.* (1987)), excluídos e marginalizados da sociedade aceitam como natural este processo? Se sim, fazem-no em consequência da sua incapacidade ou têm outros discursos explicativos da sua condição social? Quais?

Qual a hermenêutica de si relativamente aos campos de possibilidade (Vieira, 2009) das suas vidas?

---

<sup>1</sup> A Declaração de Salamanca (cf. anexo B) (Salamanca - 1994) é uma resolução das Nações Unidas que trata dos princípios, política e prática em educação especial. Adotada em Assembleia Geral, apresenta os Procedimentos-Padrões das Nações Unidas para a Equalização de Oportunidades para Pessoas com Deficiência. É considerada mundialmente um dos mais importantes documentos que visam a inclusão social, juntamente com a Convenção sobre os Direitos da Criança (1988) e da Declaração Mundial sobre Educação para Todos (1990). Faz parte da tendência mundial que vem consolidando a educação inclusiva. A sua origem é atribuída aos movimentos em favor dos direitos humanos e contra instituições segregacionistas, movimentos iniciados a partir das décadas de 1960 e 1970. ([https://pt.wikipedia.org/wiki/Declara%C3%A7%C3%A3o\\_de\\_Salamanca](https://pt.wikipedia.org/wiki/Declara%C3%A7%C3%A3o_de_Salamanca) consultado em 25.11.2015).

Com este estudo pretendemos abordar metaforicamente o labirinto das vidas dos sujeitos aqui estudados. Não apenas compreender qual a realidade passada e presente das histórias de vida destas pessoas como, também, perceber de que forma estas têm ou não um projeto de futuro. Compreender de que forma os seus sonhos ou projetos constituem para si um real campo de possibilidade para a sua vida (Vieira,2009).

Analogicamente a vida destas pessoas assemelha-se a um labirinto onde facilmente se entra mas cuja saída se encontra embaçada e sujeita a uma caminhada difícil e caracterizada pelas mais diversas adversidades.

De que será que se lembram os quatro sujeitos deste estudo do seu passado? De onde vieram? Como era a sua vida antes de terem sido “destinados” à rua? Terão algum apoio familiar? Ou terá a falta desse apoio sido essa a origem da rutura?

É nesta linha que pretendemos compreender o que esteve na origem da mudança da vida destas pessoas, o que os fez desencantar com a vida e ainda obter a autodefinição e caracterização do momento em que vivem. É crucial, conhecer a história de vida, já que, *“as histórias de vida não são mero passado. São processos históricos na verdadeira aceção da palavra”* (Vieira,2009:16).

Estes cidadãos são detentores de direitos e deveres que lhe foram, por lei e através do nascimento, atribuídos<sup>2</sup> mas será que têm a noção de que os possuem? Será que optam por não os exercer ou se sentem impedidos pela sociedade? Terá esta *‘estranha forma de vida’*<sup>3</sup> a ver com a relutância em viver de acordo com as normas impositivas de uma sociedade que, segundo José Machado Pais, é classificadora da inclusão e de exclusão conforme estejam ou não de acordo com os padrões do ‘socialmente aceitável’.

As suas possibilidades de exercício da cidadania poderão encontrar-se diminuídas muito por culpa da teoria do estigma que Goffman (1993:15 citado por Pais,2001) usa para caracterizar o comportamento de inferiorização de alguém que se encontra à parte, rejeitado.

---

<sup>2</sup> Art.º12º e 13.º da Constituição da República Portuguesa (cf. Anexo 3)

<sup>3</sup> Alusão ao fado de Amália Rodrigues, maio, 1964

José Machado Pais explana, de forma brilhante, a questão da cidadania como uma *'quadratura'*: incluído (dentro da quadratura) considera-se quem corresponde ao socialmente esperado e aceite como regular; excluídos (fora da quadratura) serão todos os que não respeitam este preceito. De acordo com Moya (citado por Machado Pais, 2005:56), a cidadania não deverá ser associada ao discurso da “integração” mas antes ao “reconhecimento da diversidade”.

É interessante debater o conceito de diversidade de identidades que, apesar de desiguais, são caracterizadas por um traço comum: a marginalização ou exclusão social determinada pelos seus percursos de vida e situação atual.

Atendendo às complexas e distintas formas de sobrevivência adotadas por quem vive a realidade da exclusão social, à 'rua' enquanto espaço privilegiado de convivência (Jares, 2007), aprendizagem e também de trabalho, à necessidade de reestabelecer a conexão perdida entre 'os excluídos' e a sociedade e suas instituições e ao papel de mediador como criador de projetos de vida, despoletou a inquietude de saber mais acerca desta realidade, perceber quem são estas pessoas, o que sentem, o que pensam, de onde vieram, qual o motivo para a sua 'vida de rua' e o que pretendem para o seu futuro.

Foram traçados alguns objetivos para esta investigação, que se configuram essencialmente em conhecer, do ponto de vista etnográfico, o modo de vida de quatro indivíduos em estudo, perceber onde e de que forma se deu a rutura e se foi voluntária ou provocada e indagar acerca da existência de projetos individuais de transformação social.

Pretende-se a promover a reflexão sobre a possibilidade de elaboração de um projeto de vida onde, os mediadores<sup>4</sup> possam contribuir proactivamente na promoção de uma melhor qualidade de vida, através da investigação ação (Guerra,2006).

Ambicionamos com esta investigação, aquilo que nas palavras de Machado Pais se traduz como “*olhar de frente para o que se olha de lado*” (Pais, 2001:241), para que, *a posteriori*, se possa caracterizar o mediador enquanto potenciador de novos laços de transformação social e empoderador.

---

<sup>4</sup> O conceito de mediador é hoje amplo e desenvolvido para além da exclusividade do formato atribuído pela resolução alternativa de litígios (Torremorel,2008). Dada a polissemia do conceito, dedicaremos algum espaço à sua conceptualização no capítulo 2.

Em síntese, a problemática desta dissertação, que considera a rua como espaço privilegiado de aprendizagem (infância) de encontro (juventude) (Vieira, 2011) almeja perceber como é possível que se se metamorfoseie num espaço de trabalho, como nascem estas profissões da rua, que percursos biográficos estarão na base desta opção de vida e se será mesmo uma vida sem opção. A busca pela resposta a esta e outras questões foi feita em trabalho de campo realizado entre abril de 2015 e fevereiro de 2016. É essencialmente na promoção da autorreflexão, do questionamento<sup>5</sup> onde o mediador poderá intervir (intervenção) enquanto auxiliar na construção de projetos de vida, como se de um advogado social de tratasse. Neste sentido, Granja (2008) define o profissional como um intermediário entre os utentes, por forma a controlar a utilização dos benefícios sociais mantendo o rigor imposto pela regulação e controlo da utilização de benefícios ou apoios sociais.

Este profissional é não raras vezes tido como o rosto visível dos apoios sociais concedidos, respondendo pelas consequências que daí advém.

A investigação foi norteadada por três linhas basilares que se resumem em três questões:

- *Como me tornei no que sou?*
- *Quem sou eu?*
- *Quem quero ser?*

Estamos convictos de que aqui reside a riqueza da investigação e a possibilidade de a tornar investigação-ação no sentido de empoderar os sujeitos e de os fazer acreditar que é possível construir um futuro socialmente respeitado com o qual se sintam identificados e realizados. A autorreflexão, como já referido, e a captação da perspetiva hermenêutica poderá despertar a vontade de criar um projeto de transformação social ou a torná-lo uma realidade, um campo de possibilidades (Vieira,2009).

Aqui, para além de intervir na fase do questionamento e reflexão o mediador terá a oportunidade de ser um construtor de pontes entre os excluídos e a sociedade e um valioso auxiliar na concretização de sonhos.

---

<sup>5</sup> O mediador potencia o questionamento pessoal, interpessoal e intrapessoal (Torremorel,2008).

## O QUE ME MOVE? – MOTIVAÇÕES PESSOAIS PARA A INVESTIGAÇÃO

A intervenção junto da população a investigar feita a partir *'da rua'* (voluntariado) fez ampliar o interesse pré-existente acerca do outro lado da escola e da família.

Interessava-nos perceber porque abandonam estes sujeitos *'as regras impostas pela sociedade'* e acabam por romper com o sistema de forma voluntária ou provocada.

Durante as ações de voluntariado desenvolvidas, a cada história ouvida na rua, denotámos que a exclusão social é uma realidade cada vez presente no nosso quotidiano pelo que a sua abordagem foi considerada de extremo interesse.

A InPulsar - Associação para o Desenvolvimento Comunitário, onde temos oportunidade de realizar ações de voluntariado, implementou o projeto *Giros na Rua* onde, através de equipas de rua, prestam auxílio a toxicodependentes, arrumadores de carros e profissionais do sexo promovendo a redução de riscos e minimização de danos. Para além desta intervenção mais direta junto dos sujeitos (na rua) presta atendimento em gabinete de atendimento a toxicodependentes sem enquadramento sociofamiliar e durante esta investigação desenvolveu um projeto de proximidade com a comunidade cigana com o projeto *Giro ó Bairro*.

A InPulsar – Associação para o Desenvolvimento Comunitário é uma associação sem fins lucrativos constituída em 2012 que tem como objetivos principais apoiar crianças e jovens, prestar apoio à família e à integração social e comunitária. A sua missão é contribuir para a inclusão social e económica de populações em situação de vulnerabilidade e exclusão social numa perspetiva de proximidade e de envolvimento das populações, centrando a sua intervenção no cidadão e nas capacidades da própria comunidade. Pretende promover a dinâmica, as competências e o “pulsar” das comunidades envolvidas, através de metodologias participativas e promotoras de *empowerment*, abordando os problemas e soluções de forma integrada e articulando vários conhecimentos transdisciplinares.

Para além de colaborarmos de forma direta enquanto voluntários integrados em equipa de rua no âmbito do projeto *Giros na Rua*, colaboramos no atendimento em gabinete – assessoria jurídica – aos utentes de ambos os projetos atrás mencionados.

## **A ESCOLHA DO TEMA**

A escolha do tema não foi fácil. Depois de algum tempo a investigar e fazer leituras sobre a temática da escola e a família, eis que surge a paixão por este tema. Apoiada na experiência que nos encontrávamos a viver nas equipas de rua a opção por tema revelou-se inevitável e natural.

Após diversas leituras e investigações sobre o tema, destacou-se um autor, José Machado Pais, cuja identificação temática foi imediata. A motivação para investigar as histórias de vida de alguns sujeitos junto dos quais nos encontramos a realizar intervenções ao nível do acompanhamento em equipas de rua nas ruas de Leiria de dia e de noite foi crescente“ (...) *Como qualquer sociólogo das classes sabe, a capacidade para cada um escolher, manter e justificar as suas próprias relações sociais é: uma capacidade aprendida que depende das origens sociais e familiares especiais. A conduta reflexiva da vida, o planeamento que cada um faz da sua biografia e das relações sociais, dá origem a uma nova desigualdade, a desigualdade no lidar com a insegurança e a reflexividade*” (Beck,1992:98, citado por Stoer e Magalhães, 2005:40-41).

É uma temática bastante rica e interessante do ponto de vista do estudo etnográfico, e ponto de vista pessoal. O contacto com a instituição de apoio ao público-alvo do estudo estava favorecida, pelo que, se encontravam reunidas as condições para iniciar um estudo mais aprofundado e com o apoio de técnicos experientes.

Pretendíamos que os sujeitos em estudo falassem, de viva voz, sobre as suas vidas, as suas experiências, as suas dificuldades, as suas expectativas. Que, ao lembrar, também eles redescobrissem as suas trajetórias esquecidas para que os pudéssemos ajudar a retomar o seu percurso.

Quanto à estrutura, esta dissertação apresenta-se dividida em quatro capítulos. O primeiro capítulo trata dos processos de exclusão social, desigualdades, desequilíbrios e desvios, o segundo aborda a mediação e intervenção social em contextos de exclusão social, o terceiro capítulo trata da metodologia utilizada no âmbito da investigação e o quarto capítulo é reservado às histórias de vida – vidas de rua – dos sujeitos investigados, às conclusões dos resultados obtidos e discussão dos mesmos. Para este fim, foram utilizadas grelhas de análise inspiradas na obra de Isabel Guerra (2006) com

a finalidade de captar alguns invariantes discursivos e comportamentais bem como a diferença entre os projetos futuros que os sujeitos apontam ou não no sentido de mudar ou não de vida.

No primeiro capítulo procurámos disseminar a pertinência do estudo ao mesmo tempo que se efetuou uma revisão da literatura sobre os temas da pobreza e exclusão social, da educação e instrução, trabalho, emprego e desemprego. São abordados temas específicos como o caso dos sem-abrigo, arrumadores de carros, prostituição, toxicod dependência, alcoolismo e o caso dos portadores de VIH/SIDA.

O segundo capítulo intitulado “Mediar e intervir” procura situar esta investigação no âmbito fundamental do mestrado designado por Mediação Intercultural e Intervenção Social. Por limitações de espaço, optámos por nos centrar nos processos de mediação intercultural que, de acordo com Gimenez (2010); Vieira (2013); Torremorel (2008); Cohen-Emerique (2011), Vieira e Vieira (2013), entre outros, se focam mais na prevenção, transformação e educação e portanto numa mediação como cultura social do que, particularmente, na intervenção resolutiva ou paliativa do final de linha.

De salientar o que estará presente ao longo de todo este trabalho *“falar de cultura de mediação significa manter uma visão ampla dos processos mediadores, que, frequentemente têm sido reduzidos a uma simples técnica de gestão ou resolução de conflitos”* Torremorel (2008:9).

O capítulo três ocupa-se de uma metodologia compósita onde sobressai o trabalho de campo com observação direta participante e a entrevista etnográfica e etnobiográfica e a investigação-ação uma vez que, para entrarmos no mundo dos sujeitos estudados, optámos por fazer voluntariado numa associação que tem como objetivo mudar, prevenir, reeducar, transformar e construir projetos de futuro a partir da investigação e do trabalho de terreno com os sujeitos.

No capítulo quatro apresenta-se a dimensão empírica da investigação de cariz etnográfico e biográfico, tentando compreender os quatro casos objeto de estudos categorizados como: Portador de HIV, ex-sem-abrigo, trabalhadora do sexo, arrumador de carros (ex-toxicod dependente), assim como a respetiva análise de dados.

Neste último capítulo, ao mesmo tempo que apresenta a os sujeitos em estudo faz uma análise do seu passado, presente e futuro idealizado, usando extratos das entrevistas aprofundadas para compreender as suas motivações as suas filosofias de vida os seus constrangimentos e os seus campos de possibilidade quanto a transformações e projetos futuros, A observação direta participante e não participante realizada cerca duas noites por semana durante dez meses, a par das entrevistas de natureza etnográfica e etnobiográfica (Vieira 2009, 2003, 2011, 2014) possibilitadas pela confiança conquistada com os sujeitos durante este trabalho de campo, constituem os dados cujo tratamento e discussão foram feitos através de sinopses disponibilizadas a par dos guiões de entrevistas e transcrições de entrevistas no II volume desta dissertação.

# CAPITULO1 - ENQUADRAMENTO TEÓRICO PROCESSOS DE EXCLUSÃO SOCIAL DESIGUALDADES, DESEQUILÍBRIOS E DESVIOS

## POBREZA E EXCLUSÃO SOCIAL

O conceito de exclusão tem sido paulatinamente utilizado para substituir o conceito de pobreza apresentando hoje um sem número de significados nem todos com o nível de clareza desejável (Costa, 1998) dados a diversidade de discursos políticos e intelectuais.

Para que se aborde o tema da pobreza e da exclusão social é necessário compreender as transformações sociais e económicas que estiveram na origem da conexão destes dois fenómenos.

Poder-se-á dizer, segundo Margarido *et al*, (2011:14) que em cada sociedade e em cada determinada época é o contexto que define o pobre. Segundo Mollat, (2006:14, citado por Margarido *et al*, 2011:14) *“o pobre é aquele que, de forma permanente ou temporária, se encontra numa situação de fragilidade, de dependência, de humilhação, caracterizada pela privação de meios, variável segundo as épocas e sociedades, de força e de consideração social: dinheiro, relações, influência, poder, ciência, qualificação técnica, honorabilidade pelo nascimento, vigor físico, capacidade intelectual, liberdade e dignidade pessoais. Vivendo o dia após dia, não existe hipótese de se levantar sem a ajuda do outro. Tal definição pode incluir todos os frustrados, todos os deixados à sua sorte, todos os a-sociais, todos os marginais; não é específica de nenhuma época, de nenhuma região, de nenhum lugar. Também não exclui aqueles que, pelo ideal ascético ou místico, quiserem desligar-se do mundo ou que, por devoção, escolheram viver pobres entre os pobres”*.

Segundo Costa (1998) a pobreza poderá ser definida como a situação de privação por falta de recursos que se traduz em más condições de vida. Paugam (2003 citado por Margarido *et al*, 2011:11-12) defende que a pobreza para além da privação de recursos materiais *“corresponde igualmente a um estatuto social específico, inferior e desvalorizado que marca profundamente a identidade dos que a experimentam”*.

**Quadro 1 – Perspetivas acerca do conceito de Pobreza**

<b>PRIVAÇÃO FISIOLÓGICA</b>	Privação associada à insuficiência ou falta de recursos materiais, enquanto condição fundamental	
	<b>ABORDAGEM CENTRADA NO RENDIMENTO E NO CONSUMO</b>	Esta abordagem é a mais antiga e tem como progenitora a «economia de bem-estar». A pobreza é ditada com base em critérios absolutos ou relativos, ou seja, os indivíduos que não possuam um determinado nível de rendimentos e/ou de consumo são considerados pobres e por isso, estão numa posição abaixo da linha do que é entendido por «bem-estar».
	<b>ABORDAGEM CENTRADA NAS NECESSIDADES HUMANAS BÁSICAS</b>	Esta perspectiva foi desenvolvida nos anos 70 e, com base na <i>Abordagem Centrada no Rendimento e no Consumo</i> foi possível expandir o significado dado ao termo «necessidades básicas», presentes na anterior abordagem. Entende-se que, <i>necessidades básicas</i> englobam as condições básicas, nomeadamente, as alimentares, as de vestuário, de acesso aos cuidados de saúde, de acesso à educação, condições habitacionais e água potável, enquanto condição mínima necessária no sentido de prevenir doenças, subnutrição, e <i>ignorância</i> .
<b>PRIVAÇÃO SOCIAL</b>	A Privação Social coloca ênfase na essência da pobreza, enquanto fenómeno social, associada à perda do laço social. Esta abordagem assemelha-se ao conceito de exclusão social.	
	<b>ABORDAGEM CENTRADA NO CONCEITO DE POBREZA HUMANA</b>	Concepção fundamentada pelo PNUD, presente essencialmente em dois relatórios (1996 e 1997). É baseada em estudos executados por Amartya Sen, onde o autor menciona os conceitos de <i>capacidade</i> e o de <i>funções</i> . O primeiro relacionado com “ <i>o que podemos fazer</i> ”, e o outro com, “ <i>o que fazemos</i> ”. Assim, a pobreza é mencionada como a incapacidade de “ <i>desenvolver uma vida longa, saudável e criativa e de usufruir de um nível decente de vida, com liberdade, dignidade, respeito por si próprio e respeito dos outros</i> ”.
	<b>ABORDAGEM CENTRADA NAS CONSEQUÊNCIAS AO NÍVEL DA EXCLUSÃO SOCIAL</b>	Abordagem essencialmente fundamentada por Townsend e reconhecida pelo Instituto Internacional de Estudos Laborais da Organização Internacional do Trabalho. Segundo o sociólogo, a expressão «pobreza» está interligada com os conceitos de <i>cidadania</i> e de <i>integração social</i> . Assim, na sua óptica, a pobreza deve ser encarada enquanto não acessibilidade de recursos considerados fundamentais; recursos que proporcionam um nível de sustentabilidade e de qualidade de vida enquadrado no padrão social dominante.
	<b>ABORDAGEM PARTICIPATIVA</b>	Perspectiva que defende a pobreza enquanto fenómeno da não participação dos indivíduos na realidade social. O principal, segundo os autores que a sustentam, não é a natureza da pobreza, em si, que é relevante, mas sim quem a define, ou seja, devem ser os próprios «pobres» a defini-la. Esta «não participação», num sentido mais restrito, deve-se a condições intrínsecas ao sujeito, nomeadamente questões como a falta de dignidade, de auto-estima, de segurança e de justiça, que colocam o indivíduo impossibilitado de aceder não só a um rendimento e às relações sociais, mas, também, às necessidades básicas tais como os cuidados de saúde.

**Fonte:** Construção dos autores Margarido *et al*, (2011:15) com base no Relatório do Programa global Estratégias e Técnicas contra a Exclusão Social e a Pobreza, 2003

A privação de recursos ou rendimentos poderá advir de uma situação de ausência de saúde, trabalho, instrução ou relação e poderá afetar outros sistemas sociais como o educativo, o político, o comunitário, entre outros, originando um caso de exclusão social. A pobreza e exclusão social são fenómenos sociais que se complementam e se reforçam mutuamente. Na verdade, em situação de exclusão social verifica-se a ausência de bens e recursos materiais, levando o sujeito à privação, pobreza e rejeição.

Pelo facto de as desigualdades serem inerentes a qualquer forma de sociedade, quer a pobreza quer a exclusão social são um produto social. A exclusão social emerge quando as desigualdades se tornam penosas de gerir e impossibilitam a mobilização de recursos tendo como objetivo uma participação plena enquanto membros da sociedade a que pertencem.

A exclusão social resulta da falta de articulação entre as diferentes partes de uma sociedade e os indivíduos, levando ao seu afastamento e não-participação num conjunto de direitos que definem um membro de pleno direito da sociedade – fazendo dele um excluído da sociedade Capucha (1998:5 citado por Margarido *et al.* 2011:17).

Já em 1974, René Lenoir se referia ao excluído como o que estaria “fora” do benefício do progresso das sociedades modernas. A nível simbólico o sujeito tende a ser excluído quando é [...] *rejeitado de um certo universo simbólico de representações, de um concreto mundo de trocas e transações sociais*” (Fernandes, 1995:17).

Este fenómeno tem repercussões não apenas no agravamento das condições de vida mas bem assim na transformação da identidade do sujeito excluído que passa a ser dominado por sentimentos como o de inutilidade, incapacidade de lidar com os obstáculos o que na maioria acaba por desembocar numa atitude de resignação.

Uma vez que a exclusão social está intimamente ligada a uma desintegração social (menor solidariedade; risco de marginalização), mutações económicas (emprego precários, desemprego), desintegração de relações familiares e sociais (novas tipologias e estruturas familiares; enfraquecimento de redes de entreajuda), a rutura de laços sociais conduz a uma quebra da unidade social, surgindo uma espécie de novas classes sociais denominadas “*classes perigosas*” ou “*classes marginais*” cuja intervenção do Estatal tem passado, quase exclusivamente, por catalogar e controlar por forma a não ‘perturbar’ a normalidade da vida social dos demais. (Rodrigues *et al.*, 1999:66).

O enfraquecimento dos laços sociais e a constante degradação do mercado de emprego e economia em geral conduzem ao surgimento do que Serge Paugam (2003) denomina de “*nova pobreza*” que atinge cada vez mais população uma vez que a sua situação de vulnerabilidade económica e social as pode conduzir a situações de exclusão social.

Este autor considera que a sucessão de insucessos em diversos níveis pode conduzir uma pessoa a uma situação de rutura e, conseqüentemente, a uma dependência do sistema de proteção social.

Paugam (2003) defende a existência de um processo de desqualificação social que se inicia com a fragilidade. O estado de fragilidade pode ser caracterizado segundo o autor pelas dificuldades atravessadas em determinada altura da vida. A fragilidade pode operar por dificuldades de inserção social ou profissional. Nesta ‘primeira fase’ se assim pudermos chamar, o indivíduo não se reconhece como carente de assistência ou a sua aceitação interna poderá não ser pacífica. Várias podem ser as causas para esta situação de fragilidade: a perda de emprego, ruturas familiares, perda de bens (casa) entre outros. Nas palavras de Paugam (2003:15) *“A fragilidade corresponde à aprendizagem da desqualificação social [...] têm a sensação de que o fracasso que os oprime é visível por todo o mundo”*.

A situação de fragilidade quando não resolvida poderá dar origem à fase da dependência da assistência das prestações sociais ou dos trabalhadores sociais. A experiência da desqualificação social é difícil e altera a visão do mundo, dos outros e de si próprio.

Desta forma, os fenómenos de exclusão, desemprego, ruturas familiares, etc., tendem a suceder-se e quando ocorrem de forma descontrolada, o sujeito poderá estar em situação de dependência do sistema social. O indivíduo torna-se assistido ou dependente do sistema social, algum tempo de desalento e de impasse após ter ficado em situação de fragilidade. Todo o tempo em que esperou conseguir um trabalho ou retomar a sua vida tornou-se num motivo para aceitar a dependência do sistema social e com ele manter contactos regulares. Aceita a condição de assistido.

Quando, após todo este percurso, o indivíduo não aceita a condição que lhe pode ser proporcionada pelo sistema social, ocorre a rutura. Passamos à última fase do processo: a marginalização. Por alguma razão, alguns deixam até de ter apoios sociais (perdem papeis, deixam de se apresentar quando necessário, não cumprem regras impostas etc...) (Paugam,2013:17-19). Magoados com a vida e ainda mais com a falta de oportunidades, sentem-se inúteis e refugiam-se na sua solidão. Ainda que venham a ser incentivados a lutar pelos seus direitos e por uma vida melhor ou por melhores

condições de vida, muitos rejeitam em prol da sua liberdade, que consideram o único bem que têm na vida.

Assim, a discussão em torno da exclusão social não poderá passar apenas pelas desigualdades sociais pois o rumo dessas desigualdades sociais levaram a uma crise identitária que caracteriza os atores sociais de um processo de exclusão social: *“La deuxième forme identitaire au croisement du “communautaire” et de l’identité pour soi se caractérise para l’émergence d’un Je réflexif s’individualisant pour un engagement vers un Nous Conçu comme une communauté de projet, de référence, bref, un autrui généralisé[...] Cette forme identitaire, reflexive, affirme, à l’intérieur d’un Nous «communautaire» (religieux, politique, philosophique, etc...) un Je intime, réflexif, affirmant et son appartenance et sa singularité dans l’appartenance”*. (Dubar, 2002:159)

Segundo Costa (2001:10) a mobilização do conceito de exclusão social teria sido para substituir o termo pobreza. Sucede que, segundo o mesmo autor, *“Pobreza e exclusão social são [...] realidades distintas e que nem sempre coexistem”* já que considera que pode haver exclusão social antes do *“fim da linha”* (Vieira, 2013). A exclusão social poderá assim ser considerada desde o início do processo de marginalização (Rodrigues *et al*, 1999:64-65). Para além das dificuldades de integração, enfrentam também a incapacidade de superar o processo de etiquetagem que as identifica como desfavorecidas. Como podemos viver tolerando isto? Ou será a tolerância o caminho? Na senda de Vieira concordamos que a tolerância não basta! Não basta ignorar quem necessita de ajuda, quem se encontra desajustado socialmente, *“Se se tolera a intolerância, aceita-se a injustiça”* (Vieira2011:102),

Em suma, a exclusão social configura assim um *“fenómeno multidimensional, como um conjunto de fenómenos sociais interligados que contribuem para a produção do excluído. Coexistem ao nível da exclusão, fenómenos sociais diferenciados, tais como o desemprego, a marginalidade, a discriminação, a pobreza, entre outros”*. (Rodrigues, *et al*, 1999:64-65).

## EDUCAÇÃO E INSTRUÇÃO

*“Temos o direito de ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito de ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades”*

*Boaventura de Souza Santos*

Durante o seu crescimento, o indivíduo desenvolve a sua capacidade de questionar criticamente o mundo que o rodeia, criando um código de valores próprios baseado na capacidade de agir adquirido com as relações estabelecidas entre si, a sua realidade social e o mundo. Responde de acordo com os códigos de conduta que previamente validou, considerando-os adequados no caso.

Os processos de aprendizagem do ser humano dão-se assim por interação com outros seres humanos e com o meio físico e social envolvente, servindo os comportamentos observados e apreendidos de modelo para os seus próprios comportamentos.

A família surge como agente socializador principal. É no seio familiar que as crianças estabelecem as ligações afetivas fundamentais, que são recebidas indicações de modelos de comportamento e que lhe são transmitidos os modelos de interação com os outros. Isto é, com o que está para além dos ‘muros de casa’. O sucesso da aprendizagem da criança deverá ser tido como uma conjugação de esforços no sentido no crescimento, da estabilidade emocional e do sucesso académico por parte da criança, da família e dos professores.

A história da instituição escolar é relativamente recente. No século XX, foi crescente a importância da escola em termos de instrução quer de homens quer de mulheres que buscavam maior formação profissional.

Durkheim preconizava uma ideia de integração onde a subordinação prevalecesse à emancipação. Apesar de ainda hoje alguns a entenderem e aceitarem como válida, não é nosso entendimento que assim seja já que se considera que esta conceção potencia uma postura de resignação, impede o envolvimento social e potencia a diferença como fator potencial do conflito: *“(…) como qualquer sociólogo das classes sabe, (a capacidade para cada um escolher, manter e justificar as suas próprias relações sociais é) uma*

*capacidade aprendida que depende das origens sociais e familiares especiais. A conduta reflexiva da vida, o planeamento que cada um faz da sua biografia e das relações sociais, dá origem a uma nova desigualdade, a desigualdade no lidar com a insegurança e a reflexividade*". (Beck,1992:98, citado por Stoer e Magalhães, 2005:40-41).

Para além de ser o local onde eram transmitidos os conhecimentos que procuravam, a escola passou também a assumir também um papel de agente socializador que se viria a assemelhar ao da família. *"Toda a pessoa tem direito à educação. A Educação deve ser gratuita, pelo menos a correspondente ao nível elementar fundamental. O ensino elementar é obrigatório"* art. 26.º Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948, plasmado no nosso ordenamento jurídico também na Constituição da República Portuguesa, nos artigos 16.º e 74.º, (cf. Anexo C do II volume desta dissertação)

Espaço privilegiado para o encontro de alunos oriundos das mais distintas proveniências, espera-se que a escola proceda a um acolhimento à medida das necessidades de inclusão quer institucional quer social. Segundo Américo Peres, (citado por Vieira 2013:37) *" (...) é inevitável repensar o papel do Estado e das instituições educativas no ensinar a aprender a viver juntos"*. Escola e família deveriam assumir posições paralelas onde, lado a lado, cooperassem no sentido de proporcionar uma educação de excelência e uma aprendizagem rica não apenas em conceitos mas em experiência. Sempre se dirá, que poderá ser moldado através da influência das dos outros, no entanto, mais livre dentro do ser "biopsicossocial" que é.

Esta não tem, de facto, vindo a ser a realidade a que assistimos nestes últimos anos. A escola reclama a falta de tempo dos pais para se dedicarem ao acompanhamento escolar dos filhos o que se denota quer pelos fracos resultados escolares quer pelos excessos cometidos. Os pais, por seu turno, reclamam a ausência de um plano curricular mais voltado para a transmissão de valores que preparem os estudantes para os desafios do mundo do trabalho.

Pelas razões aduzidas anteriormente, a par da realidade política, económica e social, a educação encontra-se em constante reformulação no sentido de encontrar novas respostas aos permanentes desafios da sociedade: *"sem educação não há cidadão e a cidadania global não se constrói discriminando os grupos sociais subalternizados,*

*violando os direitos políticos e civil, económicos e sociais, ambientais, todos eles interdependentes e a necessitarem de políticas que os legitimem”* (Peres, 2002, citado por Vieira, 2013:38).

Educar significa oferecer a alguém o necessário para que esta pessoa consiga desenvolver plenamente a sua personalidade, propagar ou transmitir conhecimento (instrução) a; oferecer ensino (educação) a; instruir. Para educar, temos necessariamente de ouvir o outro, de o conhecer e principalmente de o respeitar, em todos os aspetos, individuais, culturais e comportamentais.

Walo Hutmacher define cultura como “...o conjunto dos objetos materiais e simbólicos, o universo de experiências e de significados habitado por um grupo social”. De acordo com Silva (2003:354-355), esta definição deverá ser ‘permeável’ aos conceitos de homogeneidade cultural, heterogeneidade social, pluralidade cultural e ainda ser utilizado numa aceção lata ou restrita.

Só mais recentemente, durante os anos 70 e 80 se começaram a fazer os primeiros estudos no âmbito da sociologia da educação que tinham por base o estudo na realidade cultural dos discentes e o impacto da mesma no meio académico. Nestes estudos, bem como em grande parte das obras da área da sociologia da educação, prevalece uma vez mais a postura inquestionável e hegemónica da escola. À relação escola-família nunca foi dada a devida importância bem como ao impacto dessa relação no desempenho escolar do discente. Segundo Silva (2003:355-356), a relação escola-família constitui uma relação entre culturas: um encontro entre a cultura escolar (do aluno e dos seus pais) e a cultura social de que são portadores.

De forma teórica, poderemos afirmar que todas as relações entre escola-família seriam iguais. No entanto, perante a escola algumas famílias, nas palavras de Orwell “*são mais iguais que outras*” (citado por Silva 2014:406). A escola tem muitas formas de “*deixar as culturas dos alunos à porta*” (Silva,2003) fazendo-os sentir inferiores por não participarem em determinada atividade, pela forma como se vestem, como brincam, como se relacionam, como aprendem ou como se comportam. Instrui e educa à imagem da cultura dominante, talvez por desconhecimento ou talvez por falta de abertura.

Ao ignorar a cultura de cada um, tratando todos de igual forma, a escola acaba por discriminar os alunos (Bourdieu,1992). Discriminação, que, entenda-se, se estenderá às respectivas famílias e meios sociais onde vivem.

Importa ainda salientar a relação escola-família em duas dimensões: individual e coletiva. Nesta relação, de acordo com os estudos realizados abordados na obra de Silva (2014), o acompanhamento realizado por parte da família (no lar) é tão ou mais importante do que o que a aprendizagem feita na escola.

Perante o que ficou dito, a escolaridade dos pais ou a cultura poderão influenciar, diretamente o desempenho escolar do aluno. A escola é, neste momento, um dos contextos de aprendizagem da cidadania, mas não é, nem poderá ser tida como o único. Através de atividades e/ou projetos, são abordados temas como a educação para os direitos humanos, educação ambiental, educação rodoviária, educação financeira, educação do consumidor, educação para o empreendedorismo, educação para a igualdade do género, a educação intercultural, educação para o desenvolvimento, educação para a defesa e a segurança/educação para a paz, voluntariado, educação para os media dimensão europeia da educação e a educação para a saúde e a sexualidade.

A prática da cidadania tem implicações na vida de qualquer cidadão e resulta da participação informada e refletida acerca dos problemas sentidos por cada um e pela sociedade. Implica uma tomada de consciência que se consubstancia num comportamento que tem como referência os direitos humanos, a justiça social, a liberdade e a democracia (de acordo com os direitos fundamentais da CRP – cf. anexo C).

A educação para a cidadania visa transmitir este conjunto de direitos e deveres, contribuindo para a formação de cidadãos mais responsáveis, autónomas e conhecedoras dos seus direitos e deveres que tenham uma participação ativa na sociedade e na sua vida cívica, individual e coletiva. O modo como são transmitidos estes conteúdos leva-nos a questionar se a escola estará a dar a devida importância aos valores da cidadania. Será este um dever da família enquanto agente socializador que, por não estar a conseguir cumprir, o Estado cometeu à escola? Quer numa situação quer noutra, parece-nos que os valores da cidadania mormente dos Direitos Humanos, a

igualdade do género, direito à paz/segurança, poderão não estar a ser transmitidos e assimilados de forma consciente pelos sujeitos.

Trata-se de temas importantes e transversais que interessam a todos os membros de uma sociedade e cujo respeito depende a convivência pacífica. Será possível a construção da escola intercultural, igual em direitos mas reconhecendo a cada um as suas especificidades, as suas limitações?

De acordo com os resultados recolhidos no âmbito da presente investigação pudemos confirmar que em quase todos os casos de estudo (senão em todos) estaríamos perante sujeitos a quem não foram transmitidas quaisquer noções de cidadania e cujas ruturas familiares teriam ditado prévias ruturas escolares. Alguns desconhecem que são portadores de direitos outros parecem ignorar os deveres que lhes são cometidos. Conscientemente? Por vezes sim outras nem tanto. Foram ‘devolvidos à rua’ à rua e consideram-no como o seu espaço. Reconhecem-se agora com mais deveres do que direitos e nem ousam contestá-lo, outros porém, gozam a liberdade por que tanto lutaram.

São cidadãos da rua, respeitam as regras impostas por esta ‘comunidade’, vivem com o que têm, fazem uso de um código linguístico próprio, afinal trata-se de *‘cidadãos da comunidade da rua’*. Trabalham segundo regras e horário próprio.

A temática dos percursos académicos e pessoais dos sujeitos em estudo assume crescente importância. Segundo Peres “*sem educação não há cidadão e a cidadania global não se constrói discriminando os grupos sociais subalternizados, violando os direitos políticos e civil, económicos e sociais, ambientais, todos eles interdependentes e a necessitarem de políticas que os legitimem*” (Peres, 2002:4).

É nesta medida que a mediação intercultural se afigura necessária a vários níveis. Não é de todo desejável chegar ao *fim da linha* (Vieira, 2013), urge antes de mais dotar as partes de autonomia, de diálogo e de ‘empoderamento’ em relação às decisões que tomam.

Perante a realidade dos nossos dias, é clara a necessidade crescente de escola e família cooperarem na tarefa de educar e instruir indivíduos de forma plena, capazes de se desenvolverem e de exercerem os seus direitos e deveres de modo livre e consciente.

## **TRABALHO, EMPREGO, DESEMPREGO**

Na origem da maioria das situações de exclusão social estão situações de desemprego ou de emprego precário. Deste modo, a distinção entre trabalho, emprego e desemprego assume grande relevância quando falamos de exclusão social.

Blanch (1990:112 citado por Rodrigues *et al* 1999:75) define trabalho como “ *conjunto de atividades humanas, retribuídas ou não, de caráter produtivo ou criativo que, mediante o uso de técnicas, instrumentos, materiais ou informações disponíveis, permite obter, produzir ou prestar certos bens, produtos e serviços. Nesta atividade, a pessoa fornece energias, habilidades, conhecimentos e outros recursos e obtém algum tipo de compensação, material, psicológica e/ou social*”.

Distinta será a definição de emprego, esta assenta fundamentalmente sobre na “*legitimação de uma atividade de trabalho através de uma relação contratual constituída entre duas partes*” (Andrade, 1989 citado por Rodrigues *et al*, 1999:74). Podemos concluir que a característica distintiva do trabalho e emprego será não o conteúdo das tarefas realizadas mas o regime contratual sob o qual estas são desempenhadas. Sempre se dirá que emprego será caracterizado como trabalho remunerado levado a cabo sob determinadas condições.

Hodiernamente, as precárias condições de emprego levam a um enfraquecimento das relações contratuais e a um decréscimo acentuado dos empregos o que por sua vez aumenta a instabilidade económica e favorece a sua associação a determinadas formas de exclusão social.

O desemprego, por seu turno, é definido como a ausência de emprego ou de trabalho regulado por relação contratual válida. Neste momento, dada a crise económica e a falta de emprego, é visível a pressão crescente sobre os trabalhadores que detêm um emprego, a dificuldade com que os trabalhadores que aceitam formas precárias de emprego lidam com essa realidade (empregos a *part-time*, recibos verdes, contratos a termo certo) e ainda o aumento constante do número de desempregados. Esta realidade faz com que as transformações sociais que ocorrem afetem de forma transversal e continuada a vida de muitos jovens que se depararam todos os dias com a necessidade de reinventar uma nova forma de subsistir.

O valor do trabalho (e do emprego) é sem dúvida inestimável. É ele que dá voz ativa e coloca o sujeito enquanto titular de direitos e deveres na esfera social.

Para além de ser uma fonte de rendimentos, o trabalho é também a dimensão que concede ao indivíduo um estatuto e identidade pessoais que interfere com a sua vida em sociedade: “*O exercício de uma atividade profissional impede uma situação de exclusão social [...], proporcionando ao indivíduo um contexto de vida normativo*” (Negreiros e Magalhães, 2005:11 citado por Margarido *et al*, 2011:21).

A integração, por oposição à exclusão, é promovida pelo Estado, através de políticas de fomento à criação de trabalho. Enquanto detentores de um trabalho, um meio de subsistência, estarão aptos para consolidar relações sociais e familiares alcançando-se a almejada integração de forma plena.

Com este estudo, são tratadas diversas realidades de trabalho de quem se encontra em situação de exclusão social. Pretende-se aclarar o processo que cada um está a atravessar e quais as suas perspetivas de futuro.

Trata-se de sujeitos que lutam diariamente pela sua sobrevivência e que, uma vez sem trabalho, (por opção ou não) lançam mão do que têm ao seu alcance para poderem realizar algum dinheiro que lhes permita a sobrevivência ou a satisfação do vício, pequenos trabalhos designados por Machado Pais (2001) como “*Ganchos, tachos e biscates*”.

A maioria dos trabalhos que estes sujeitos realizam têm lugar num espaço privilegiado, um espaço onde passam a maior parte do seu tempo, onde se sentem livres para desenvolver as atividades que consideram atinentes a ganhar algum dinheiro e em alguns casos onde moram: *a rua*.

Não raras vezes estas atividades passam por trabalhos precários (arrumadores de carros; trabalhadoras do sexo) ou por vezes até ilegais (tráfico de drogas, pequenos furtos).

Este tipo de comportamento que poderá aumentar a estigmatização destes indivíduos. Será que o sentem? Esta situação poderá nem ter sido considerada ou sequer pensada já que é em muitos casos agravada por problemas de álcool e drogas, pré-existentes ou supervenientes a esta situação. Atravessam uma fase caracterizada pela incerteza quanto ao futuro.

Com Marc Soulet (2005) concordamos que este contexto marcadamente responsabilizador do indivíduo favorece a sua vulnerabilidade perante a sociedade, de tal forma que o indivíduo sobrepõe o pensamento dos seus problemas enquanto pessoais e não sociais.

*“La vulnérabilité est à saisir dans la relation entre un groupe ou un individu ayant des caractéristiques particulières (notamment un déficit de protection pour se garder de la potentialité à être blessé) et un contexte sociétal qui imprime la capacité à agir à partir de soi. Autrement dit, parler de vulnérabilité en soi n’a pas de sens dans la mesure où des individus singuliers sont vulnérables dans certaines conditions (variables et inégalement distribuées selon les individus) et dans celles-ci seulement”* (Soulet, 2005:50).

Inevitavelmente, os campos de possibilidades (Vieira, 2009) destes indivíduos são desde logo condicionados pela sua trajetória e pelo nível de vulnerabilidade social. Bruto da Costa (2008) defende que a exclusão social é a *ruptura de laços de cidadania e de não cumprimento efetivo dos direitos humanos*. De facto, o campo de possibilidades ou o projeto de vida de um arrumador de carros será necessariamente diferente caso desempenhe essa atividade para fazer face às suas adições (álcool, drogas) ou para sobreviver.

Sempre se dirá que todas as situações de vulnerabilidade social deverão ser encaradas como inseridas em determinada época histórica e enquadradas numa sociedade que de certa forma os estimula e propicia o seu aparecimento.

De acordo com Gooffman (1988:148) *“o normal e o estigmatizado não são pessoas, mas sim perspetivas que são geradas em situações sociais”*, isto é, o estigma<sup>6</sup> é visível pelos olhos dos que se consideram “normais” e leva a um afastamento dos demais. Esta discriminação poderá ser de tal forma violenta que o próprio indivíduo a reconheça em si e se identifique com ela.

---

<sup>6</sup> Palavra de origem grega que se referia a marcas corporais fora do comum, entendidas como negativas que marcavam indivíduos que deviam ser evitados ou prevaricadores (Goofman,1988).

Para que possamos abordar a questão da estigmatização teremos obrigatoriamente de nos voltar às questões relacionadas com a identidade com a sua construção e com o seu reconhecimento.

Na esteira de Vieira (1999), a construção da identidade é resultado de uma metamorfose cultural, hétero-construída entre um contexto de partida e um contexto de chegada.

Ao haver uma identificação do sujeito marginalizado com a figura do estigma, passa ele próprio a reconhecer como sua, essa característica, e a assumir como ‘normais’ os comportamentos em relação à sua pessoa e à sua condição.

Machado Pais (2001:338) exemplifica este comportamento com o caso dos arrumadores de carros que são considerados “*drogados*”, “*marginais*”, “*delinquentes*”, e muitas vezes acabam por adotar o papel que lhes é imputado utilizando a violência para obter um benefício por meio do medo que causam aos outros.

Também Declerck (2001, citado por Menezes, 2008:67) refere a função do estigma como reforço da ordem social “*le clochard, comme le criminel, le toxicomane et la prostituée, est une des grandes figures de la transgression social. Il est la figure emblématique de l’envers ricanant de la normalité et de l’ordre social*”.

É nesta (re) construção da identidade que entendemos que deve ser trabalhada a autonomização do sujeito. Como tivemos oportunidade confirmar, cada um destes sujeitos necessita do seu (sublinhado nosso) tempo e espaço para (re) pensar, delinear e implementar o seu projeto de vida. Outros haverá, que pelas mais diversas razões não colocam sequer essa possibilidade.

O que explorámos com os casos de estudo foi, essencialmente, a existência ou não de um projeto de futuro definido. Em caso positivo, se existem ou não condições para trabalhar nesse sentido. Serão assim abordadas 4 histórias de vida: a de um arrumador de carros alcoólico ex-toxicodependente; a de uma trabalhadora do sexo; a de um ex-sem-abrigo e a de um portador de doenças contagiosas.

### ***SEM-ABRIGO***

A pluralidade de significados atribuídos ao conceito de sem-abrigo faz com que seja difícil conseguir uma definição inequívoca e capaz de explicar o fenómeno em toda a sua globalidade.

Segundo Moura (2000:14) *“O nosso quotidiano civilizado está cheio desses seres que mantendo uma similar aparência física, se afastaram de tal maneira da humanidade que perderam o laço comum. Pelo que estão reunidas as condições objetivas e morais para a chacina dos homens lixo. E essa é já uma prática quotidiana. Imposta pelas autoridades, desculpada pela moral pública, exigida pela economia”*.

Resulta assim que a ideia de que o sem-abrigo é uma pessoa que se encontra impedida de ocupar uma casa de forma segura é demasiado redutora. Ser sem abrigo poderá significar não ter acesso regular a uma residência (habitação), à sua própria residência.

Este fenómeno é difícil de clarificar, contextualizar e de acordo com Leanne Rivlin (1985,1986) podem ser descritos com base na duração do período em que estiveram na rua e conseqüentemente o risco e vulnerabilidade por estes sofridos.

Segundo este autor existem quatro tipos de sem abrigo: o crónico – na grande maioria das vezes associado às dependências (alcoolismo, toxicod dependência) e que mantem contactos com pessoas na mesma situação; o periódico – o que tem um local onde pernoitar mas que o deixa quando sente que o seu local é a rua, apesar de ter disponível um local seguro para dormir, descansar e pernoitar optar pela escolha mais insegura mas onde se sente melhor em situação de tensão; o temporário: encontra-se temporariamente nesta condição mas pretende voltar à sua situação anterior assim que possível (desemprego, doença, imigração, mudança social) e o total, o que não se identifica com a comunidade e que vive de forma completamente distinta dos demais. Imagina o seu futuro a muito curto prazo e sente a rua como a sua casa, o seu local natural.

Para além dos sem-abrigo designados por alguns autores como crónicos, já que vivem nesta situação há já muitos anos, durante a investigação apercebemo-nos que vão surgindo ‘novos tipos’ de ‘sem-abrigo’. Rompimentos de relações familiares, desemprego ou a doença têm levado algumas pessoas a deixar a sua habitação (de forma voluntária ou não) para viverem na rua.

Nestas situações, por vezes, o único bem que lhes resta é um veículo. É aí que passam a pernoitar. Aguardam que a situação melhore. Esperam ajuda ou recusam-na. Depende do caso, depende do sujeito. Certo é que é um novo ‘tipo’ de sem-abrigo que durante a investigação se verificou ter vindo a surgir com cada vez mais frequência.

Voltando-nos ainda para a definição de sem-abrigo, consideramos bastante redutora a ideia de que um sem-abrigo é alguém que não tem um espaço físico onde pernoitar já que na sua grande maioria, estes indivíduos têm uma história de vida marcada pelo trauma, pela violência ou até pela doença mental, o que os faz não ter estrutura social, psicológica e económica para que possam ter a segurança necessária para viver de forma autónoma numa habitação considerada sua.

Somos da opinião que um sem-abrigo é muito mais do que alguém que não tem onde pernoitar. É alguém que necessita de reconstruir toda a sua rede social e psicológica por forma a poder ter um local que considere seu, o assuma e respeite como tal. Caso tal não aconteça, o seu local vai ser sempre a rua e é para lá que irá voltar em situação de crise ou insegurança.

Poder-se-á pensar que no caso dos designados por Rivlin (1985/1986) como sem-abrigo periódico ou temporário não caberiam nesta definição mas entendemos que também estes, ainda que temporariamente, perdem a sua rede de suporte social, psicológica ou económica e por essa razão são levados à rua. Como a sua visão poderá não estar tão ‘turva’ como a de um sem-abrigo crónico ou total, conseguem focar-se no seu objetivo e conseguir alcançá-lo.

Assumir a condição de sem abrigo significa perder laços com as várias estruturas sociais como a família, a escola e o trabalho. ‘Perder laços’ neste contexto quer significar a perda do sentido de pertença, de identificação com determinado grupo ou pessoa. Sem se identificar com nada, o indivíduo pertence apenas a si e está consigo. Só. (Paugam,2003:17). Desta forma autoexcluem-se e são excluídos pela sociedade devido à sua condição.

Em 2003, este problema social foi considerado uma questão complexa pelo que deverá ser considerada numa perspetiva mais abrangente onde se realçam três motivos explicativos desta realidade: uma opção de vida; por motivos patológicos (mormente doenças mentais) ou como consequência de uma situação negativa.

### **ARRUMADORES DE CARROS**

De acordo com Machado Pais (2001:311) ao arrumador de carros é associada a figura do “*jovem gadelhudo, vagabundo, sem-abrigo, drogado*”.

O arrumador de carros surge como uma figura do medo na cidade<sup>7</sup>, pelo que são diversas as intervenções ao nível do controlo social.

Apesar de estar relacionado com as figuras acima mencionadas, o medo associado é menor pois considera-se que se “*exerce um maior controlo sobre o seu comportamento através da conduta «dar a moedinha»*” e bem assim porque o risco que se corre é um risco de ver destruído um bem patrimonial (veículo) e não um risco pessoal.

Todos estes riscos, segundo (Rémy e Voyé, 1981 citados por Pais 2001<sup>8</sup>) podem ser interpretados como «gestos de rutura» em relação à «urbanidade convencional».

A urbanidade quererá aqui significar a ordem implícita de participar dando uma moeda; quando tal não aconteça, poderá dar origem a um ato punitivo ou coercivo. Estes riscos, conforme já referido, não são contra as pessoas, não constituem riscos pessoais mas riscos contra a propriedade.

Esta investigação vem mostrar, corroborando, de resto, os resultados de outras investigações feitas sobre a mesma temática (Fernandes, 2012; Cordeiro, 2011; Machado Pais, 2001) que a ideia de que os arrumadores se trata exclusivamente de pessoas delinquentes e perigosas não corresponde por completo à verdade e que apesar da grande maioria dos arrumadores de carros serem pessoas com adições, existem casos de pessoas reformadas ou com doença mental que se encontram também a desenvolver esta atividade, como se de uma terapia ocupacional se tratasse.

O trabalho dos arrumadores de carros é levado bastante a sério. As distribuições territoriais (dos parques) são respeitadas e há um sentimento de classe entre si atuando no cumprimento do que consideram ser o seu dever de arrumador.

Os estudos acerca desta temática são muitas vezes realizados por apenso ao estudo de outras problemáticas. É um tema mais desenvolvido e estudado a nível local (municipal)

---

<sup>7</sup> Matias e Fernandes, Desarrumar o medo... O arrumador de carros como figura do medo na cidade.

<sup>8</sup> Pais, José Machado, Jovens «arrumadores de carros» -a sobrevivência nas teias da toxicodependência – Análise social, vol XXXVI (158-159), 2001, 373-398.

do que propriamente ao nível nacional já que é um fenómeno que ocorre com ritmos diferentes e bastante flutuantes tendo normalmente uma intenção interventiva.

Os estudos mais recentes sobre o tema foram realizados por José Machado Pais em 2001, no livro *“Ganchos, Tachos e Biscates – Jovens, Trabalho e Futuro”*, onde reflete as formas alternativas encontradas pelos jovens para sobreviver.

Margarida Matias e Luís Fernandes, publicaram em 2009, um artigo denominado *“Desarrumar o medo... o arrumador de carros como figura do medo na cidade”* na revista *Toxicodependências* que pretendia também explanar a forma de sobrevivência destes indivíduos.

Uma das investigações mais recentes sobre o tema foi realizada pela socióloga Lisete Cordeiro na sua dissertação de mestrado em Serviço Social (ISCTE) intitulada *“Contributos para uma intervenção social participativa: o caso dos arrumadores de carros”* em 2011.

De acordo com este estudo (Cordeiro, 2011) o perfil comum de um arrumador é: *“homem, entre os 20 e os 40 anos, com baixas habilitações literárias, toxicodependente, com um percurso profissional caracterizado normalmente por uma sucessão de trabalhos precários, e conseqüentemente, instabilidade profissional...”* (Cordeiro, 2011).

Neste trabalho procurámos perceber essencialmente o que os levou à rua, qual o motivo da rutura e acima de tudo o que os levou à rua, porque o continuam a fazer e acima de tudo perceber se esta é uma opção de vida ou uma vida sem opção. A investigação desta atividade revela-se assim bastante pertinente na medida em que apenas com a articulação entre os mecanismos de serviço social, mediação intercultural e estruturas municipais poderá encontrar-se uma solução adequada.

Estudos anteriores enunciam o recurso a estas práticas como resultado das dificuldades socioeconómicas, dificuldades de saúde e situação de pobreza ou exclusão social.

Nave (2004:42) aponta como condições conducentes à atividade de arrumador de carros o desemprego, o alcoolismo, as perturbações psiquiátricas, a situação socioeconómica e a toxicoddependência.

O desemprego é uma das grandes condicionantes por parte dos jovens “*Ser jovem é, hoje em dia, duplamente tentador, por exigências de sonho e da realidade. Apalpam-se as oportunidades no mercado de trabalho, como na discoteca se acaricia o par, numa tentativa de ver até onde se pode chegar. É nesta obscuridade – indo às cegas, às apalpadelas – que melhor se vê como as trajetórias dos jovens se encontram crescentemente em jogo*” (Machado Pais 2005:28).

Muitas vezes, estas atividades surgem como solução adequada pelos indivíduos que se encontram em situação vulnerável cujo estado se vem agravando ao longo do tempo.

### ***PROSTITUIÇÃO***

Assunto pouco debatido mas que todos conhecem e têm opinião formada é a prostituição.

Denominada como a “*mais velha profissão do mundo*” teve o seu ponto alto de desenvolvimento em Portugal entre os anos de 1890 a 1930 em virtude da mudança social da época.

Nesta altura era usual que os aristocratas se relacionassem com as prostitutas do ‘fado baixo’ (Pais, 1983). Vários eram os locais onde se proporcionavam os encontros ao ponto de se criarem diferentes dinâmicas para a denominada ‘Lisboa Boémia’ e a ‘outra Lisboa’, conforme estudo realizado em 1983 por Machado Pais.

Nessa altura, como agora, as regras de concorrência entre prostitutas eram ferozes. Não nos referimos apenas ao preço do serviço prestado mas também pela localização pelo espaço, pelo modo como se apresentavam. Hoje, tal como nessa altura, as trabalhadoras do sexo adotavam nomes de guerra em vez de usarem os seus nomes verdadeiros numa atitude de proteção, de alguma reserva ou uma tentativa, já que a atividade em si pouca ou nenhuma reserva permite.

A trabalhadora do sexo apresenta-se aparentemente sozinha. Algumas estarão efetivamente sozinhas correndo o risco adjacente à atividade. Outras, têm, ‘namorados’, amigos, vizinhos, ou alguém que delas toma conta. Nos finais do século XIX o ‘chulo’ para além de fadista, era uma personagem dupla: ‘marido complacente’ e ‘guarda-costas para ocasiões críticas’ passa no início do século XX a ganhar uma tosca, mas frutuosa,

consciência de negócio. Continuamos hoje a assistir à mesma realidade. Mulheres que vendem o corpo para sustentar os maridos, namorados, a família os filhos ou a si próprias.

A atividade de trabalhadora do sexo é desenvolvida diretamente na rua, onde o negócio é gerido por si ou, em alternativa, em casas destinadas ao efeito, sendo as trabalhadoras recrutadas de forma voluntária ou à força “... *as donas de casa dos meados do século XIX se servissem das chamadas inculcadeiras ou engatadeiras, elas próprias desempenham, normalmente a função de recrutamento e por isso se designavam também por alcoviteiras. Com o virar do século surgem as engatadeiras a tempo integral passando a atuar como verdadeiras agentes de tráfico conhecedoras dos mais ardilosos segredos de marketing*” (Pais,1983).

Hoje existem ainda muitas “engatadeiras” que recrutam mulheres para desempenharem a função de trabalhadoras do sexo, umas com essa consciência, outras sem ela.

Em regra, as profissionais do sexo fazem no dia-a-dia uma vida normal, relacionando-se sem qualquer interferência com a população e sem dar a conhecer a sua verdadeira atividade de rua. Excecionam-se as trabalhadoras do sexo que, assumindo a sua opção de vida, não pretendem qualquer convívio com a população de forma discreta.

Segundo Pais, em meados do século XIX, a zona onde viviam era também ela determinante para definir a categoria da trabalhadora do sexo. As trabalhadoras do sexo que viviam no 1.º ou 2.º andar seriam consideradas de categoria superior às que moravam no r/c dos edifícios.

Hoje verificamos que a situação se mantém, nomeadamente no que respeita aos bairros considerados problemáticos figurativos das pessoas que nelas habitam, o que constitui, apesar de tudo, uma generalização.

Havia ainda distinções quanto aos locais onde se prostituíam. As *casas de passe* seriam no século XIX, as mais conceituadas no ramo, seguindo-se as *hospedarias* e por fim os *bordéis* (Pais, 1983:952).

Como referido anteriormente, as trabalhadoras do sexo que exercem a sua atividade na rua, demarcam bem a sua área de atuação, fixam o seu preço (sujeito a ajuste com o cliente) e determinam onde irá decorrer o ato.

Hoje, como antes (Pais, 1983:955) as trabalhadoras do sexo são livres de usar as roupas que quiserem. Conscientes deverão estar de que o seu aspeto poderá determinar o seu (in) sucesso profissional e a imagem que a sociedade terá a seu respeito.

Muitas mulheres são motivadas para ingressar nesta vida pelos seus vícios sejam eles álcool, drogas ou outros. Outras por seu turno são levadas a este tipo de vida pela ausência de outras saídas que lhe permitam realizar algum dinheiro para seu sustento e/ou da sua família.

Hoje em dia, pelo que pudemos verificar, existem ainda casos de trabalhadoras do sexo que apenas o fazem esporadicamente quando surge uma despesa adicional.

Relativamente à distinção e à escolha feita pelo cliente podemos afirmar que alguns 'são fiéis' à sua companhia habitual, outros atendem ao preço, outros ainda ao aspeto físico.

Conforme pudemos ainda verificar na noite Leiriense, os preços para além de variarem dependendo de todas estas condições, variam ainda consoante o serviço a efetuar.

A esta distância podemos concluir que, perante o estudo realizado por Machado Pais em 1983, a realidade da prostituição alterou bastante no que concerne às dinâmicas sociais do fenómeno, no entanto, os seus traços basilares mantêm-se, inalteráveis e as suas características base permanecem.

Podemos concluir que fenómenos como a prostituição, considerados marginais, são permeáveis à mudança social, acompanham tradições, transmissões e transmissões culturais.

Várias são as questões que se levantam relativamente a este fenómeno, nomeadamente se este se trata de um trabalho ou a um problema social? Qual será a motivação da mulher para procurar o seu sustento por meio da prostituição?

Sempre se dirá que apesar da sua longa existência, a atividade de profissional do sexo nunca foi bem vista perante a sociedade.

A palavra prostituir vem do latim '*prostituere*'(verbo) que significa expor em público, colocar à venda. Apesar do rótulo negativo e imoral, não se poderá dizer que seja uma atividade ilegal. Nesta análise pretendemos compreender o que leva as mulheres a

buscarem sustento para si e suas famílias com esta atividade. Perceber qual o contexto familiar em que vivem e qual a sua perspectiva do presente e projeto para o futuro.

Segundo Roberts (1998), na pré-história a mulher estava no centro de toda a atividade social pelo que estabeleciam a conexão entre os deuses e o povo, nomeadamente através de rituais que envolviam atividades sexuais.

No Egito e na Mesopotâmia, a fim de se oporem à imponente feminina foram criados sacerdotes homem de modo a controlar o poder feminino. Deste modo, criou-se uma repressão ao sexo, tratando-o como algo negativo. Foi este o início da história da prostituição, com as sacerdotisas do templo a venderem o corpo para sobreviverem ao sistema que lhes fora imposto pelos patriarcas.

Em Roma, a atividade era de certa forma regulada e controlada através de um registo estatal que distinguia meretrizes registadas e prostitutas não registadas. Este sistema assegurava ainda o pagamento de impostos ao Estado (Roberts,1998).

Na Grécia antiga, como em Roma, as prostitutas vulgares (escravas) pagavam um tributo e prostituíam-se em casas denominadas *porneion* – outra classe de prostitutas superiores eram as *hetairas*, mulheres livres, cultas e famosas que recebiam em suas casas os políticos, generais, filósofos e poetas (Robertis, 1998).

Durante a idade média, no século XVIII, após a revolução francesa ou até revoluções sexuais e feministas das décadas de 1960 e 1970 persistiu o padrão de exclusão social, discriminação e violência para com as prostitutas. Embora em termos de igualdade social e direitos se tivesse demarcado uma evolução, a exclusão vivida por estas mulheres era sobejamente superior. As consequências que este registo negativo do estigma criavam numa identidade danificada seriam muito graves (Goffman,1988).

Em Portugal, a exclusão social por via legislativa deu-se entre os séculos XII e XIV quando começaram a haver proibições dirigidas, em específico, às prostitutas que culminaram na feitura de regulamentos no século XIX que viria a definir diversas medidas como a matrícula obrigatória, a inspeção periódica, a existência de um livrete individual de registo e de indicação de punições (Oliveira, 2004) sistema que se encontrava em vigor até 1962. Após o ano de 1962, quer a prostituição quer o lenocínio passam a ser proibidos por lei.

Mais tarde, em 1982, assiste-se à despenalização da prostituição através do Decreto-Lei 400/82 (cf. anexo A) que se encontra ainda hoje em vigor. Hoje em dia, no que respeita às normas reguladoras desta realidade, encontramos-nos perante um vazio legislativo onde a prostituição não é legalizada nem criminalizada.

No que concerne à prostituição de rua, assistimos a situações antagónicas derivadas da situação de exclusão social que vivem as trabalhadoras do sexo: umas com elevados ganhos, outras em situação de pobreza extrema. Ambas procurando sustento.

Muitas vezes sem ter a quem recorrer, sem suporte familiar, a sua situação de exclusão agrava-se derivado às, cada vez mais frequentes, situações de violência, exploração e roubo de que são vítimas.

Perante estas situações, sentindo que a sua individualidade destruída (Goffman,1988) são, muitas vezes, incapazes de usar das prerrogativas que a cidadania lhes permite: segurança, saúde e protecção social.

### ***DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS – O CASO DO VIH/SIDA***

O Vírus da Imunodeficiência Humana (VIH) surgiu no séc. XX algures no sudoeste dos Camarões (África centro-Occidental). Nesta época um ser Humano teria sido infetado por um vírus que lhe fora transmitido ao caçar ou comer carne de um chimpanzé.

Este vírus promove a destruição do sistema imunitário humano e torna o corpo um local propício ao surgimento de novas infeções e/ou doenças que podem ser mortais. Ao evoluir de forma incontrolável o vírus torna-se uma doença crónica incurável – SIDA.

As principais vias de contágio são através dos fluidos do corpo tais como sémen, fluidos vaginais, sangue, fluido pré-ejaculatório, fluido anal e o leite.

A sua transmissão pode ocorrer quando um destes fluidos entra em contacto com as membranas mucosas, que existem na boca, na vagina, no pénis e no ânus, ou entram em contacto com uma ferida, ou no caso do uso de seringas ou de transfusões de sangue contaminado com o vírus. As relações sexuais desprotegidas constituem também uma das formas mais comuns de se transmitir este vírus.

Neste momento estima-se que existam cerca de 35.000.000 pessoas portadoras de VIH. Em Portugal, o número ronda os 47.390 pessoas infetadas com o VIH, dos quais 34.521 são homens e 12.859 são mulheres.

A doença por si só é tida como algo mau que afeta não apenas o seu portador como os que o rodeiam. Um sujeito doente é sempre alguém que a sociedade avalia moralmente e dependendo do resultado dessa avaliação exclui ou não da relação social. Neste sentido, Goffman *“Deixamos de considera-lo criatura comum e total reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuindo-a [...] o que nos leva a reclassificar um indivíduo antes situado numa categoria socialmente prevista, colocando-o numa categoria diferente mas igualmente prevista”*. (Goffman, 1998:12).



Atores envolvidos em lençóis bancos denunciam o silêncio à volta desta doença numa conferência internacional sobre SIDA. JUDA NGWENYA/REUTERS

A falta de aceitação por parte da sociedade tem ainda a sua contribuição para que isso aconteça. Na verdade, se o indivíduo se revê na qualidade de inferior, de excluído em virtude da doença reconhece em si mesmo o elemento do pensamento coletivo sobre a sua pessoa baseado num estereótipo. Erli Gonçalves menciona por diversas vezes no seu estudo (2008) a bioética de intervenção como forma de regular e gerir o pensamento ético e as questões sociais por forma a diminuir assimetrias.

É urgente intervir neste âmbito a fim de dissociar a doença dos seus estereótipos (Gonçalves, 2002). A proteção de que os sujeitos portadores de VIH necessitam é não meramente individual mas de uma proteção estatal para que lhes seja possibilitado o seu empoderamento.

Parker tem demonstrado com os seus estudos que poderá existir ligação entre a doença (VIH/SIDA) e a pobreza. Apesar de a taxa de incidência ser maior entre os países mais pobres não podemos concordar plenamente com esta opinião. Na verdade, em países ricos e nas diversas classes sociais tomam conhecimento são detetados muitos casos de VIH.

Quando o sujeito toma conhecimento de que está infetado, todo o seu comportamento altera em virtude do choque. São usadas várias estratégias para manter a o seu historial clínico em segredo.

Esta situação é justificada pelo estigma de que o sujeito é vítima. Segundo Goffman (1988:95) *“Essa divisão do mundo do individuo em lugares públicos, proibidos e lugares retirados, estabelece o preço que se paga pela revelação ou pelo ocultamento e significado que tem o fato de o estigma ser conhecido ou não, quaisquer que sejam as estratégias de informação escolhidas”*. Assim, o individuo agirá de acordo com o local onde se encontrar e o nível de conhecimento que os presentes tiverem da sua situação clínica.

A situação torna-se ainda mais delicada quando à estigmatização do portador de VIH se junta o facto de este ser simultaneamente homossexual. Neste caso, o estigma poderá ser duplamente perturbador, levando a que muitas vezes se escondam ambas as realidades.

Se esconder a realidade da sociedade não poderá ser considerada uma conduta consciente, esconde-la do próprio parceiro será ainda mais gravoso. Quando existe um vínculo afetivo entre as pessoas, há maior tendência de baixar o nível de exigência em termos de doenças sexualmente transmissíveis. A negociação do uso do preservativo poderá, (Gonçalves, 2002 e Gonçalves e Varandas, 2005, citados em Gonçalves, 2008:12), quebrar a confiança entre o casal.

Resulta assim que na maioria das vezes o estabelecimento de novas relações amorosas/sexuais de indivíduos infetados com VIH se faça com outros sujeitos também infetados.

Como já mencionado, hoje há um crescendo do número de casos de VIH que se poderia justificar por alguma razão específica, no entanto, o aumento verifica-se e justifica-se pela implementação e crescimento de uma rede de rastreio que permite um maior acesso aos testes de forma gratuita e confidencial por parte da população.

As estatísticas têm vindo a confirmar que, contrariamente ao comumente pensado, este não é uma doença ‘exclusiva’ dos toxicod dependentes e/ou homossexuais.

De acordo com o noticiado em 2008, em Leiria, continuava a aumentar o número de casos de VIH/SIDA, sendo que quase metade dos casos se detetava entre heterossexuais. Nesta altura a faixa etária mais afetada pelo vírus era a dos 25 aos 39 anos<sup>9</sup>.

Com efeito, o número de novos casos têm surgido entre heterossexuais e não diretamente relacionado com o consumo de drogas conforme um estudo apresentado pelo SICAD – Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências.

No quadro abaixo podemos verificar os casos de infeção de VIH e sida associados ou não à toxicod dependência.

No caso da infeção por VIH, este atingiu o seu máximo no ano de 2000, num total de 3051 casos, 1575 associados à toxicod dependência e 1426 não associados à toxicod dependência.

Relativamente aos casos de SIDA, este obteve o seu maior número de casos no ano de 1999, sendo 713 associados à toxicod dependência e 496 não associados à toxicod dependência.

---

<sup>9</sup> Jornal Região de Leiria, edição de 5 de dezembro de 2008, pág. 11

**Quadro 40** - Notificações de Casos de Infecção VIH e Casos de SIDA, Associados ou não à Toxicodependência, por Ano de Diagnóstico\*

01/01/1983 - 31/12/2013

Categoria de Transmissão Ano Diagnóstico	Casos de Infecção VIH							
	Total Casos de VIH				Casos de SIDA			
	Total	Associados à Toxicodependência	Não Associados à Toxicodependência	Não referido	Total	Associados à Toxicodependência	Não Associados à Toxicodependência	Não referido
<b>Total</b>	<b>47 390</b>	<b>17 178</b>	<b>29 217</b>	<b>995</b>	<b>19 075</b>	<b>8 351</b>	<b>10 334</b>	<b>390</b>
1983	3	..	3	..	1	..	1	..
1984	8	..	8	..	4	..	4	..
1985	42	7	35	..	29	1	28	..
1986	89	19	68	2	40	3	37	..
1987	184	26	147	11	82	10	68	4
1988	296	51	222	23	139	11	122	6
1989	418	88	297	33	200	36	153	11
1990	591	153	407	31	261	50	205	6
1991	768	261	461	46	310	79	217	14
1992	1 101	491	554	56	443	162	262	19
1993	1 172	602	533	37	573	253	306	14
1994	1 441	737	661	43	704	366	330	10
1995	1 836	1 009	792	35	833	453	352	28
1996	2 352	1 389	920	43	1 020	579	420	21
1997	2 709	1 629	1 032	48	1 036	615	395	26
1998	2 896	1 645	1 214	37	1 103	665	422	16
1999	3 022	1 654	1 317	51	1 233	713	496	24
2000	3 051	1 575	1 426	50	1 120	626	474	20
2001	2 543	1 089	1 396	58	1 121	602	487	32
2002	2 408	841	1 539	28	1 117	529	578	10
2003	2 227	700	1 483	44	1 026	447	557	22
2004	2 201	608	1 562	31	927	374	540	13
2005	2 026	555	1 430	41	913	393	507	13
2006	2 057	474	1 548	35	803	297	496	10
2007	1 963	393	1 542	28	693	224	461	8
2008	2 050	365	1 643	42	697	203	480	14
2009	1 864	247	1 570	47	569	155	400	14
2010	1 824	221	1 568	35	653	174	466	13
2011	1 613	137	1 449	27	576	136	432	8
2012	1 542	134	1 387	21	525	121	396	8
2013	1 093	78	1 003	12	322	74	242	6

\* A atualização posterior das notificações de casos diagnosticados em anos anteriores e a introdução de nova informação em casos já registados, impõe a leitura destes dados como provisórios. Nos casos de infecção VIH, o ano de diagnóstico refere-se ao diagnóstico inicial de infecção pelo VIH independentemente do estado clínico. Nos casos de SIDA, refere-se ao ano de diagnóstico do estado SIDA, podendo ser posterior ao ano de diagnóstico inicial de VIH.

Fonte: Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge, I. P. (INSA, I. P.); DDI - URVE / Núcleo de Vigilância Laboratorial de Doenças Infecciosas, 31/12/2013 / Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências; DMI - DB

Na análise do quadro supra, verificamos que o distrito de Leiria, onde decorreu esta investigação, é o 7.º distrito com maior número de casos de infeção VIH, segundo o estudo efetuado em 2013, sendo 377 associados à toxicodependência e 793 não associados com a toxicodependência.

Quanto à deteção precoce, neste momento encontram-se disponíveis nos centros de saúde e em outras associações protocoladas e com formação para o efeito (InPulsar) os testes rápidos de deteção precoce do VIH, já noticiados desde 2011<sup>10</sup>.

“*Todos os meses, detetamos oito ou nove infeções novas pelo VIH*” diz Maria José Campos, médica e coordenadora científica do CheckpointLX - centro comunitário dirigido aos homens que têm sexo com homens, onde se pode fazer o rastreio do VIH ao jornal Público. “*A prevenção e a deteção do VIH falharam completamente*”. A médica considera que a educação sexual nas escolas não existe na prática, porque não está a ser

<sup>10</sup> In Jornal Região de Leiria, 2 de dezembro de 2011 pág 42-43

aplicada. Defende ainda que “*todos os dispositivos que evitem a transmissão do vírus do VIH devem estar disponíveis*”, uma vez que custa muito mais dinheiro “*tratar uma pessoa seropositiva para o resto da vida*” do que proporcionar todas as formas de evitar que se transmita o vírus. Para a médica, a PrEP (Pre-Exposure Prophylaxis) – Profilaxia Pré-Exposição, deveria estar disponível a todos, nomeadamente a heterossexuais com vários parceiros e que não usam o preservativo, pessoas cujo parceiro a tem o VIH, trabalhadores do sexo, mulheres transexuais ou utilizadores de drogas injetáveis.

### ***TOXICODEPENDÊNCIA***

De acordo com o dicionário da língua portuguesa um toxicodependente é uma pessoa que tem dependência, física ou psicológica, de drogas ou substâncias tóxicas<sup>11</sup>.

Apesar de ser um tema polémico, poucos são os estudos efetuados do ponto de vista da recuperação, reabilitação, terapêutica dos indivíduos afetados (Pais, 1999:95).

À figura do toxicodependente são, normalmente associadas a figura do ladrão, do vagabundo, do sem-abrigo. Todas elas transmitem algo em comum: insegurança e o medo.

Os toxicodependentes são indivíduos que, de facto, que se tornam pessoas com comportamentos diferentes devidos à adição, como de resto acontece com todas as adições. Quando satisfeita, o indivíduo parece completamente distinto de quando está em estado de abstinência.

Neste universo são muitas as diferenças e semelhanças entre não consumidores, consumidores, e dependentes. Curiosa é também a distinção que estes indivíduos fazem das drogas leves e drogas duras, especificamente entre haxixe e heroína.

Não raras vezes, em entrevistas, ou em observação direta pudemos constatar que os indivíduos em estudo não consideram o consumo de haxixe como um consumo de drogas. O que significa que, apesar de poderem fazer um consumo regular desta substância consideram que esse consumo não faz deles toxicodependentes.

---

<sup>11</sup> In <http://www.priberam.pt/dlpo/toxicodependente> - consultado a 19 de agosto de 2015.

Partindo do princípio que os consumidores são todos distintos assim também serão as suas trajetórias, traçadas de acordo com a sua necessidade de angariar algum dinheiro que lhes permita sobreviver, sustentar a família e na grande maioria dos casos o vício.

Aqui, os seus limites e necessidades não são impostos por outrem, mas por uma necessidade biológica (Pais,2005:27). Entre nós, o consumo e tráfico de drogas é frequentemente associado às populações mais desfavorecidas ou de alguma forma vulneráveis porque são consideradas excluídas socialmente.

De acordo com os dados que pudemos recolher através dos dados oficiais apresentados pelo SICAD, os consumos iniciam-se por volta dos 16/17 anos (em média) e que as drogas se experimentam em primeiro lugar são a Cannabis, Anfetaminas e Ecstasy.

É inevitável que os universos em estudo: toxicodependência, arrumadores de carros, trabalhadores do sexo e portadores de VIH se cruzem e tornem a vida e a existência de campos de possibilidades na vida destes sujeitos uma realidade.

Quadro 6 - População Geral (15-64 anos) e Jovem Adulta (15-34 anos), Portugal: Prevalências de Consumo nos Últimos 12 Meses, segundo a Região (NUTS II)\*, por Tipo de Droga (%)

Região/Ano		2001, 2007 e 2012																							
		Norte			Centro			Lisboa			ALENTEJO			Algarve			Açores			Madeira					
Tipo de Droga	Região/Ano	2001	2007	2012	2001	2007	2012	2001	2007	2012	2001	2007	2012	2001	2007	2012	2001	2007	2012	2001	2007	2012	2001	2007	2012
Qualquer Droga	População Total (15-64)	3,6	2,7	1,9	3,0	3,2	1,3	3,8	5,5	4,8	2,1	2,5	2,8	4,3	8,6	2,6	2,5	2,8	3,6	4,9	1,7	1,6			
	Pop. Jov em Adulta (15-34)	6,3	5,2	2,9	5,9	6,9	2,9	7,7	9,3	9,5	4,3	5,7	6,5	8,2	16,6	4,4	5,2	5,2	6,5	8,8	3,7	3,5			
Cannabis	População Total (15-64)	3,4	2,6	1,9	2,8	3,1	1,3	3,7	5,2	4,8	2,1	2,4	2,8	4,3	8,4	2,3	2,5	2,8	3,6	4,6	1,7	1,6			
	Pop. Jov em Adulta (15-34)	6,1	4,9	2,9	5,5	6,6	2,9	7,5	8,8	9,5	4,1	5,4	6,5	8,2	16,0	4,4	5,2	5,2	6,5	8,2	3,7	3,5			
Heroina	População Total (15-64)	0,1	0,2	..	0,1	0,1	..	0,3	0,3	0,1	0,0	0,5	..	0,2	1,3	..	0,5	0,0	0,3	0,4	0,0	0,2			
	Pop. Jov em Adulta (15-34)	0,2	0,4	..	0,3	0,3	..	0,4	0,2	0,0	0,0	0,9	..	0,4	2,1	..	1,0	0,0	0,8	0,8	0,0	0,6			
Cocaína	População Total (15-64)	0,1	0,5	0,0	0,3	0,5	0,1	0,6	0,9	0,6	0,1	0,5	0,2	0,2	1,5	0,2	0,3	0,4	0,2	0,6	0,3	..			
	Pop. Jov em Adulta (15-34)	0,2	1,1	0,0	0,6	1,3	0,0	1,3	0,9	1,4	0,3	1,2	0,7	0,4	3,2	1,6	0,0	0,7	0,4	0,3	0,7	..			
Anfetaminas	População Total (15-64)	0,0	0,2	..	0,1	0,2	..	0,1	0,3	..	0,1	0,1	0,5	0,2	0,2	..	0,0	0,0	0,2	0,1	0,0	..			
	Pop. Jov em Adulta (15-34)	0,0	0,4	..	0,1	0,5	..	0,3	0,5	..	0,0	0,3	1,4	0,4	0,5	..	0,0	0,0	0,4	0,3	0,0	..			
Ecstasy	População Total (15-64)	0,3	0,3	..	0,4	0,3	..	0,5	0,6	0,9	0,1	0,4	..	0,3	0,8	0,2	0,2	0,0	..	0,6	0,3	..			
	Pop. Jov em Adulta (15-34)	0,6	0,7	..	0,9	0,7	..	1,2	1,3	2,2	0,3	0,6	0,7	0,7	2,1	0,4	0,4	0,0	..	1,4	0,7	..			
LSD	População Total (15-64)	0,1	0,1	0,1	0,2	0,1	..	0,1	0,2	0,4	0,1	0,2	0,2	0,2	0,2	..	0,0	0,0	..	0,1	0,0	..			
	Pop. Jov em Adulta (15-34)	0,1	0,2	0,3	0,4	0,3	..	0,2	0,4	1,0	0,1	0,6	0,7	0,4	0,5	..	0,0	0,0	..	0,3	0,0	..			
Cogumelos Alucinóg.	População Total (15-64)	..	0,0	..	..	0,2	..	..	0,2	0,3	..	0,2	..	..	0,2	..	..	0,0	0,2	..	0,0	..			
	Pop. Jov em Adulta (15-34)	..	0,1	..	..	0,5	..	..	0,5	0,7	..	0,6	0,0	..	0,5	..	..	0,0	0,4	..	0,0	..			

\* Segundo a classificação por NUT de 2002.

Fonte: Balsa et al., 2014 / Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências: DIM - DB

Os rendimentos dos toxicodependentes são quase nulos. Valem-lhe os apoios sociais, mas não chegam para fazer face às suas despesas. Antes de mais impõe-se satisfazer o vício. O vício ensurdecador que fala mais alto que qualquer despesa, que qualquer compromisso. É necessário encontrar uma forma de ganhar dinheiro, é necessário satisfazer a necessidade imperiosa de dar ao corpo e à mente aquilo pelo que reclamam, não importa a que custo.

Não raras vezes são seduzidos pela forma mais rápida e menos lícita de ganhar algum dinheiro: o crime (roubo, furto, tráfico...).

Outros há que, numa tentativa de reverter a situação trabalhando como arrumadores de carros ou fazendo qualquer outro trabalho que surja no momento e que seja proveitoso, pelo menos para matar o vício.

Assim, por vezes, todos estes universos se juntam num só. A realidade da toxicod dependência, do alcoolismo, da doença que podem levar a que se torne insustentável a situação familiar e cheguem mesmo a tornar-se sem-abrigo.

### ***ALCOOLISMO***

A dependência alcoólica poderá ser definida como uma doença regular, frequentemente crónica e progressiva que se caracteriza pelo consumo frequente de bebidas alcoólicas, apesar de serem conhecidos problemas ou complicações associadas a esse consumo.

O processo de dependência do álcool desenvolve-se como qualquer outra: tabaco, drogas ou outras substâncias psicoativas. Experimenta-se beber, depois bebe-se pontualmente e daí passa-se a beber com regularidade, até criar dependência. Para algumas pessoas é um processo relativamente rápido, para outras, demora mais tempo e pode surgir associado a outros fatores.

Esta dependência poderá surgir por diversas ordens de razão: consumo excessivo de álcool em espaços sociais de convívio, consumo individual e solitário devido a conflitos familiares ou entre pares, distúrbios emocionais, dificuldades de integração social ou ainda história familiar relacionada com o alcoolismo.

Segundo Schuckit (1985 citado por Coutinho, 1992:23), o diagnóstico de uma situação de dependência do álcool poderá ser feito com base em quatro grupos de indicadores, quais sejam: consumo, a quantidade, a frequência e a variabilidade.

De consumo esporádico passa a regular até causar dependência. Esta dependência poderá por sua vez ser avaliada não apenas pela dependência física mensurável pelos sinais fisiológicos como também psicológica.

Os indícios de dependência do álcool podem assumir diversas formas: a tolerância ao álcool, necessidade de consumir bebidas alcoólicas, a incapacidade de resistir ou obstar ao seu consumo, renegar antigos interesses em favor do consumo do álcool e a persistência do consumo consciente das suas contraindicações.

Não raras vezes nos deparamos com um indivíduo dependente de álcool que tem um passado familiar ligado à mesma dependência. O seu contexto social e familiar poderão, e terão, com certeza, influenciado a sua adição.

Para além disso, segundo um estudo realizado por Rimmer & Chambers (1969), foi comparada a informação prestada por indivíduos alcoólicos sobre a presença de doença mental ou alcoolismo nos seus parentes em primeiro grau, com igual informação recolhida em entrevistas psiquiátricas com esses mesmos familiares. Estes autores concluíram que a doença mental e/ou dependência de álcool era largamente subestimada pelos indivíduos alcoólicos mesmo pelos que se encontravam internados por motivos psiquiátricos.

O diagnóstico é difícil e apenas possível através do encaminhamento por parte do médico de família para uma consulta de alcoologia. Esta dificuldade prende-se, não apenas como a deteção e o encaminhamento mas também pela complexidade do indivíduo em relatar os sintomas físicos causados pelo défice de memória provocado pelo álcool e também pelo facto de se encontrarem em fase de negação da doença.

Usualmente, poucos dependentes de álcool se assumem nas primeiras fases da doença. Consideram que o consumo que fazem não é excessivo e por vezes sentem-se até ofendidos.

Beber um copo de uma bebida alcoólica pode constituir apenas um momento social, não associando que da quantidade e da frequência com que se bebe e de algumas condições individuais pode vir a depender o seu estado de saúde.

Esta situação torna-se difícil de detetar, agir em conformidade e com a rapidez necessária já que o consumo de álcool é aceite socialmente e muitas vezes incentivado. Hoje em dia não beber álcool é visto entre a população mais jovem como algo anormal. São assustadores os números do consumo de álcool entre os jovens e as idades em que iniciam os consumos.

De acordo com o relatório World Health Statistics 2014 (Estatísticas Mundiais de Saúde 2014), cada português consome, em média, quase 13 litros de álcool por ano. Este valor coloca o país entre os que mais bebem em todo o mundo, aumentando ainda o risco de desenvolver dependência ou doenças como cirrose e cancro do fígado.

Os consumos de álcool podem ser classificados, segundo a Organização Mundial de Saúde, seguinte forma:

*Consumo de risco* – consumo de álcool que pode vir a implicar dano físico ou mental se persistir;

*Consumo nocivo* – consumo que causa danos à saúde, quer físicos quer mentais. Todavia não satisfaz os critérios de dependência.

*Dependência* - consumo constituído por um conjunto de aspetos clínicos e comportamentais que podem desenvolver-se após repetido uso de álcool, tais como: desejo intenso de consumir bebidas alcoólicas, descontrolo sobre o seu uso, continuação dos consumos apesar das consequências, uma grande importância dada aos consumos em desfavor de outras atividades e obrigações, aumento da tolerância ao álcool (necessidade de quantidades crescentes da substância para atingir o efeito desejado ou uma diminuição acentuada do efeito com a utilização da mesma quantidade) e sintomas de privação quando o consumo é descontinuado.

O consumo excessivo de bebidas alcoólicas ocasiona uma série de lesões orgânicas, correspondentes a uma intoxicação alcoólica crónica, que dão origem a várias consequências significativas a nível emocional, social e profissional.

As lesões orgânicas e as suas manifestações não são imediatas. Podem levar entre 5 a 20 anos a evidenciarem-se, disso depende a quantidade de álcool regularmente ingerida, a frequência das intoxicações agudas e o estado físico e nutricional do paciente.

## CAPÍTULO 2 – MEDIAR E INTERVIR

*“Celebrar a diferença em vez de a penalizar significa que a procura de pontos comuns deve ser acompanhada da constatação da singularidade e da diversidade dos seres humanos”.* (Torremorell 2008:81)

### **O MEDIADOR ENQUANTO CONSTRUTOR DE PROJETOS DE VIDA/CAMPOS DE POSSIBILIDADES.**

O mundo encontra-se em constante mudança, somos permanentemente confrontados com contextos novos, onde, pela existência de uma identidade de múltiplas pertenças, o diálogo cultural não se revela possível. Há que tornar estas relações sociais relações enriquecedoras e possibilitar a partilha de experiências ao invés de um obstáculo à relação intercultural tornando-a um conflito.

A cultura é um conceito enraizado na vida das populações em geral e das pessoas em concreto. O processo de criação e transmissão cultural não se pretende estático mas, ao contrário, dinâmico, onde se permita que a cultura influencie o individuo e vice-versa.

O ser humano apresenta-se como um ser intercultural e mestiço (Jares,2007), pelo que a sua identidade não permanece imutável mas está em constante mutação: *“A identidade não é um dado rígido e imutável, é fluida, um processo sempre em movimento, no qual continuamente nos afastamos das nossas origens (...) como algo que se perde e renova, num incessante desenraizamento e regresso”.* (Magris, 2001). O contacto intercultural não poderá de modo algum ser encarado como uma perda da identidade cultural pelo facto de, ao tomar contacto com uma cultura diferente, se mesclar com ela e perder a pureza cultural. As culturas não podem progredir com base no isolamento que tem como único motivo a intenção manter intactos valores culturais.

O desenvolvimento intercultural apenas será possível pela comunicação, pelo contacto com outras culturas, pela mescla cultural, resultando na fusão e criação de melhores valores interculturais. Ressalta assim a necessidade de convivência intercultural hoje facilitada em muito pelo fenómeno da globalização. De acordo com Carlos Fuentes (2002) *“Só uma identidade morta é uma identidade fixa”*, pelo que o envolvimento e a permuta cultural são determinadamente enriquecedoras.

Na esteira de Vieira R. e Vieira A. (2013), *“Não é tarefa fácil viver entre diferentes”*. De facto, poderíamos pensar que tudo seria mais fácil se as diferenças entre nós fossem

menores, no entanto, tal poderia não ser tão pacificador como se pensa já que demasiada igualdade cria a necessidade da diferença.

Conviver, significa “comunicar” e comunicar é “pôr em comum”, eliminar barreiras que possam impedir a correta comunicação, estreitar laços, colocar em contacto realidades diferentes.

Conviver implica, estar aberto a ouvir, a partilhar e principalmente a aceitar; Aceitar opiniões, aceitar diferenças. Aceitação e respeito pela diferença não são sinónimos de tolerância. De acordo com Vieira, “*A tolerância não basta!*”. A tolerância tem implícito um sentimento de esforço, de sacrifício, quase de exclusão. Não é de todo o que se pretende que aconteça. As diferenças culturais não devem ser toleradas, devem ser respeitadas e aceites como válidas de modo a que se permitam e fomentem as trocas culturais. De acordo com a tese defendida por Aristóteles, “*O Homem é um animal social*”: a ligação entre os homens é natural, porque o Homem é um ser que necessita de estabelecer relações sociais para alcançar a sua plenitude. Tendo em vista a convivência pacífica e democrática, devemos assentar a nossa conduta em regras básicas reconhecidas como válidas por todos, principalmente por nós mesmos. Somos apresentados desde cedo com regras de boa educação e de etiqueta, regras de convivência que se estabelecem e nos são transmitidas durante a nossa vida não só no seio familiar mas também entre pais e filhos e entre familiares e bem assim através da aprendizagem de outros valores que são também eles transmitidos de forma mais ou menos impositiva pela própria família. Por vezes, as partes que se encontram em interação conseguem compreender-se mutuamente e refletir o seu próprio universo cultural de modo a facilitar o diálogo, proporcionando uma maior confiança e compreensão. Quando esta compreensão não se afigura possível, as partes deverão ser assessoradas por um terceiro elemento: o mediador.

Mediar, significa “*estar entre*”, estar dentro de determinada situação, compreender, mas ao mesmo tempo ter a distância necessária para compreender, ver com clareza, possibilitando “*estar dentro e estar fora*”. Na temática sobre a qual nos debruçamos, conhecer, compreender sistemas culturais distintos.

Quando nos referimos a mediação sociocultural, segundo Vieira (2013), falamos da transmissão de informação, cultura ou conhecimento que vem dar origem a um “terceiro

instruído”. Quer isto significar que a mediação sociocultural não se esgota com a simples transmissão de informação, cultura ou conhecimento. O objetivo da mediação sociocultural é criar um “terceiro lugar”, e não apenas passar a cultura do lugar 1 para o lugar 2 (ou vice-versa), mas sim criar o lugar 3 constituído pela cultura, valores, informações, conhecimento de ambos criando pontes e estabelecendo ligações de modo a evitar os conflitos – mediação preventiva - ou gerir e procurar resolução para conflitos existentes – mediação resolutiva. No âmbito da mediação preventiva, o mediador sociocultural apresenta-se como um facilitador de comunicação, ou tradutor, se assim quisermos chamar que tentará apresentar sugestões de intervenção para que a vivência em sociedade não gere conflitos de convivência ou sejam em menor número. Conforme já se mencionou anteriormente, toda a convivência é, também, inevitavelmente, geradora de tensões e conflitos. Este facto não tem de ser forçosamente encarado como algo negativo. O conflito deverá até ser considerado como um “motor” de mudança, como oportunidade de fazer diferente, de mudar hábitos.

Segundo Mendel (1974:13) “*o conflito é o estado natural do homem*” pelo que é inerente à condição humana. Por esta e outras razões, somos da opinião de vários autores como Cohen (1995) e Pallarés (1983) que o conflito poderá em muitos casos ser positivo, um verdadeiro potenciador de mudança social. No que concerne à mediação resolutiva, o mediador sociocultural desempenha um papel fundamental e bastante ativo na gestão do conflito, já que procura a melhor forma de resolução. A mediação preventiva é desejável já que atua numa dimensão educativa evitando o eclodir do conflito já que fortifica as relações.

Segundo Jares (2007:119), a resolução de conflitos é um processo que se possa aplicar mimeticamente a cada situação conflituosa e, muito menos, que nos garanta sucesso em todas as situações. Tais características resultam do facto de estarmos a lidar com pessoas, que, pela sua condição, são dotadas de emoções e vontade própria. Neste caso o mediador deverá auxiliar as partes a compreender melhor o conflito, tentar escamotear a situação conflitual de modo a que de forma quase natural seja encontrada a solução para o mesmo.

De acordo com Torremorell (2008:68) “... *as situações conflituosas aproximam as pessoas de uma escalada de tensão secretismo, suspeita, desconfiança, falta de*

*comunicação, posicionamento, rotulação, crise... que conduzem à inimizade baseada num raciocínio binário que não concebe a possibilidade de reunião com a alteridade”.*

Conforme se mencionou acima, a mediação surge como forma de prevenir ou ajudar a solucionar eventuais conflitos, *in casu*, conflitos de âmbito intercultural. Segundo, AA VV (2008:97), desde que existem pessoas que emigram e são auxiliadas pelos seus compatriotas (que já se encontram no país de destino) que se poderá afirmar que a mediação intercultural também é feita de forma espontânea e natural.

A mediação promove a participação dos intervenientes nos propósitos enunciados por Torremorell (2008:63) *”...diminuição de hostilidades, melhoria da comunicação, aumento da compreensão do conflito, de nós próprios e do outro, redefinição do conflito, renovação das relações interpessoais, fomento do pensamento criativo e trabalho cooperativo para a obtenção de consenso...”*, aplicando-se aos conflitos entre pessoas, grupos ou comunidades.

Não se poderá afirmar que a mediação se encontra posicionada num meio neutro. Cada sociedade possui e transmite os seus valores condicionada pelo seu passado, marcada pelo seu presente e expectante pelo futuro, pelo que a mediação será adaptará consoante o contexto sociocultural onde se irá desenvolver.

Margalit Cohen-Emerique atribui três significados à mediação conforme o nível do conflito existente:

- a) *O conflito não está declarado* – a intervenção do mediador surge com o propósito de reestabelecer a comunicação;
- b) *O conflito é explícito ou declarado*, a mediação surge como forma de intervenção de uma terceira pessoa para ajudar na conciliação das partes
- c) *A mediação é vista como um processo transformador*, como um processo dinâmico que transforma a realidade existente pela sua ação.

De acordo com a autora e tendo por base o exposto, concluímos que existem três tipos de mediação: mediação preventiva, mediação reabilitadora e mediação criadora. A *mediação preventiva* consiste em facilitar a comunicação entre as partes com códigos culturais diferentes a fim de prevenir falhas na comunicação ou desrespeito por códigos

culturais distintos. Quando as partes já se encontram em conflito (declarado), é necessário intervir a fim de promover a sua conciliação. O restabelecimento de relações por meio da mediação é designado pela autora como *mediação reabilitadora*;

A mediação poderá ainda assumir um papel criativo. Segundo Margalit Cohen-Emerique, a mediação será *criativa*, na medida em que se apresente como fenómeno de transformação do social, de condutas ou códigos sociais em que se baseiem as novas relações entre as partes.

Só estando nesta posição, o mediador conseguirá auxiliar os "mediados", proporcionando uma aprendizagem quer resolutiva quer preventiva de conflitos. Importa também planear e executar políticas que permitam e fomentem as trocas culturais, não numa ótica de reducionismo, de permissão, de favor, mas, de igual para igual, sem culturas dominantes e dominadas.

Concordamos que a mediação não deve ser somente utilizada quando o conflito já eclodiu. Há que atuar preventivamente, antes do fim da linha (Vieira,2013) evitando, os excessos que impedem o individuo de se responsabilizar pelas suas próprias atitudes ou decisões.

De acordo com Six, (1990:12, citado por Torremorell 2008:63) "*o verdadeiro mediador é aquele que assegura que os antagonistas não recorrem a ele com demasiada facilidade, que os incentiva constantemente a envolverem-se e a "construírem" a sua liberdade: cabe-lhes a eles, por si próprios, no final de contas, criar um vínculo novo, sendo mediador nada mais do que um catalisador momentâneo*".

Apesar de dotado de um espírito pessoal que o capacite para o exercício da mediação, o mediador deverá ser provido de valores como honestidade, imparcialidade, a tolerância, a dignidade e compromisso ético. A assunção de uma postura humilde, da escuta ativa, do diálogo e de auxílio às partes no encontro da solução para o conflito e da responsabilização das pelo compromisso assumido – *empowerment* é crucial para o mediador.

Terá de revelar três valores base: coragem, prudência e retidão: "*A coragem, cimentada na solidariedade, leva a actuar sem nenhum poder; a prudência convida à invenção e «evita que o mediador se converta num moralista; convida-o continuamente a ensinar*

*os caminhos da liberdade aos que a ele se dirigem»* ” Six (1997) citado por Torremorell (2008:68)

S.Horowitz (1998:249-250) citado por Torremorell (2008:62), considera o mediador um “*monitor emocional*”, uma vez que auxilia as partes com o diálogo emocional e permite a reflexão sobre as emoções; por seu turno C.W.Moore (1995:51) citado por Torremorell (2008:62) como um “*explorador de problemas*” já que fazendo uso das técnicas de mediação: escuta ativa, a pergunta, a reformulação, a recontextualização, a conotação positiva e a reformulação tenta chegar ao âmago da questão e ajudar na procura da melhor solução a adotar.

A mediação significa muito mais do que “uma forma de resolver conflitos”. Para além da sua função preventiva, a mediação assume, no contexto intercultural, uma função transformadora das relações entre pessoas e entre culturas: “*Substituir a cultura de confrontação e do litigio pela da mediação e do consenso vai de encontro aos ideais de paz, que infelizmente, se materializam com demasiada lentidão*” Torremorell (2008:76).

É facto que a mediação não altera os padrões ou normas vigentes, mas acreditamos que em muito poderá contribuir para a melhoria das relações humanas transformando meros encontros em momentos de troca cultural.

É preciso tomar consciência de que a mediação não é o fim, pode até significar um (re) começo: “*Libertar-se da conceção determinista do conflito e superar o bloqueio cognitivo que conduz a comportamentos meramente reativos, alienantes por fim, seria a primeira de um conjunto de transformações que não desaparecem depois de terminada a mediação*”. Torremorell (2008:69).

### ***A MEDIAÇÃO COMUNITÁRIA***

Refletir sobre os perfis e funções do mediador comunitário obriga-nos, primeiramente, a conceitualizar teoricamente a mediação intercultural. Segundo Giménez (2010:24), a interculturalidade é uma característica transversal a toda a mediação. A mediação intercultural tem como paradigma a transformação das relações entre pessoas de culturas diferentes.

A especificidade do mediador comunitário reside na sua capacidade de construir pontes, por respeito às margens, onde as diferenças culturais acentuam a sua singularidade e contribuem para a riqueza da união. O mediador cumprirá a sua missão com tanto sucesso quando maior o nível de aproximação conseguir entre margens (comunidades, grupos) criando características comuns, aproximando-as sem que se percam as singularidades que os tornam únicos. A mediação deve harmonizar sem homogeneizar, celebrando a diferença (Torremorel,2008:81).

Os ‘laços’ entre as partes (Montenegro, 2008) devem ser tecidos pelo mediador de uma forma quase natural, sem imposições, respeitando a vontade das partes, incentivando-as ao conhecimento e aprendizagens mútuas, onde a comunicação se faça por vários meios “multívia” (Torremorel,2008: 80),

Compete à mediação, em concreto à mediação comunitária, a missão de abertura à troca cultural entre atores sociais num meio compósito, multicultural, multiidentitário “*vida é, como a mediação, polifacetada*” (Torremorel,2008:80), pelo que o processo de mediação seja também ele multidimensional.

O mediador será um facilitador, não apenas da comunicação, como tantas vezes ouvimos, mas também da convivência, da transmissão de conhecimento do (re)aprender a viver juntos, pelo que deverá deter, nas palavras de Vieira e Vieira (2013), “*competências hermenêuticas de pensar o mundo interior dos outros, multitopicamente*”. Torremorell considera também que “*é necessário um conjunto de competências não apenas moldadas à base de técnicas, mas enroupadas num universo de valores*” (Torremorell,2008: 63). De facto, a capacidades como empatia, escuta ativa, uso de linguagem assertiva, arte de perguntar, a autora acrescenta uma combinação de atitudes/qualidades como honestidade, dignidade, respeito, compromisso, responsabilidade e equidade (Torremorell,2008: 65).

Acrescentamos ainda como a capacidade fundamental de envolvimento e afastamento “*estar dentro e estar fora*”: equidade. O mediador deverá saber situar-se numa posição que não comprometa a sua independência sem que esta comprometa a sua colaboração ativa no processo de mediação (Torremorell,2008:82).

O mediador privilegia uma hermenêutica multitópica (Vieira e Vieira,2013), que se harmoniza com a multiparcialidade (Torremorell,2008:85) rejeitando, desta forma a neutralidade.

Ser mediador é seguir o caminho do meio. Apesar de não seguir por nenhuma das margens segue o caminho que o faz ser diferente, que lhe permite aprender com ambas as margens. O mediador não estagna, não desvanece nem desanima, por vezes encontra trilhos mais difíceis mas ultrapassáveis.

Não segue o caminho mais fácil, assume como seu o caminho com os outros, na relação. Adota o papel que lhe é confiado na harmonização da sua relação com a sociedade e da sociedade entre si. Escolhe o caminho, não apenas com a razão mas sobretudo com o coração.

#### ***A INTERVENÇÃO SOCIAL DO MEDIADOR***

Concordamos com a aceção de Cristina de Robertis, (2011:142) quando considera o acolhimento o primeiro ato social. Para além da sua dimensão prática ou material (receber) acolher também significa, facilitar o acesso, incluir. “*Apesar de surgir numa fase inicial da intervenção, deverá ser encarado como parte de um processo, de ajuda, de intervenção junto da pessoa e não tido como fenómeno isolado, estático*” (Robertis, 2011:144).

Esta capacidade de escolha do que é melhor para si é-nos descrita por Bárbara Simon: “*O empowerment é uma atividade reflexiva, um processo suscetível de ser iniciado e mantido apenas por aqueles que pedem poder ou que reivindicam autodeterminação*”. “*Há, de facto, uma importante contribuição do próprio sujeito na mudança do contexto social e da sua própria realidade social e das suas competências*”.

Fisher (in Weber, 2011:187), por sua vez, coloca a tónica nos conceitos de poder e de escolha, enquadrados em determinado contexto por forma a transformar um obstáculo

numa oportunidade. Todo o trabalho se realizará com base nas escolhas efetuadas e no quanto o sujeito (individual ou coletivo) está ou não disposto a investir na mudança.

A intervenção social deverá ser, na esteira de Ferreira (1981:16) citado por Margarido (2012) “...concebida não apenas numa dimensão isolada e estanque, mas numa perspectiva sistêmica...”, nesta perspectiva aclara-se a função do sujeito enquanto ser capacitado de poder de mudança, com um papel fundamental (Ferreira 1981) em investir em si e na sua mudança.

Verifica-se, no entanto, ‘o reverso da medalha’. Se está integrado em sociedade o sujeito não poderá ser completamente autónomo “*A autonomia é possível, não em termos absolutos mas em termos relacionais e afetivos*”. (Bourdieu,1990, 1992; Caria, 2002 citados por Margarido, 2012). Quer isto significar que, quer no âmbito pessoal, quer enquanto membro de uma estrutura que compõe a sociedade, quer enquanto profissional, não é possível manter uma completa autonomia a não ser que nos estejamos a referir à área mais subjetiva do indivíduo.

As normas instituídas pela sociedade, pela profissão ou por outras estruturas da sociedade, surgem por forma a limitar a sua atuação enquanto profissional e a condicionar a sua liberdade de agente social.

Para que o tempero (Margarido:2014) desta atuação seja feito na perfeição, Bourdieu (1990) chama à colação a noção de agenciamento: “*Falo em agentes, e não em sujeitos. A ação não é a simples execução de uma regra. Os agentes sociais, tanto nas sociedades arcaicas como nas nossas não são apenas autómatos regulados como relógios, segundo leis mecânicas que lhes escapam*”. (Bourdieu1990:21citado por Margarido 2012).

## CAPÍTULO 3- METODOLOGIA - DE FORA E DE LONGE AO PERTO E DENTRO<sup>12</sup>

*“O ser humano aprende na medida em que participa na descoberta e na invenção.”*

E. Sábató, Correio da Unesco, agosto, 1990.

Nos últimos tempos tem-se assistido a uma revolução ao nível da investigação no âmbito das ciências sociais e humanas, o que tem resultado num aprofundar de conhecimentos metodológicos distintos dos preconizados pelo positivismo. Esta evolução teve como mote a complexa realidade social que não se compadece com análises assentes puramente em critérios quantitativos. Torna-se importante uma análise casuística, enfatizando-se a relação entre o investigador e o objeto da investigação.

A metodologia deverá ser subordinada ao objeto da investigação e combinar instrumentos qualitativos e quantitativos para que melhor espelhem a realidade a analisar. A escolha dos instrumentos a utilizar será feita de acordo com as características da realidade, métodos e materiais disponíveis para a investigação. De acordo com Denzin & Lincoln (1994:2), *“a investigação qualitativa é uma perspetiva multimetódica que envolve uma abordagem interpretativa e naturalista do sujeito de análise ” (Accordingly, qualitative researchers deploy a wide range of unconnected methods, hoping always to get a better fix on the subject matter at hand).*

Nesta medida salienta-se a evolução desde o paradigma do positivismo até ao paradigma etnográfico, sobre o qual iremos concretizar a nossa análise. Paradigma é segundo R. Merton, definido como *“(...)a fundação sobre a qual a casa das interpretações irá ser construída”* ou ainda segundo N. Kisnerman *“(...) o sistema de conceitos essenciais de uma teoria, bem como os seus valores, problemas e procedimentos, que, sendo uma referência, permite precisá-la e orientar e ordenar o nosso pensamento para fazer leituras de uma realidade concreta.(ambos citados por Robertis,2011:49).*

Na esteira de E. Morin (citado por Robertis,2011:49), um grande paradigma determina via teorias e ideologias, uma mentalidade, um *mindscape*, uma visão do mundo.

---

<sup>12</sup> Título inspirado no artigo “De perto e de dentro” de José Guilherme Cantor Magnani, 2002

Concordamos que uma mudança de paradigma investigativo altera toda a nossa maneira de pensar a investigação, os intervenientes e o ambiente onde decorre.

É inegável que o positivismo tenha estado na origem do procedimento e da investigação científica. No caso concreto das ciências sociais, o positivismo defendia a existência de uma realidade social existente independentemente do observador (Robertis, 2011:49). Nesta medida, o investigador seria entendido pelos outros e por si próprio como díspar do objeto da investigação. Este paradigma foi colocado em causa por vários autores, não apenas por se considerar que não seria possível uma completa distinção entre observador/objeto como também pela *taylorização* dos conhecimentos (expressão de J. Ardoino citada por Robertis, 2011:50).

Para além do paradigma positivista surgiram ainda outros tais como o da complexidade, da praxeologia, do construtivismo e ainda o paradigma etnográfico. O paradigma etnográfico distingue-se pela metodologia que adota, mais descritiva e menos quantitativa, focando o objeto da investigação na perspetiva émica, cujo objetivo é descobrir, interpretar e compreender o(s) outro(s) (observados) no seu contexto natural. Raúl Iturra, criticando o teoricismo (Iturra,1987) concebia a etnografia como uma experiência de vida feita de momentos e episódios significativos, críticos e marcantes na biografia do investigador, experiências que seriam determinantes no modo como se constrói a teoria social. É no sentido humano que é valorizada a proximidade: na compreensão, no acolhimento.

A etnografia poderá ser caracterizada como a forma de investigação que recolhe os dados com intenção de compreender a realidade do outro, contrariando as representações estereotipadas. *“O individuo acede à consciência de si, por diferenciação dos outros e assimilando a identidade do grupo que designa e identifica como seu. Depois é-se esse terceiro; um terceiro homem. Reconstroi-se o eu, o nós e também o outro”* (Vieira, 2011:50).

No âmbito desta investigação, procurou-se uma constante reconstrução do objeto de estudo, optando-se por uma perspetiva hermenêutica que permitisse uma verdadeira leitura da vida social e não fosse vista apenas como um método de compreensão interpretativo.

Nas palavras de Pais, num estudo realizado em 1999, *Traços e Riscos de Vida*, [...] *as biografias foram utilizadas enquanto biografias modais de casos extremos, com toda a sua significância hermenêutica. [...] Nestas etnobiografias foi fundamental a recolha e interpretação de termos etnojuvenis, isto é, usados na linguagem quotidiana dos jovens. [...] Nesta metodologia o importante é a enunciação do discurso (mais do que a sua representatividade); a fecundidade das interpretações que incidem sobre estes discursos (mais do que a falta de correspondência desses discursos com qualquer realidade objetiva); a veracidade latente dos testemunhos (mais do que a sua credibilidade, em termos de uma correspondência positiva com uma realidade objetivável); a capacidade desses discursos restituírem a complexidade de uma situação social concreta (mais que a sua aptidão para validação de hipóteses teóricas sistematicamente generalizáveis) ”. Pais (1999:18, 20-21).*

Neste estudo procurámos captar a linguagem quotidiana dos indivíduos a estudar, alcançando o seu discurso, por forma a conseguir criar empatia e confiança que mais tarde permitissem aceder às informações acerca das suas histórias de vida.

Adotámos uma posição equitativa, para que fosse permitido, com humildade, situarmos no meio a estudar. Para além disso, mantivemo-nos atentos enquanto ‘aprendentes’ para fosse possível retirar o máximo do aprendido.

No âmbito desta investigação estudámos 4 (quatro) histórias de vida em profundidade. Certos estamos de que pelos mais positivistas ou adeptos da “quantificação” este estudo poderia ser considerado ferido por falta de rigor representativo.

A fim de assegurar a objetividade do estudo levámos a cabo o denominado por Bertaux (Pais,2001:375) de processo de *saturação da informação* (Guerra, 2006:41), afiançando a qualidade da mesma, pela profundidade da investigação realizada ainda que em poucos casos de estudo.

Neste âmbito, ao investigador, que assume a principal função na investigação, cabe-lhe observar, questionar, problematizar por forma a conseguir captar a realidade a investigar. Pretende-se que os dados sejam recolhidos de uma forma direta por meio da observação (participante e não-participante) e que o diálogo entre o investigador e os sujeitos de estudo surja de forma natural e flua como uma conversa (entrevistas etnobiográficas).

Posteriormente ser-lhe-á também cometida a função de analisar todos os resultados, codificar dados e registar as conclusões. A experiência investigativa terá necessariamente, efeitos, no investigador a quem “*afeta*” (Goldman,2001) “*transforma*” (Merleay-Ponty, 1984), “*produz-se nele*” e no limite “*converte*” (Peirano, 1995, todos citados em Magnani,2002).

O investigador não só compreende a realidade que se propôs investigar como a transmite de acordo com os seus códigos ou padrões intelectuais, explanando-a à comunidade científica e profissionais da área. De acordo com Merleau-Ponty citado por Magnani “*trata-se de construir um sistema de referência onde possam encontrar lugar o ponto de vista do indígena, o do civilizado e os erros de um sobre o outro, construir uma experiencia alargada que se torne, em princípio, acessível para homens de um outro país e de um outro tempo*” (1984:199).

O método etnográfico permite ainda uma organização de todos os detalhes recolhidos durante a investigação. Desta forma, o investigador presente, observador e participante saberá as particularidades do estudo, em que sequencia resultaram e qual a melhor forma de os narrar.

Pretende-se ainda captar, através do olhar etnográfico, a dinâmica da urbe na construção de diferentes opções de vida julgadas à margem da sociedade. Considerámos que o método etnográfico seria o que melhor nos permitiria conseguir a proximidade necessária do fenómeno bem como a distância para a reflexão acerca das diferentes perspetivas – de fora e de longe.

Identificamo-nos por completo com a estratégia de investigação denominada por Magnani (2002:18) como “*de perto e de dentro*” na medida em que o acompanhamento feito com os indivíduos a estudar decorreu em vários contextos na cidade: hospitais; centros de saúde, instituições públicas e nos seus locais de trabalho: na rua, nos mais diversos locais, onde tivemos oportunidade de experienciar o seu dia-a-dia, as suas dificuldades e o seu comportamento. Foi crucial conseguir um posicionamento que permitisse um distanciamento suficiente para obter uma perspetiva abrangente da realidade mas suficientemente próximo para que não nos fizesse perder a perspetiva particularista que se procurava alcançar.

Procurou-se uma recolha dos dados em contexto natural, de forma direta por meio da observação (participante e não-participante), possibilitando a confiança, para que o diálogo surgisse de forma natural, como conversa, o que se veio a revelar possível através do contacto obtido durante várias semanas de voluntariado em equipas de rua e apoio em gabinete.

A investigação decorreu na cidade de Leiria (centro). A cidade, no âmbito da investigação é vista para além do aglomerado de edificações e pessoas que se fixam em determinado local por razões maioritariamente ligadas à proximidade de bens e serviços. As pessoas circulam por entre os pedaços ou manchas (Magnani), criando os seus próprios trajetos, escolhendo as suas alternativas. É aí que que, atendendo às escolhas feitas, se abrem ou se abandonam os seu campos de possibilidades (Vieira, 2009).

Esta investigação consubstancia-se de histórias de vida que os protagonistas procuram esquecer, ruturas que lhes provocaram sofrimento e que os dotaram a uma vida de exclusão. Sentimos necessidade de chegar a elas sem que o indivíduo se sentisse invadido na sua privacidade ou violado na intimidade dos seus sentimentos.

Para esse efeito, adotada uma metodologia de aproximação ao *photovoice* (cf. apêndice A). Para a implementar, foi solicitado aos investigados que, individualmente, e de acordo com a sua história de vida, ilustrassem três situações: a recordação mais feliz; o que mais gostam no dia-a-dia e qual o seu maior sonho.

Pretendeu-se desta forma abordar o passado, presente e futuro destes indivíduos, estimulando o diálogo com o investigador através da arte (fotografia). Sempre se dirá que não foi adotada a técnica do *photovoice* de forma ‘pura’ mas num formato adaptado à situação a investigar para que o diálogo fosse mais facilmente alcançado e as questões surgissem de forma natural, através da arte – fotografia – conseguindo também empoderar os indivíduos, consciencializando-os das suas competências a este nível (investigação-ação).

Toda a metodologia aplicável às ciências sociais foi tida em conta no âmbito desta investigação mas na escolha dos métodos e técnicas pesou o objeto de estudo e o objetivo da investigação, razão pela qual há uma mescla de métodos e técnicas aplicadas.

Foi uma investigação essencialmente norteada pela paixão de intervir junto de pessoas com maiores dificuldades de integração, ou nas palavras de K.Popper (in G.Geymonat:186 citado em Nunes, Rosa.2005:35) *”o que conta não são os métodos e as técnicas, mas uma certa sensibilidade para os problemas e uma paixão ardente por eles; ou, como diziam os gregos, o Dom natural de experimentar admiração”*.

Todos os nomes constantes deste trabalho de investigação são fictícios a fim de se salvaguardar o anonimato dos participantes investigados.

## **TÉCNICAS DE PESQUISA EMPÍRICA**

### ***OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE***

A complexidade do objeto da investigação, característico das ciências sociais, impele a opção por métodos que permitam o estudo em profundidade. Estipulámos que quatro estudos de caso seria um número que permitiria abarcar as diversas realidades existentes, abarcando diferentes realidades que vivem em situação de exclusão social.

De uma ótica qualitativa, quatro casos poderiam não ser considerados uma amostra representativa. No entanto, como Machado Pais e Isabel Guerra considerámos que a objetividade não terá de ser forçosamente mensurável, quando se trata de saturação temática e não estatística.

Com o fim último de assegurar a objetividade do estudo, cruzámos a informação recolhida, levando a cabo o denominado por Bertaux (Pais, 2001:375) de processo de saturação da informação, afiançando a qualidade da investigação, não tanto pela quantidade de entrevistados mas pela profundidade das entrevistas realizadas.

Este processo atribui à representatividade um significado completamente distinto do conferido pelas investigações assentes num paradigma positivista.

Segundo Bell (2010), a observação participante leva o seu tempo, para além de ter de ser previamente aceite pelos indivíduos ou grupos a estudar. Outras das dificuldades apresentadas pela autora são: o tempo necessário para realizar a investigação e a representatividade da amostra escolhida.

### ***ENTREVISTA ETNOBIOGRÁFICA***

O método etnográfico como o conhecemos hoje, teve a sua origem em Inglaterra por Malinowski e pelos sociólogos da escola de Chicago. Becker e McCall (1990) explicam as linhas mestras da antropologia urbana: *“cada acontecimento humano deve ser compreendido como o resultado do ajustamento do que as pessoas envolvidas fazem relativamente ao que os outros fazem, assim, cada linha individual de ação cruza-se com a dos outros (...)”*.

A etnografia é por excelência, um trabalho de campo. Distingue-se dos inquéritos pelas amostragens pré-definidas e recolha de informação diretamente do seu contexto natural através da observação direta e/ou participante ou entrevista.

O estilo etnográfico consiste numa forma de investigação mais profunda, que não se basta com permanências curtas no terreno. Requerem-se incursões longas que permitam captar a confiança e em consequência a realidade a estudar. A etnografia difere, no entanto, das técnicas que lhe são características como a da observação participante. O mesmo acontece relativamente às suas características: estudo intensivo, qualitativo, estudo de caso.

Optaremos pela entrevista etnobiográfica (Vieira, 2003; Vieira, 2009) ou nas palavras de Burgess (1997), entrevista como conversa. Esta opção permite um estudo mais aprofundado do fenómeno compreendendo, em contexto real quais as reações, opiniões e posições adotadas pelos intervenientes, tornando a investigação mais rica e fiel à realidade (cf. apêndice B).

No fundo a entrevista etnobiográfica é uma variante da entrevista biográfica. A etnografia contemporânea não se limita ao investigador que diz passar de uma forma neutral pela comunidade ou grupo de estudo que estuda observando, participando, porque ao final de algum tempo está integrado e já não é considerado um outsider. A etnografia contemporânea, além desta observação direta e participante questiona os observados, dando origem a conversas que Burgess designa de entrevista como conversa e que colocam os sujeitos do estudo a pensar sobre coisas em que nunca tinham pensado: a pensar sobre si, a pensar sobre os outros e desta forma alongam a sua racionalidade e a do próprio investigador porque ambos saem mais ricos, porque ambos apreendem com a interação. Por isso, no trabalho etnográfico, o investigador aprende a fazer perguntas que façam sentido para os sujeitos, que partam da sua cultura, e, quando

estas dão origem a reflexões e mais respostas do que perguntas acerca da vida de cada um passam a designar-se de entrevistas etnobiográficas.

Este tipo de perspectiva investigativa vai muito além da designada investigação qualitativa, na medida em que ainda que haja guiões de entrevistas, durante um trabalho de campo prolongado como foi este, muitas vezes já não há necessidade de fazer perguntas. A confiança entre investigador e investigado atinge dimensões que qualquer momento dá origem a narrativas biográficas, a questionamentos sobre passado, presente e futuro limitando-se o investigador a tentar aprofundar algumas questões a partir do próprio discurso dos sujeitos e não do guião previamente estabelecido. Neste sentido, esta entrevista acaba por ser produtora de conhecimento que é novo para o entrevistado, ao mesmo tempo que é novo para o entrevistador que passa a ter uma nova compreensão acerca das margens e dos outsiders da sociedade como é o caso do foco principal desta dissertação.

Podemos mesmo dizer que o etnógrafo acaba por ser um mediador intercultural porque se encontra na fronteira entre o estar fora, na dita sociedade civil e dentro de um mundo cultural desconhecido mas que ele vai conhecendo para traduzir para a comunidade científica e para os interventores sociais para que possam fazer um trabalho mais relacional, contextualizado, e adaptado aos excluídos que poderão nesta linha de intervenção social querer desenhar projetos futuros. Sem este desejo não há transformação.

### ***INVESTIGAÇÃO-AÇÃO***

Na observação participante, o intuito do investigador será observar a realidade existente, recolher dados, sem levar a cabo qualquer tipo de intervenção adequada à situação concreta. Coisa diferente será a investigação-ação, caracterizada por ter o fim último de intervir considerando a situação e os dados entretanto recolhidos aplicando àquele caso concreto uma solução que se coadune com a sua origem e natureza.

Com Isabel Guerra (Guerra, 2006:73) concordamos quando considera que “*a investigação-ação não é gratuita e desinteressada; ela implica que o investigador se situe face aos diversos grupos envolvidos [...]*” já que o investigador terá necessariamente criar envolvimento, de se situar no grupo e com o grupo.

Na verdade, a investigação-ação não vem trazer nenhuma inovação em termos científicos mas antes na postura perante o conhecimento e a ação (Guerra, 2002:53). De acordo com a definição de H.Carmo e M.Ferreira (1998) a investigação- ação tem como finalidade a resolução de problemas de carácter prático utilizando o método científico, considerando a situação real, refutando o objetivo de generalizar os resultados a obter distanciando-se assim dos outros tipos de investigação.

### ***Photovoice: uma metodologia para a inclusão***

A base teórica da metodologia de investigação-ação adotada é de aproximação ao *Photovoice*. Originariamente criada e desenvolvida por Carolina Wang e Mary Ann Burris, esta metodologia de investigação-ação surge na década de 90, mais concretamente, na área da promoção e educação para a saúde.

Metodologia bastante rica do ponto de vista da autorreflexão e da mudança individual e grupal, foi escolhida para possibilitar o estreitamento de laços entre investigador e sujeito. Desta forma o contacto estaria assegurado e havia a possibilidade de um encontro para rever as fotografias e falar sobre as mesmas e sobre a história de vida do participante numa entrevista.

A imagem fotográfica pode ser a forma mais fácil de captar o interesse e a atenção dos sujeitos provenientes de contextos de exclusão social, cujas histórias de vida se pretendem analisar. Através deste estudo, pretende-se que as representações que fazem de si e dos outros por meio das imagens que captam possibilitem um pensamento crítico acerca dos temas ou problemas que mais os preocupam, desenvolvendo o pensamento crítico.

A imagem captada (ou a ausência da mesma) demonstrou ser uma forma de expressão capaz de refletir marcas do perfil identitário de cada sujeito e denota quais as maiores necessidades, problemáticas, gostos e significados que atribuem a si próprios, à família, ao grupo de pares e ao meio que os rodeia.

Podemos enumerar como os três principais objetivos do *Photovoice*: a capacitação de reflexão do individuo sobre a sua realidade individual e enquanto membro da sociedade, a promoção do diálogo crítico com o mediador ou com o grupo a partir das fotografias e o facto de se poder alcançar outros públicos (audiência) a quem normalmente não

chegaria a sua visão da realidade nem as suas sugestões de melhoria. (Wang and Burris, 1997) (cf. apêndice A.3).

Hoje em dia, a imagem é usada como instrumento de reflexão e de *empowerment* nomeadamente entre sujeitos provenientes de contextos de exclusão social e é cada vez mais um método a considerar como válido. Com o acesso facilitado a câmaras fotográficas e a computadores, considerámos exequível dar a possibilidade de poderem aprender a manusear esses instrumentos e de experimentar algo que (alguns) nunca tivessem tido a oportunidade de fazer. Seria, desde logo, empoderador: “*Photovoice is a process by which people can identify, represent, and enhance their community through a specific photographic technique. It entrusts cameras to the hands of people to enable them to act as recorders, and potential catalysts for change, in their own communities. It uses the immediacy of visual image to furnish evidence and to promote an effective, participatory means of sharing expertise and knowledge*”.

De acordo com as teorias de Paulo Freire (1970) o indivíduo é criador da sua cultura e tem capacidade crítica para refletir e apontar soluções para questões que lhes digam diretamente respeito, pelo que utilizar esta ferramenta para estimular os sujeitos a falarem de si e da sua história da vida foi sem dúvida desafiador, trabalhoso mas muito motivador e compensador (cf. apêndice A.4).

Como já aludido, foi empregada uma metodologia de aproximação ao *Photovoice*, já que apenas parte das etapas do processo de *Photovoice* foram cumpridas. Apesar de o *Photovoice* (Wang e Burris, 1997) ser uma das nossas bases metodológicas, atendendo ao contexto social e cultural de cada sujeito a estudar a estratégia teria de ser adaptada, reestruturada e direcionada, nomeadamente com a entrevista como conversa (Burgess).

### ***OUTRAS TÉCNICAS DE RECOLHA DE INFORMAÇÃO***

No que às técnicas de recolha de informação diz respeito, optei pela revisão da literatura e uso de diário de campo onde foi anotada toda e qualquer informação relevante para a investigação.

## CAPITULO 4 – VIDAS DE RUA

Nome	Nacionalidade/ Naturalidade	Idade	Estado Civil	Escolaridade	Ocupação	Motivos Rutura	Adições
<b>António</b>	Portuguesa (Barreiro)	59 anos	Solteiro	4.º ano	Arrumador de carros	Familiares	Álcool Tabaco Haxixe (esporádico)
<b>Eliseu</b>	Portuguesa (Entroncamento)	39 anos	Solteiro	5.º ano	Pensionista por invalidez	Familiares	Tabaco Haxixe (esporádico)
<b>Fonseca</b>	Portuguesa (Leiria)	49 anos	Solteiro	9.º ano	Pensionista por invalidez	Amorosas/ Familiares	Não tem (ex-alcoólico)
<b>Maria</b>	Portuguesa (Algarve)	43 anos	Solteira	Não sabe ler nem escrever	Trabalhadora do sexo	Familiares Amorosas Violência	Tabaco Antidepressivos

### VIDAS (RE) CONTADAS

#### *ANTÓNIO*

António tem 59 anos de idade e é arrumador de carros na cidade de Leiria há cerca de 14 anos. É natural do Barreiro, onde ainda vive a sua família com quem não contacta há muitos anos. Não esquece as amizades que fez durante a sua juventude nem as suas raízes mas não mantém contacto com ninguém. Os seus pais já faleceram, o pai por problemas relacionados com álcool. Tem um filho, toxicodependente, que vive no Laranjeiro, com quem não mantém contacto regular. Não terminou a 4.ª classe por ter sido expulso da escola por ser considerado uma criança violenta. Fugiu de casa com 14 anos para rumar a Espanha com um amigo à procura de trabalho. Vários foram os trabalhos que teve durante a sua juventude e idade adulta, mas nunca nenhum foi certo, lhe trouxe estabilidade ou lhe suscitou vontade de ficar. Nunca teve um local que considerasse a sua casa. Considera-se um caracol, sempre “com a casa às costas”. Hoje, como sempre, trabalha para sobreviver, já que o RSI não é suficiente para colmatar todas as despesas mensais.

Não aspira por mais. Limita-se a viver o dia-a-dia e a ganhar para as despesas e para os vícios, sobrevivendo. Justifica a ausência de projetos com a idade e a falta de condições económicas.

### ***ELISEU***

Eliseu tem, 39 anos de idade, é ex sem-abrigo (no Entroncamento e em Leiria). Aos 4 anos foi colocado na Casa do Gaito de Paço de Sousa onde permaneceu até aos 14 anos. Por se sentir oprimido e sem liberdade, fugiu assim que perfez os 14 anos. Durante o tempo em que esteve na casa do gaiato a única visita constante era a da sua avó, não se recorda de a sua mãe o ter ido visitar.

Aos 14 anos foge para o Entroncamento à procura da liberdade e do carinho familiar que esperou durante 10 anos. Chegado à sua terra natal preferiu ficar em casa da sua avó. Estudou em Torres Novas e no Entroncamento onde não concluiu o 6.º ano. Foi, entretanto, objeto de uma intervenção cirúrgica dados os problemas de saúde que lhe haviam sido previamente diagnosticados. Durante sua longa recuperação a sua avó viria a falecer e ele estaria destinado à casa da sua mãe. Para morar com ela, sua mãe exigiu-lhe o pagamento de uma renda mensal que era uma boa parte da pensão de invalidez que Eliseu recebia (graças à avó que tratou da documentação). Revoltado com a situação e com a falta de carinho, decide sair de casa e, sem mais, ir viver para a rua.

Andou *‘um bocado perdido’*. Para procurar uma nova vida decide vir para Leiria. Chegado a Leiria e sem casa vê-se de novo destinado a viver na rua até encontrar um quarto. Neste momento, já tem um quarto, vive com mais 3 colegas e encontra-se a realizar um curso de formação profissional de jardinagem e de equivalência ao 9.º ano. Pretende terminar o curso, conhecer uma rapariga, namorar, constituir família, ter uma casa e um filho. Os seus objetivos estão bem presentes na sua cabeça e trabalha diariamente para os alcançar procurando esquecer o passado.

### ***FONSECA***

Fonseca tem 49 anos e 22 patologias diagnosticadas e, entre elas, o VIH. Natural de Leiria estudou até à 4.ª classe. Começou a trabalhar para ajudar a família. Aos 16 rumou a Lisboa em busca de uma paixão que teria conhecido num Verão passado na Costa da Caparica: Joel, um médico que exercia funções na Clínica Z. Chegado a Lisboa, foi estudar para o colégio Y onde se apercebeu de que havia muita homossexualidade e poucos cuidados com a transmissão de vírus. Ele próprio não havia tido cuidado com tal

situação. Depois de ter trabalhado na indústria do mobiliário, Fonseca conseguiu uma vaga na Clínica Z, onde Joel trabalhava para exercer funções de manutenção. Trabalhou lá 18 anos. Um dia suspeitou de que podia ter contraído VIH e solicitou o teste. Tendo verificado o resultado positivo confrontou o companheiro (viviavam juntos). A resposta não foi agradável e levou à rutura da relação. Após uns anos de boémia em Lisboa e trabalho em ‘biscates’, Fonseca retorna a Leiria, a casa da mãe. É aí que se encontra hoje. Vive da sua reforma por invalidez e do complemento por apoio a 3.<sup>a</sup> pessoa. Pretende viver com a mãe até morrer e apenas coloca a hipótese de ter um companheiro caso ele tenha a mesma doença. O seu sonho é colocar de pé um projeto de uma máquina que filtra o sangue e evita a toma de tantos medicamentos antirretrovirais em funcionamento. Gostava de viver num mundo sem preconceito, onde não se sentisse discriminado.

### **MARIA**

Maria tem 43 anos, vive em Leiria e é trabalhadora do sexo. Natural do Algarve cedo fugiu com o seu amor em virtude dos maus tratos que sofria em casa dos pais. Não lhe foi dada a possibilidade de aprender a ler nem a escrever pelo que ainda hoje, Maria apenas sabe assinar o seu nome. Viveu com o seu ex-companheiro, de quem teve um filho Miguel, na Guarda com os familiares deste onde viria a ser mais uma vez vítima de violência física e psicológica.

Segundo Maria, foi o ex-companheiro que a dotou à rua para que ela ganhasse para a casa. Foi trabalhadora do sexo em Lisboa, Coimbra, Espanha e Leiria, pelo que já anda ‘na vida’ há muito tempo. Durante um período de tempo, Maria prostituía-se numa carrinha, adaptada e decorada para o efeito atendendo às condições de higiene.

Maria viria a engravidar do segundo filho, mas não do seu ex-companheiro e por isso cada vez mais rejeitada e objeto de violência da parte deste. Foi ‘obrigada’ pelo ex-companheiro a assinar a documentação para a adoção do 2.<sup>o</sup> filho e como não aguentou tanta violência, fugiu. O ex-companheiro foi preso e neste momento ainda se encontra no estabelecimento prisional. Maria vive sem condições, num quarto que arrendou onde tem restrições de visitas e de uso de eletricidade e atormentada por ter o seu filho numa casa do Gaito na Guarda e apenas o poder ir visitar de vez em quando. O seu maior sonho era poder viver com ele numa casa onde pudessem estar os dois, mas tem consciência de que nas suas condições é impossível que lhe deixem receber o filho.

## **QUEM ERA, QUEM SOU, QUEM SEREI...**

### ***O SOLITÁRIO SOLIDÁRIO***

António tem 59 anos de idade e é arrumador de carros na cidade de Leiria há cerca de 14 anos. É natural do Barreiro, onde ainda vive a sua família com quem não contacta há muitos anos.

Chegámos ao contacto com António através das equipas de rua uma vez que exerce a atividade de arrumador de carros num dos parques de estacionamento de Leiria como de um trabalho regular se tratasse. De trato fácil, foi possível contactar com o investigado várias vezes, conversar com ele, obter informações, acompanhá-lo ao médico e almoçar com ele.

Apesar de o contacto com o investigado ter sido fácil, foi solicitada a sua participação na atividade de aproximação ao *photovoice* a fim de recolher mais informações acerca da pessoa, seu passado e suas perspetivas de futuro.

Finda a atividade foi solicitado que comentasse as fotografias que tirou e escolhesse a fotografia que considerava mais bonita. Escolhida a fotografia pedimos a colaboração para o preenchimento do “*Poema dos Sentidos*”. Esta atividade consistia em completar um verso com o que sentia ao olhar para a fotografia que escolheu como sua preferida.

### ***Poema dos Sentidos***

Eu oiço **a água do rio a correr**

Eu cheiro **o aroma das árvores do parque**

Eu vejo **um castelo com muito significado na minha vida**

Eu saboreio **uma boa leitura**

Eu toco **no avião onde já dormi**

Eu sinto **que vou realizar alguns sonhos meus**



Do seu passado retratou-nos uma infância não muito feliz, marcada por dificuldades económicas mas também por muitas amizades, nem sempre marcadas por contextos ou finais felizes, mas por muita camaradagem: “*E aí vivi, a minha juventude foi no rio*

*Tejo, no verão. Está perto, da casa dos meus pais está perto, aquilo é quinze minutos, pronto, é quinze minutos. Então tenho a recordação do rio Tejo [...] Mas também me lembrei de recordações do castelo de S. Jorge porque são recordações mais interessantes”.*

Apesar de se encontrar longe, António não esconde nem esquece as suas raízes. O facto curioso é que não as procura nem durante todo o seu percurso se sentiu ligado à família, aos amigos e ao local onde nasceu. *“Os meus tios, os meus primos, é tudo. A minha família é toda ali daquela zona. Setúbal, Barreiro, Almada, Lisboa... Ali aquela zona toda.”*

Estudou no Barreiro, mas segundo o mesmo, nem a quarta classe terminou. Eram grandes os conflitos na hora do recreio e António uma criança muito nervosa e violenta. Viria a terminar a 4.<sup>a</sup> classe em Leiria.

A sua ânsia pela liberdade e por conhecer coisas novas fez com que deixasse tudo, inclusive o seu próprio filho, e seguisse rumo a um país diferente.

De mente aberta e preparado para tudo, com apenas 14 anos já havia rumado a Espanha, para experimentar a sensação de liberdade e de estar *‘por conta própria’*. Desde cedo sentiu que era diferente dos outros: pensava diferente, vestia diferente, tinha de sair, de mudar de conhecer.

Voltou da primeira experiência em Espanha com o seu amigo Joaquim quando o dinheiro acabou e rumou a casa onde permaneceu até engravidar a mãe do seu filho.

Nesta altura, por força da situação, foi viver com ela mas a relação não viria a durar muito tempo já que António partiria pouco depois à procura de uma vida melhor, ou à procura de algo que nem ele sabia bem.

Desta vez partiu sozinho. Entendeu que já conhecia o suficiente para se desenrascar sozinho. Esteve no Algarve durante uns tempos e depois rumou a Espanha onde permaneceu 14 anos sem voltar a Portugal. Durante o tempo que permaneceu em Espanha aproveitava as temporadas da apanha da fruta. Quando terminavam ia pedir para as portas de igreja. Viveu numa comunidade hippie onde aprendeu a partilhar e a viver em comunidade. Aí não era permitido o consumo de álcool e todos tinham de compartilhar para a comunidade com uma parte do que recebiam.

Percebeu então que tinha jeito para o artesanato. Começou a imaginar pulseiras, bolsas, carteirinhas (entre outros) a fazer moldes e a vender o artesanato quando não tinha trabalho na apanha da fruta. Dividia-se entre trabalhos e épocas do ano. Trabalhava consoante as suas necessidades e consoante o tempo.

Conheceu muita gente durante o tempo em que esteve em Espanha. Teve momentos felizes e menos felizes. Um dos momentos que recorda com tristeza foi quando o prenderam por suspeitarem que estaria a vender droga nas Ramblas – Barcelona. O estigma (Gooffman,1988:148) teria aqui sido determinante para considerar António um traficante de droga. É visível pelos olhos dos que se consideram “normais” e leva a um afastamento dos demais.

Durante o tempo que esteve em Espanha reconhece que foi várias as vezes ajudado e que também ajudou. Relatou-me um episódio onde conheceu um francês (Francis) que andava a remexer os caixotes do lixo à procura de comida. Avistou-o enquanto pedia à porta da igreja e foi pagar-lhe uma ‘sande’ ao café mais próximo. A partir daí não deixou de o ajudar e ele (Francis) esteve sempre na sua companhia. Ensinou-o a fazer artesanato. Hoje esse mesmo rapaz vive em Portugal à custa do artesanato que António o ensinou a fazer.

Relativamente às relações familiares com o filho são quase inexistentes. António não o visita com regularidade nem tampouco tem orgulho nele, pelo contrário, sabe que o ambiente em que foi gerado e em que foi criado terá sido determinante para que também ele hoje esteja preso à toxicodependência.

Esta situação de exclusão de António está intimamente ligada a uma perda de vínculo familiar, por desintegração de relações familiares e sociais (Rodrigues *et al*, 1999:66) que por acarretarem na grande parte das vezes ausência de habitação e de emprego, são denominadas de “*classes perigosas*”.

Os seus pais faleceram. Através do seu discurso é possível compreender que existia uma relação forte entre ele e seu pai.

Durante toda a sua vida, António sempre deu muita importância às relações amorosas. Contou-nos a propósito das recordações do seu passado como havia conhecido Patrícia

uma namorada que teve durante 10 anos, também ela com problemas relacionados com excesso de álcool.

Hoje vive com uma amiga, Emília que, apesar de não o assumir de forma direta, é uma pessoa muito importante na sua vida. Emília vive com António desde que foi despejada de sua casa. Outrora, teve oportunidade de ajudar António e não o fez. Ele, por sua vez, não consegue deixar de ajudar alguém em necessidade.

De acordo com os dados que pudemos recolher, António considera-a mais do que uma amiga mas esta não sente o mesmo. Vivem num estado de dependência mútua mas não pelas mesmas razões. Ambos têm problemas com o álcool e são arrumadores de carros, embora ela o seja mais esporadicamente já que ele acaba por dar-lhe auxílio sempre que necessário.

Poder-se-á afirmar que a rutura por parte de António se deu em dois momentos distintos: um primeiro quando ele decide partir – *rutura voluntária* - (provisoriamente aos 16 anos) e depois com 20 anos para Espanha deixando a sua vida em Portugal para trás inclusive o seu filho recém-nascido; podemos ainda apontar como um segundo momento de rutura (*provocada*), quando é roubado na pensão onde habitava e fica sem o seu material para trabalhar e o seu artesanato para vender.

Atualmente, António está muito insatisfeito com a realidade em que vive. Considera que está a arrumar carros por obrigação. Embora, por observação não participante, tenhamos percebido que a relação pré-estabelecida com muitos utentes do parque é boa e salutar, António, encara a sua atividade como um trabalho e só o faz para conseguir “*ter umas moedas*”.

Recorda-se do passado como uma grande aventura que viveu nesta vida. Arrepende-se dos excessos que cometeu, mas com 60 anos considera que é tarde para alterar o que quer que seja. Está destinado a viver com o que tem, resta-lhe apurar diariamente se tem ou não dinheiro para comer, beber e para o tabaco.

Em jeito de análise, poder-se-á afirmar que Lisboa, nomeadamente, o Barreiro assumem uma grande importância na sua vida embora, curiosamente, não mantenha relações estáveis com nenhum dos elementos da sua família ou amigos que aí residem. Durante o seu discurso são muitos os episódios a que faz referência da sua juventude mas nenhum

da sua infância. Sugere que é algo que não recorde por opção ou porque foi a forma encontrada para esquecer uma eventual infância infeliz, o que integrado na sua história e condições de vida, faria sentido. *“Fui criado no rio, praticamente no rio. E eu quando tinha aí uns sete anos, na casa dos meus pais, não era casa, era barracas, não eram casas...Eu fui criado em barracas. Nada. Eram barracas”*.

Há dois elementos que surgem constantemente no seu discurso acerca das recordações do passado: os rios e os castelos. Ao fazer uma interpretação mais extensiva, podemos associar o facto de apreciar as linhas de água que simbolizam liberdade, transformação e renovação. Na verdade, foi o que procurou durante toda a sua vida. *“... para mim tem a ver com o rio Tejo, porque foi no rio Tejo que eu aprendi a nadar. Foi no rio Tejo que eu tive as minhas namoradas. Foi no Tejo que eu curtia a vida, a minha juventude”*; *“Esta fonte [...] aqui tem muita história.*

O castelo, curiosamente surge sempre em ocasiões de convívio com amigos e/ou namoradas. Como se gostasse de mostrar e explorar um espaço majestoso que não possui mas que, através da sua ardileza consegue ter acesso. *“...Fotografia ao castelo porque eu tenho grandes recordações do castelo de S. Jorge em Lisboa [...] Eu tenho recordações do castelo... Neste (Leiria) castelo tenho uma boa, com a Emília. Andámos lá a curtir os dois, a passear... Tivemos, passámos lá uma tarde, bem-dispostos [...] Houve uma vez e mais dois amigos, aqui no castelo, a parte de trás do castelo...”*

Nunca procurou estabilidade, melhores condições de vida. Sempre que tinha algum tipo de responsabilidade ou a vida o convidava a assumir algum compromisso (nascimento do filho), procurava uma outra solução, seguia a sua ‘linha de água’. Sem medo. *“Para um apartamento dela mesmo (da ex- companheira). Depois morreu a mãe, depois ficou ela, eu, e o pai dela e o garoto. Depois nasceu o garoto, separei-me dela, já conhecia Espanha, fui para o Algarve”*.

O facto de ter abandonado o local onde morava e toda a família, amigos e acima de tudo o filho poderá demonstrar que não estava preparado para assumir responsabilidades ou simplesmente que não as queria assumir. Quando engravidou a mãe do seu filho, apesar de ter feito uma tentativa (à partida voluntária) de viver com ela, apenas durou até ao nascimento do filho. É notória a sua desvalorização desta mulher na sua vida (era uma garota, injetava-se). As ligações que tinha não foram suficientes para que ficasse.

O pai, já falecido, parece ter sido o único elemento da família com que teria um vínculo mais forte. Acabara assim por criar uma família destruída tal como considerava a sua “E assim que chegámos a casa, o meu pai: *“Não faças mais essas coisas.” Não sei quê, não sei que mais... A chorar, a minha mãe a chorar, não sei quê, não sei que mais. Depois passou. Também nunca mais saí de casa”*”.

É notória a sua necessidade de manter relacionamentos amorosos, dada a quantidade de relacionamentos mencionados, não apenas nas entrevistas mas pelo que ouvi e assisti enquanto observadora participante.

Desde que saiu de casa dos pais nunca teve uma residência fixa. “...depois fui viver com a mãe do meu filho, saí outra vez [...] Sim. Sempre com a casa às costas como o caracol “. Esta figura sugere a busca da sua identidade por todos os locais onde esteve. Nunca se sentiu completamente integrado ou realizado em nenhum deles, não considera nenhum local como “a sua casa”, “...aquilo é o sítio onde eu vivo”. daí a sua dificuldade em criar raízes:

Para além de fazer essa busca sozinho, inviabilizou sempre a tentativa de contacto por parte dos familiares já que nunca lhes dava a conhecer onde se encontrava. “...uma pessoa pensa sempre na família, mas está longe e já está a viver aquele mundo, não é? Claro, quando eu lá estava longe dos meus irmãos, os meus pais o que é que ia fazer? Às vezes escrevia uma carta para eles. Mas não recebia porque não tinha direção fixa [...] Mesmo na prisão, que estive lá várias vezes preso também escrevia a dizer que estava preso. Mas nunca recebia a carta porque não dizia o nome da prisão nem nada. Só metia Barreiro, Portugal, Quinta 1, número 01, o nome da minha mãe. Já está. Não recebia carta nenhuma deles, eles é que recebiam de mim”.

Não pertence a lugar nenhum. Não teve um domicílio fixo durante muito tempo, não teve um emprego durante um longo período de tempo. O seu discurso sugere que não tenha sentido essa necessidade. As relações que estabelece com outros são a segurança que vai procurando por onde vai passando como quem procura proteger e cuidar de quem não se soube proteger ou cuidar.

Aparenta transferir para o desconhecido o cuidado, a importância que não deu aos seus, nomeadamente ao filho. “Eu quase que não o conheço. Quando eu me separei da mãe dele ele tinha aí uns quatro anos, depois estive quinze anos sem o ver. Depois passados

*quinze anos é que já ele tinha vinte e tal quando o vi, foi lá a cima a Leiria á minha procura. Depois fui lá duas vezes ao Barreiro [...] Tive poucas notícias dele (filho), ou nenhuma. Na altura que eu estive lá em Espanha nunca o conhecia [...] só que estamos muito longe. Ele também é um drogado do caraças, é pior que eu. Pois. Ele injeta-se”.*

É visível a sua falta de ligação e de amor para com o filho. Quanto à figura da mãe deste é omissa desde o seu nascimento. Ajuda os outros quando não consegue ajudar os seus: *“Ela é que esta a viver comigo [...] não tinha para onde ir, foi expulsa de onde estava a viver [...] Estou a ajudá-la, mas ela não me ajudou a mim. Vendeu a casa e nunca me pagou. Quando vendeu a casa e eu tive que ir para a rua estás a perceber? Eu ajudo a ela porque gosto de ajudar as pessoas. Se não fosse eu quem é que a ajudava? Ninguém. Não consigo ver alguém a passar necessidades”.*

O que faz hoje e o que fez durante toda a sua vida não era nada do que sonhava fazer, mas tão-só o que tinha de fazer para sobreviver. Esta foi a sua opção de vida: viver livre e desregrado, ao sabor do tempo e das suas necessidades.

A vida acaba por lhe trazer uma nova oportunidade de trabalho em Portugal - Lagos. Mais tarde viria a ficar sem este emprego devido a um acidente de trabalho e seguir-se-ia nova rutura na sua vida: roubo e fuga para Espanha: *“No Algarve trabalhei aí uns seis ou oito meses, no parque de campismo em Lagos. Depois parti um pé [...] Comecei por ali a fazer das minhas, a roubar. Depois, Espanha, Sevilha. Já conhecia um bocadinho. Depois dessa vez estive lá dois anos e tal”.*

Já em Portugal após 14 anos de trabalho e aventuras entre Portugal e Espanha, voltou a vender artesanato em Portugal. O roubo do artesanato que tinha para venda e do material para o fabricar viria a ser o suficiente para desmornar tudo o que havia construído até àquele dia. *“Quando vou a entrar não vi logo as mochilas, olho assim para cima, não vi logo as mochilas, olho para cima um ajudou o outro saltou e roubaram-me as mochilas com o artesanato todo [...] Quando recebi o rendimento mínimo comprei um perfurador e tal, o alicate de meter [...] Mas acabei por não comprar nada e gastei o dinheiro igual [...] Agora este ano, perdi tudo outra vez. O melhor é desistir”.*

Não voltou mais a ser o seu ganha-pão. Não criou mais a estrutura de negócio que tinha e voltou-se para o parque. Deu-se aqui uma nova rutura.

Durante o tempo em que foi arrumador, teve oportunidade de trabalhar para a autarquia local, como jardineiro o que muito se orgulha. Com esta oportunidade de trabalho, António sentiu-se útil, e integrado como elemento de uma sociedade. *“Trabalhei de jardineiro por conta da Junta de Freguesia de Leiria e trabalhei de pedreiro por conta de uma firma de Lisboa, na construção do parque da avioneta [...] nós, com uma grua dessas gigantes, eu e mais dois ou três é que tivemos que amarrar a corrente por baixo e mudá-la de sítio para onde ela está agora”*.

Terminado o contrato, sem opções, volta ao parque. Assume que não gosta de ser arrumador de carros. O seu discurso não demonstra sentimento de desvalorização ou exclusão pela sociedade ou pelo menos não valoriza esse sentimento. *“Eu estou lá obrigatoriamente. Preciso do dinheiro para sobreviver. [...] Sim, para as despesas, para comer e para os vícios [...] Há uma ou outra pessoa que olha para nós de lado. Dois ou três por dia, mas não é muito normal...”*

Diz nunca ter riscado um carro e assume-se como um arrumador de carros sério. Diz conhecer quem não o é *“Há alguns que começam a mandar bocas porque as pessoas dão pouco ou não dão e as pessoas tratam mal. Eu não. Primeiro porque a pessoa pode não ter e depois porque um dia pode dar vinte cêntimos e outro dia dar cinquenta ou um euro [...] Eu nunca risquei carro nenhum! Mas já levei com um chicote na cabeça por ter riscado...”*.

No seu dia-a-dia, o controlo do espaço dos parques de estacionamento e o horário dos arrumadores são estabelecidos por uma hierarquia própria onde quem prevalece são os arrumadores mais velhos no parque. A sua atitude de marcação de lugares e controlo de horários bem como de autorizar quem pode ou não ir para o seu lugar pode querer incutir medo, respeito. Suscitou-nos a ideia de que lho poderiam ter feito antes, quer no meio laboral quer no seio familiar e agora encontra-se a replicar esse comportamento.

Faltam-lhe objetivos maiores. A importância do dinheiro para sobreviver resume-se ao suficiente para comprar comida bebida e tabaco. *“Preciso do dinheiro para sobreviver. Não é o gostar. Porque eu gosto mais dos meus dias, não é de estar ali [...] o que eu gosto mais na vida é ter dinheiro. Dinheiro para sobreviver. Para ir ao café comprar*

*tabaco e comer. Se não for assim, também uma pessoa se não tiver nada, também não gosta de viver.* De acordo com Machado Pais, as adversidades da rua fazem com que os sujeitos esqueçam o seu passado e o seu futuro: focam-se apenas no presente, tornando todos os seus dias num só (Pais, 2006:69).

Apesar de lhe ter sido diagnosticada Hepatite C, “*É hepatite C...*”, faz o seu dia-a-dia normal e gosta de se manter informado, ver televisão e ler. A ligação cultural surge aqui como ponto de ligação ao mundo, à sociedade “*O que eu gosto mais nos meus dias é ler, é estar assentado a ver um filme, ou um programa de televisão... Gosto de ver filmes, gosto de ler, gosto de ver os programas.*”

Mudava de vida se fosse para desempenhar as funções de jardineiro. É dessa atividade de que tem melhores recordações quando a desenvolveu para uma autarquia local e bem assim revela toda a ternura que ainda sente por Patrícia com quem frequentou o curso de Jardinagem. “*Não me chamam para fazer nada... E também com esta idade... também só ia se fosse para jardineiro que o resto já não tenho corpo para isso*”.

O seu gosto pela natureza estará certamente relacionado à sua necessidade de liberdade, de não se sentir fechado, confinado a um espaço. Daí que a opção da jardinagem seja a única que ainda coloque como opção válida.

Quando aos vícios, refere apenas “*o mal da bebida*” – o que parece apontar para uma desresponsabilização e desculpabilização. Age como se beber fosse menos mal (menos viciante) do que se injetar. A droga é uma adição mas não tao relevante que o suficiente obrigue a fazer o que não gosta (trabalhar) já o tabaco e o álcool fazem-no permanecer no parque para conseguir ganhar ‘mais uns trocos’ esta atitude é corroborada por Nave, 2004, o alcoolismo é efetivamente um dos motivos que conduzem mais indivíduos à atividade de arrumadores de carros.

Diz nunca ter agredido com facas e nunca ter matado ninguém o que parece admitir todas as outras formas de agressão. Assume traços de agressividade desde tenra idade mas não sabe porquê talvez seja a sua forma de se desculpar ou distanciar da pessoa que era. “*Não, nunca matei ninguém... Nunca agredi ninguém com navalhas nem nada. Não. Era porrada...*”.

Desculpa a agressividade com nervosismo, mas assume-a como normal no seu dia-a-dia. Para si apenas há agressão grave quando se trate de uma morte ou agressão com navalhas “... avisei-o logo que não tinha medo dele e que era nervoso e ele acabou por ir embora. Nunca bati a ninguém mas... Sou assim nervoso e sei do que sou capaz...”.

A atitude de ‘cada um por si’ ou ‘safa-te como puderes’ é evidente no discurso de António. Segundo Machado Pais, (2006:69) as adversidades da rua fazem com que esta forma de proteção surja.

Quanto ao futuro, António não gosta de fazer previsões, já considera que a sua condição física e a idade não lhe permitem fazer grandes planos. No entanto, não coloca de parte a possibilidade de voltar a fazer artigos de artesanato em pele, caso consiga obter dinheiro para a comprar.

Segundo ele, o projeto está lá, o difícil é comprar a pele que é cara e, acrescentamos nós, controlar-se por forma a esse ser o seu objetivo mais importante de forma a não ceder à primeira tentação que se lhe apresente no caminho: “*Mas recebi, acho que foi quinhentos ou seiscentos euros, fui com um amigo meu de cá de Alcanena à fábrica das peles, que é pele de vitela, levava cento e quarenta euros, já a pensar que ia comprar uma pele ou duas, mas já ia tão bêbedo, tão bêbedo, fui à fábrica, perguntei o preço das peles, a maior custava oitenta, a mais pequena, é ao quilo. Uns maiores e mais pequenos. Uma custava oitenta, outra custava cinquenta. Nem comprei a de cinquenta, nem comprei a de oitenta*”.

Sonha com uma casa, mas espera pelo Euromilhões para a comprar. Diz que é fácil e natural sonhar mas o problema é realizar os sonhos. De facto, a operacionalização dos projetos de António poderia ser uma mais-valia para a sua concretização. Por vezes, não é por falta de ideias nem de vontade que não há uma viragem na vida, é a falta de acompanhamento, de apoio e de ajuda numa primeira fase.

Relativamente aos campos de possibilidades e projetos de vida (Vieira. 2009), assume que a sua sobrevivência resume-se a ter comida, café, bebida e tabaco. Não sente necessidade de mudar porque não aspira muito mais. Fala muita vez na idade pelo que sugere muitas vezes a noção de finitude.

De qualquer forma o seu discurso acerca de trabalhar “*até já não poder com as pernas*” revela uma forte ligação ao que faz. Ainda que não goste. É a única coisa que tem como certa: sabe fazer. Parece não gostar de coisas que não domina.

A Câmara Municipal de Leiria tem atualmente legislação que regulamenta a atividade dos indivíduos que pretendem exercer a atividade de arrumadores de automóveis na cidade de Leiria (cf. anexo E). Deste facto foi dado conhecimento a António para que regularizasse a sua situação como arrumador de automóveis devidamente licenciado para o efeito.

António, não é movido pela força de vontade ou por um sonho, mas apenas por conseguir dinheiro. Considera que sonhar é normal. Também tem os seus sonhos. Viu pelo Francis que é possível torná-los reais, mas exigem trabalho e dedicação: “*Sou diferente. Ele (Francis) não sabia nada. Agora a última vez que tive com ele, já há uns três ou quatro meses, não, cinco ou seis, estive com ele na Nazaré. Já tinha carrinha... Tinha uma banca grande com toldo. Tem tudo. E eu...*”

É uma pessoa que se desresponsabiliza, se acomoda e que não tem projetos de futuro, “*Eu nunca vou mudar*”, remata. António vive o presente, como a repetição do passado e a negação do futuro (Pais, 2006:69).

No culminar desta investigação, apurámos que António foi abandonado por Emília e piorou substancialmente o seu estado de saúde encontrando-se à beira de sofrer uma cirrose hepática.

### ***O INCESSANTE***

A sua timidez contrasta com a sua força de viver e atingir o seu objetivo de vida: ter um trabalho digno e construir uma família.

Eliseu reside em Leiria juntamente com outros colegas que conheceu no centro de acolhimento de Leiria, sobrevive com o valor da sua reforma por invalidez que, segundo ele, é suficiente para pagar o quarto e fazer face às suas despesas. Para poupar o pouco dinheiro que lhe resta, evita gastar dinheiro em coisas que considera supérfluas e transportes públicos preferindo deslocar-se a pé. Conhecemos Eliseu numa manhã

solarenga de sábado quando este se encontrava a arrumar carros num dos parques da cidade de Leiria, junto ao rio.

Pouco falador e envergonhado, aceitou um *snack* e questionou a equipa da InPulsar acerca das novidades do curso para o qual tinha solicitado ajuda para a inscrição e aguardava resposta. Demonstrou ainda vontade de sair do local onde se encontrava a morar já que não estava satisfeito com os seus companheiros de casa uma vez que estes eram consumidores de drogas.

Percebemos que este seria um caso digno de estudo dado que, na maioria das vezes, quando se trata de alguém deslocado normalmente existe necessidade de estabelecer grupos de pertença, muitas vezes em detrimento das suas próprias convicções e/ou valores arrastando-o para situações indesejáveis. Não era o caso de Eliseu.

Sempre pareceu certo do que queria, e queria-o cada vez com mais intensidade. Sabia que as suas companhias o estavam a afastar dos objetivos que havia definido e por essa razão decidiu afastar-se. A presença de Eliseu no parque não era constante. Talvez por vergonha, talvez porque não sentisse uma necessidade imperiosa (consumos) de obter dinheiro de forma rápida e constante.

Depressa percebemos que este não seria um acaso fácil de investigar. Eliseu é uma pessoa muito tímida, fechada e isso dificultaria a abordagem e interação. Que palavras e história esconderia aquele silêncio? Que identidades sustenta? Que sentimentos habita? (Pais, 2006:39) tal como ocorrera a Machado Pais, estas interrogações tomaram conta da nossa mente.

Depois de pensarmos como chegaríamos às histórias de vida de pessoas como Eliseu, pensámos que talvez fosse melhor uma abordagem mais discreta, onde sem que desse conta, de forma natural, fossemos chegando ao âmago da questão: a sua história de vida.

Após algumas semanas de equipas de rua sem o encontrar, decidimos agendar um dia para lhe explicar o conceito da metodologia de aproximação ao *photovoice* e questionar a sua intenção de participação.

Eliseu acedeu de imediato. Foi-lhe explicado que através desta atividade pretendia aceder ao mundo do sujeito através da captação de imagens, nomeadamente através de

imagens que refletissem três pontos essenciais: a sua recordação mais feliz; o que mais gosta nos seus dias e qual o seu maior sonho.

Entusiasmado com a ideia, desempenhou a tarefa com alguma destreza, retratando quase sempre a natureza e/ou animais “...*tínhamos patos, dava de comer aos patos e... tínhamos vários animais*”. Segundo este, a natureza e os animais retratam não apenas o que de melhor se recorda do passado “... *Onde estive, tratava dos animais... e era ao ar livre [...] era ao ar livre. Prontos, eu gostava. Gostava e gosto da natureza.*”

Também no presente Eliseu retrata a importância da natureza como o local onde se sente em paz, onde passeia, onde se sente melhor consigo próprio” [*...o ar livre, gosto de andar ao ar livre, gosto da natureza, dos animais[...] passear no mato [...] as cascatas, principalmente junto ao rio marcando território à volta do centro (de acolhimento)*”.

Nas entrevistas e aquando da nossa presença omitiu sempre pormenores relacionados com a sua infância e a juventude. Sugere que o esquecimento tenha sido a estratégia utilizada para seguir em frente rumo aos objetivos que traçou (Pais, 2006:69).

Desde o início notámos que Eliseu era uma pessoa bastante crente. Sempre que era mencionado algum aspeto positivo do seu trajeto de vida ou da sua evolução a sua resposta quase imediata era “*Graças a Deus*”.

Quanto aos aspetos menos positivos, a mãe assumiu um papel determinante. Pela falta de presença ou de amor. Já no estado adulto, Eliseu revela ausência de carinho e de atenção. A mãe exigia-lhe dinheiro a título de renda para que pudesse viver em casa. Eliseu sentiu-se usado, um estranho na sua própria casa. “... *era para pagar a renda em casa da minha mãe. Estava a pagar cento e cinquenta euros. Na casa da própria mãe, estava a pagar renda, já viu? A própria família, filho?*”

Durante o tempo em que realizou a atividade de aproximação ao *photovoice*, Eliseu encontrava-se a prestar provas de acesso a um curso (entre quatro possíveis) que se encontra a decorrer na Cinform- Leiria<sup>13</sup>. No dia em que soube que tinha sido admitido foi um dia de festa em que se sentiu à vontade para tirar fotografias.

---

<sup>13</sup> <http://www.cercilei.pt/cinform.html>

Finda a atividade foi solicitado que escolhesse a fotografia que considerasse mais bonita. Escolhida a fotografia pedimos a colaboração para o preenchimento do “*Poema dos Sentidos*”. Esta atividade consistia em completar um verso com o que sentia ao olhar para a fotografia que escolheu como sua preferida.

### ***Poema dos sentidos***

Eu oiço o **barulho da água a bater**

Eu cheiro a **natureza**

Eu vejo a **natureza**

Eu saboreio a **calma**

Eu toco a **felicidade**

Eu sinto-me **bem.**



Gostou muito de realizar a atividade. Serviu de autorreflexão e de ajuda no caminho já por ele traçado “*Por acaso até gostei, digo-te já. Eu gostei de fazer [...] e se tivesse mais tempo eu tirava... olha acho que gastava o rolo todo*”.

Relativamente ao seu maior sonho não foi fácil representá-lo através da fotografia. Confidenciou-nos essa dificuldade. Apesar de saber concretamente o que pretendia, queria representar uma família, não queria que fosse uma família qualquer, queria representar a família DELE, a que pretende criar. Foi então que surgiu a ideia de desenhar o que significava a sua família.

Apesar de se focar muito mais no que pretende para o futuro do que no viveu no passado, revelou-nos que esta atividade lhe proporcionou a oportunidade para refletir sobre a sua vida e as suas escolhas, nomeadamente as escolhas presentes. Foi um auxílio na opção do curso “*Pensei logo no curso também, vou escolher jardinagem. Foi logo, escolhi jardinagem e veio-me à ideia tirar as fotos. E aqui prontos, já se sabe,*

*olhe, foi um dia de festa [...] Foi o dia de receber o relatório, saber que entrei para o curso”.*

Na altura em que lhe foi proposta a atividade, encontrava-se muito empenhado em conseguir passar à segunda fase da seleção que lhe daria a oportunidade de escolher um curso de formação profissional (entre quatro possíveis) e ser-lhe-ia possibilitada a sua frequência: *“Esforcei o máximo. Nos quatro, mas pronto, só podia escolher um [...] se pudessemos escolher os quatro, escolhia os quatro”.* Para além da formação profissional, Eliseu decidiu aumentar as suas qualificações escolares: *“escolhi a escola para tirar o nono ano [...] Até estou a aprender coisas que não estava a fazer conta. Aquilo que é os TIC, ou como se diz...”*

Por vezes as práticas dizem muito mais do que entrevistas (Pais, 2006:46) e neste dia percebemos o quão comprometido com o seu projeto de futuro Eliseu estava.

Esta sua escolha implica que o curso que poderia ser apenas de formação profissional e ter a duração de um ano e meio seja, não apenas profissional, mas de nível II de formação e tenha a duração de três anos. Eliseu está ciente da sua opção e entende que esta é uma oportunidade que deve ser aproveitada. *“Mas prontos, foi uma oportunidade boa. E é de agarrar e não a largar”.*

Eliseu completou o quinto ano. *“... estudar para Torres Novas, para tirar o curso, e também tinha a escola [...] estive lá, comecei a tirar o curso ... depois andei quase 3 anos, depois tive de ir embora porque já não tinha idade para lá estar. Já era mais velho [...] No ciclo do Entroncamento, acabei o quinto ano...”.*

E uma vez no ciclo do Entroncamento decidiu deixar de estudar, talvez dominado pelo estigma de ter sido repetente tantas vezes. *“... já tinha repetido várias vezes ... tinha sido repetente e depois, prontos, naquela altura: ‘Ah, vou desistir da escola, ah... trabalhar...’”.*

Parece-nos ter prevalecido aqui a ideia de que Eliseu teria problemas psicológicos que o impediriam de aprender e também de trabalhar já que viria a ser aposentado por invalidez. (G.F.E.N., 1974 citado por Vieira, 2013:61).

A relação escola-família deverá ter sido determinante no seu abandono escolar, *“Mas prontos, eu já tive várias tentativas para voltar à escola, mas na minha idade não era*

*assim*”. Demonstra uma enorme vontade de aprender, vontade de andar rumo a um futuro que lhe sorria. Durante toda a investigação tivemos oportunidade de verificar que é uma pessoa que agradece as oportunidades que a vida lhe dá e tem fé. É enorme a sua gratidão e vontade de aproveitar as oportunidades.

Do seu passado, muitas foram as dificuldades encontradas para obter dados. Eliseu é uma pessoa marcada por uma infância não muito feliz, pelo que prefere não mencionar os factos relativos ao seu passado e, talvez pelo medo da rejeição, escolhe bem as suas amizades e relacionamentos. Quer ter a certeza com quem pode contar. *“Eu agora, prontos estou a começar a conhecer as pessoas que, prontos, estão no meu curso, são aquelas que eu conheço melhor [...] Depois tem os dos outros cursos, que costumo vê-los aos intervalos [...] (com os colegas do centro de acolhimento) dou, prontos, não é com todos. É só com praí uns três ou quatro... e, e e... mesmo assim é escolhê-los a dedo e coiso” e nunca desiste de mudar “... mudanças para melhor “.*

Natural do Entroncamento fora encaminhado para uma Casa do Gaiato em Paço de Sousa – Penafiel. Seu pai viria a falecer nesse mesmo dia em consequência da sua partida. Eliseu teve uma infância solitária, com poucos amigos. Reservado, amante da natureza, lá que se refugiava para se sentir seguro *“Não sou de Leiria e também onde eu estava e com a idade que eu tive e o que se passou não tinha muitas possibilidades. E prontos, gosto da natureza [...] de estar a brincar, ou a jogar à bola e prontos, ou passear ou ler [...] às vezes sozinho. Às vezes com amigos mas era mais sozinho.”*

Essa constante solidão e contacto com a natureza fez de si um homem a quem a liberdade é muito cara e que não tem medo dos meandros da rua que considera bem conhecer. *“Desaparecia de manhã e depois só aparecia à tardinha. Estive no norte, prontos. Isto é, no norte antes de ir para o Entroncamento”*

Na Casa do Gaiato completou a quarta classe, veio embora sem concluir o quinto ano com catorze anos *“[...] Fiz catorze anos, passado uma semana... fui-me embora [...] Fiz a quarta classe e comecei a fazer o quinto ano que era tipo telescola. Não acabei, não acabei de fazer aquilo tudo. Foi quando eu fui-me embora de lá, fugi”.*

Eliseu sentia que, de certa forma, aquele não era o seu lugar. Sentia-se aprisionado. Sem liberdade, sem poder estar à sua maneira. A única visita que recebia regularmente era a

da sua avó: *“Era a única que me ia lá ver... onde eu estive [...] a minha mãe nunca lá foi. Se foi uma vez não me lembro”*.

Insatisfeito com a sua situação e perante o facto de apenas poder sair da instituição com 18 anos começou *“...a pensar e a ver as coisas, prontos. Estava lá, era novo. Não podia... como diz o português, estrebuchar”*, decidiu fugir. E não se arrepende da sua decisão. Compreende que fora para a instituição *“...obrigado. Ficou só a minha mãe, o meu pai faleceu e não tinha possibilidades e fui para lá com quatro anos”*, mas sente e sempre sentiu que aquele não era o seu lugar *“não era ali o meu lugar [...] para além de ter estado lá dez anos, fui mesmo obrigado a ir para lá [...] dez anos. Aos catorze aí vai ele para o Entroncamento.”* Eliseu vivia as consequências diretas de um passado infeliz (Paugam,2003:100).

Chegado ao Entroncamento, Eliseu procurou a sua avó a quem estava mais afeiçoado e que nunca o havia abandonado *“... Vim ter com ela e cá fiquei”*.

Apesar de não se reconhecer portador de qualquer enfermidade mental, a sua avó, na altura, considerou que havia motivos suficientes para requerer uma pensão por invalidez dado ao seu estado de saúde. O que lhe viria a ser concedido: *“A minha avó arranjou os papéis para eu ser pensionista, incapacitado. Mas eu não sou incapacitado! Mas pronto, na altura... passado um tempozito é que vieram a saber do meu problema na cabeça: um tumor, ou...”*.Eliseu, dada a sua condição, passou assim da situação de fragilizado para a condição de assistido uma vez que viria a ter direito a uma pensão por invalidez (Paugam, 2003:35)

O diagnóstico de um problema mais grave no cérebro viria a ser feito num exame de rotina. Segundo Eliseu, o tumor era benigno e com a sua remoção ficara tratado. Restaram apenas as marcas: *“... um buraco... se rapar o cabelo vê-se as cicatrizes todas...”*.

Esta intervenção teve lugar em 2007, no entanto o seu estado de saúde já era conhecido. *“Veja lá quanto tempo é que estive à espera. Mas prontos, e fui operado porque me deu uma coisa má [...] Foi assim: no dia anterior e tal tudo bem, no café a beber uma cervejinhas e tal, pronto. Estive lá. ‘ah, vou para casa descansar’, no outro dia não acordei, teve de ir lá a ambulância, depois fui para Tomar e depois de Tomar tive de ir de helicóptero para Santa Maria. Ainda lá estive quase dois meses. O problema foi só*

*da cabeça não tem nada a ver com nada*”. Nem enquanto esteve doente refere algum tipo de apoio ou acompanhamento da mãe.

Não consegue explicar com muita certeza o que se passou. Reconhece apenas que foi algo muito sério e que o deixou durante dois meses em estado grave “ *...estive lá quase dois meses internado em estado grave [...] não podia ter visitas [...] e depois [...] fui para Torres Novas para o hospital, mais dois meses de repouso.*” A recuperação foi lenta “*andei mais de um ano ou dois, todos os meses ia fazer um TAC [...] Graças a Deus correu bem*”. Foi quando voltou para casa que se deu a rutura familiar, E. volta para casa da sua avó, que viria a falecer pouco tempo depois, no ano de 2009/2010.

A rejeição começa a fazer-se sentir por parte da mãe e os conflitos e discussões são uma constante “*...ser o filho mais velho é sempre posto de parte [...] o filho é filho único, e depois vem mais. E vem outra, já tinha de dividir o carinho e amizade pelos outros [...] Depois vem mais um. Já são três. Dá um bocadinho a cada um. Prontos, como eu era o mais velho...*”.

Revela constantemente mágoa pelo facto de não ter tido a atenção que os seus irmãos estão a ter por parte da sua mãe. A diferença de idades e o afastamento entre ambos fez com que as relações se tornassem mais frias, mais distantes. Para além disso, Eliseu sente que nunca teve oportunidade de conhecer verdadeiramente nem o seu pai, quer durante a sua vida, quer após a sua morte uma vez que a sua mãe nunca mostrou fotografias dele, nem contou histórias ou relatou factos acerca do mesmo “*Não me lembro muito bem, enfim, fui para a casa do gaiato, foi só desgostos. Eu nem tenho fotografias, nem nada. A minha mãe também não me mostrava fotografias*”, nem a sua mãe já que a atitude desta em relação a si sempre foi de indiferença e distanciamento. A rutura neste caso foi essencialmente por razões familiares (Paugam,2003:19).

Apesar de reconhecer as dificuldades financeiras que a mãe atravessava não esconde a mágoa de quem nunca se sentiu reconhecido verdadeiramente como filho: “*Todos temos (dificuldades). Poucas ou muitas, todos temos. Mas prontos, não era para exigir quase a reforma toda. Quase toda, eu recebo duzentos e trinta, duzentos e dezanove, dava cento e cinquenta, com quanto é que ficava para o mês todo? Pouco ou nada*”.

Toda esta situação emocional e económica levou a que Eliseu sentisse necessidade de sair de casa “*ser independente e tal... mudar de ambiente, assim ao menos, olha...*” diz,

como se a rua fosse a porta de entrada direta e gratuita para a sua ansiada liberdade e independência, com Pais, (2006:37), concordamos que para muitos sem-abrigo, a decisão de Eliseu Viver na rua foi a conquista da sua liberdade.

Acima de tudo, pretendeu mudar de ambiente e romper relação com a família. A avó era extremamente importante para si. Por isso a rutura afigurou-se bem mais fácil após a última ligação se ter quebrado: a morte. A única que lhe importava.

Face ao desaparecimento da avó e ao desprendimento total da mãe, não importa o quão difícil seria vir viver para Leiria, a necessidade de rutura afigurava-se muito maior. A sua intenção era mudar de vida “... *mudei logo de número de telefone, mudei logo tudo. É a vida nova, é coisa...*”. Consciente dos riscos que corria, pareceu-lhe que essa seria a única saída “*Foi. Na altura pensei que fosse boa ideia. Mas prontos, não me arrependo de nada, não é? (...) Já está, já está!*”

Para Eliseu, o facto de ser sido sem-abrigo não representou uma morte social (Pais, 2006:47) mas antes a saída de emergência para a sua liberdade.

Esta é visivelmente a postura mais recorrente de Eliseu. Após a tomada de decisão, nunca volta atrás, não repensa o que já decidiu ou emenda. Diz que “*Já está, já está. O caminho é para a frente!*”.

Esta foi a maior dificuldade encontrada durante a investigação com Eliseu. Era desta forma que rematava muitas conversas que pretendiam ir um pouco mais fundo, perceber o que se tinha passado efetivamente entre ele e sua mãe. Qual a razão que o desencorajou de investir mais na relação com os seus familiares.

Nesta altura, nas ruas do Entroncamento, Eliseu ficou entregue à sua sorte. Dormindo em autocarros abandonados, casas abandonadas, edifícios pouco frequentados, etc... Questionado acerca do medo que sentiu na altura refuta qualquer tipo de sentimento desse tipo “*Medo?! Não... Nunca tive medo. Eu conhecia bem os sítios para onde ia. Não passei muito bem mas também não passava muito mal. Prontos, mal no aspeto de...roubar e essas coisas. Isso porque eu também nunca fui... não sei, não é a minha religião, mas é o ... tipo o meu signo que não me deixa fazer isso. E prontos, eu não sou de roubar... E pedir, eu sou um bocado tímido para pedir.*”

A solidão é uma constante na história de Eliseu. Sozinho, parece ser a forma como se sente mais confortável, mais seguro. Talvez porque não tenha conhecido outra. Com a natureza, com os animais... mas sozinho sente-se melhor porque ninguém o poderá magoar.

Segundo apurámos, a gestão do dinheiro que ganhava era feita da seguinte forma: o valor da reforma servia para pagar o quarto e para as despesas mensais; a alimentação era feita no centro de acolhimento e o dinheiro de que necessitava para tabaco, café e extras teria de o 'arranjar' arrumando carros. *“Fazia só uns dinheiritos para, prontos, era só para desenrascar, para ter o [...] tabaquito.”*

Eliseu considera estar numa fase de mudanças positivas na sua vida: *“Passei muito, mas isso para mim já me esqueceu. Agora estou bem, quero estar bem, prontos, continuar a minha vida. Estive na rua bastante tempo e cheguei a dormir em autocarros abandonados”*. Todos os locais onde pernoitava não lhe eram desconhecidos, razão pela qual não sentia medo (Pais, 2006:49).

Reconhece que no tempo em que foi sem abrigo no Entroncamento ia sobrevivendo com as poucas ajudas que ia conseguindo arranjar e aproveitar. Para além das ajudas, trabalhava. Fazia uns biscates como pintor (caitava casas) ou eletricista para conseguir obter algum dinheiro uma vez que o valor da pensão não era suficiente: *“Mas isto não chegava para nada”* (Pais, 2006:53).

Considerando que hoje Eliseu recebe a mesma pensão que recebia na altura, encontrando-nos em horizontes temporais diferentes, numa altura o mesmo valor poderia não *“chegar para nada”* e hoje é suficiente para viver de forma digna.

Conforme já mencionado na investigação, Eliseu não foi muito expansivo quanto ao seu passado, mas a sua linguagem não-verbal e algumas palavras que deixou escapar acerca do seu passado enquanto sem-abrigo no entroncamento denotam que segundo palavras utilizadas pelo mesmo, terá *“andado meio perdido”* dissera-nos um dia. O desvio para a marginalidade teria sido muito rápido (Paugam,2003:101)

Apesar de recusar um passado ligado às drogas pesadas, reconhece que o álcool e as drogas mais leves fizeram parte do seu passado, razões suficientes para afetar o valor da reforma por forma a ela *“não chegar para nada”*.

Neste momento, segundo diz, não é viciado em nada para além do tabaco e tem uma opinião muito curiosa acerca dos toxicodependentes: *“Eles são assim, viciados porque têm a cabeça fraca. Eu tenho a cabeça forte. Prontos, eu quando era novo tive catequese e tudo e sei que há coisas que não é para fazer.”*

Quando tomou a decisão de mudar de vida, decidiu vir morar para Leiria apesar de nunca ter vindo a Leiria nem nunca ter ouvido falar: *“Prontos, fui à net ver quartos em Leiria e tau, assim que eu recebi a pensão vim para cá assim, tau”*. Decidiu deixar o seu passado para trás abandonando o local onde vivera momentos menos felizes: *“Deixei mesmo aquela terra, e vim para aqui. Vim de paraquedas. Caí aqui de paraquedas”*. Chegado a Leiria, não conhecia nada [...] perguntando às pessoas [...] *tenho um colega que veio para aqui morar e esse colega [...] foi-me dizendo as cenas...centros de acolhimento.”*

A ajuda do colega foi apenas durante o primeiro mês e para arranjar quarto. Como não conseguiu nesse primeiro mês, Eliseu resolveu o assunto de outra forma: *“[...] Depois não arranjei quarto, depois só passados vinte dias é que arranjei”*, viveu na rua durante o tempo em que não arranjou quarto, *“Ia comer ao Centro de Acolhimento, tomar banho e não sei quê, mas dormir... às vezes dormia em casas abandonadas... Ainda estive vinte dias aí, e depois houve uma amiga que me deu o quarto, prontos, e estive lá três meses, mas depois, prontos, aquilo não é vida para mim, aquele bairro não é vida para mim e vim-me embora”*.

Assim que conseguiu deixou a Quinta de Santo António e foi morar para a Guimarães. Revelou-nos não se identificar nem com o local nem com as pessoas com quem partilhava a casa. Só aguentou porque não tinha alternativa *“Prontos, eu não saía de lá porque ia para a rua outra vez”*. Assim que a encontrou mudou de imediato: *“E assim quando me falaram do quarto na Guimarães eu fui logo para lá”*.

Neste momento, vive com alguns colegas que conheceu no centro de acolhimento com quem convive pacificamente. É visível o seu gosto por futebol, especialmente pelo Benfica. Assume-se ‘anti-porto’ pois o faz lembrar da altura em que se encontrava na casa do Gaiato e eram visitados pela equipa portista. É grande aficionado pelo Benfica *“[...] Hei-de ser até morrer. Hei-de ser sempre”* mas prefere ver ou ouvir os jogos no *“[...]seu cantinho[...]*”.

Em Leiria há cerca de 6 meses, Eliseu começa a travar novos conhecimentos e a estender o seu leque de conhecidos para além dos já conhecidos da rua, dos parques de estacionamento e do centro de acolhimento. O curso fomenta ainda esta função social e relacional: *“Eu agora, prontos estou a começar a conhecer as pessoas que, prontos, estão no meu curso, são aquelas que eu conheço melhor [...] Depois tem os dos outros cursos, que costumo vê-los aos intervalos”*.

Confrontado com a possibilidade de manter relações com a sua mãe e irmãos, Eliseu rejeita qualquer hipótese *“Nadinha. Nem quero. Para quê? Chatices, não vale a pena. Assim olha, vou ao meu cursozinho e tal, e fazendo a minha vidinha e prontos vou-me orientando”*.

É uma pessoa com projetos. Acredita nas suas capacidades, acredita que é possível e tem fé. Para além disso assume uma postura para com a vida e para com Deus. É deveras interessante verificar a importância que constituir uma família assume para este homem: *“Eu, na família primeiro. Isso depois a casa arranja-se”*.

A sua família foi a causa da rutura e por isso parece querer formar a família que nunca teve. Quer construí-la por tudo o que significava para si dando uma noção que diferente do que lhe deram às suas “sementezinhas”. *“Ah pois. Então um filho, pois. Uma sementezinha... Pois. É. Prontos, mais não digo, porque também está difícil a vida não? E depois trazer as crianças ao mundo para estar nessa vida não vale a pena. Assim, com um filho ainda se tolera e ainda se aguenta e coiso. Depende também de como corre a vida, não é?”*

Acredita que por tanto já passou e já sofreu que merece que a vida lhe sorria e lhe permita viver coisas boas *“Passei muito, mas isso para mim já me esqueceu. Agora estou bem, quero estar bem, prontos, continuar a minha vida [...]Algun dia tinha de me levantar não é só cair!”*

### ***DOENÇAS DO CORPO NÃO DESTROEM A MENTE – INEM***

Fonseca, tem 49 anos e 22 patologias diagnosticadas, entre elas o VIH e Epilepsia. Começou a ser acompanhado pela InPulsar – Associação para o Desenvolvimento Comunitário - após encaminhamento de uma técnica do CAD.

É homossexual (ativo como se auto designa) foi infetado pelo VIH pelo antigo companheiro já falecido. Sugere que a sua orientação sexual não seria a mesma se não fosse a obsessão de não querer mais nenhuma mulher, por forma a conseguir lidar com uma traição de uma ex-namorada e do seu irmão: “... *tive uma rapariga na escola, tinha 7 anos. Apaixonei-me por ela, fomos crescendo, beijinhos e tal, prendas para ela sim, para mim não. Nisto vai com o meu irmão Dinis para a cama e ainda me atirou com isso à cara e disse-me que eu não prestava para nada. Também para a esquecer fui para Lisboa e prometi a mim mesmo que ia ser homossexual*”. Esta relação e o seu termo parecem ter tido um grande peso da autoestima e no autoconceito de Fonseca.

Nasceu em Leiria, mas mal teve oportunidade de conhecer o seu pai. Dele não guarda boas recordações mas grande mágoa. “*Era um animal! Chegava bêbedo a casa, fechava-me num quarto e dava porrada à minha mãe.*”

As boas recordações guarda-as do segundo marido de sua mãe, “*O segundo marido da minha mãe (Romeu) morreu a trabalhar. Na STL, no lixo. Este marido dava-se muito bem comigo (os olhos encheram-se de lágrimas). Caiu, não tinha capacete... eles não davam condições nenhuma...*” Fonseca mantém ainda relações próximas com familiares do seu padrasto.

Em contrapartida, a relação afetiva com a mãe encontra-se fortalecida e é objeto de um profundo respeito por parte de Fonseca que caracteriza a relação como “*otimamente boa*” e diz que a mãe tem “*uma saúde de ferro*”. Fonseca é reformado por invalidez e passa os seus dias junto de sua mãe e que desconhece a sua doença (VIH).

A mãe sabe que é homossexual mas desconhece que tem VIH. Para a preparar para a infeliz notícia, leva frequentemente folhetos informativos acerca das formas de contágio da doença. Fonseca sabe que a mãe já desconfia de alguma coisa já que ele tem de fazer análises e comparece a consultas em Coimbra de 6 em 6 meses. “*A minha mãe sabe que sou homossexual mas não sabe que tenho o VIH.[...] Ando a preparar a minha mãe [...] ela já tem uma certa idade e há coisas que não percebe tão bem*”.

Por sua vontade ficará com a mãe até à morte e apenas pondera viver com alguém que sofra da mesma doença (HIV) desde que a base da relação seja a companhia e a amizade.

Para além da mãe, Fonseca tem 4 irmãos que classifica como “*uns bons índios*” já que “*saíram à besta do pai*”. Apesar de as relações entre irmãos não parecerem as melhores “*nem para a minha tromba olham!*”, em casos de necessidade Fonseca está sempre disposto a ajudar.

É uma pessoa de muita fé: “*É esta da minha Santinha. Santa Maria Adelaide em Arcozelo. Vou lá todos os anos com companhia ou sozinho [...]*” É muito devoto de Santa Maria Adelaide (Arcozelo – Vila Nova de Gaia)<sup>14</sup> a quem recorre sempre que na sua vida necessita de uma ajuda em caso de dúvida ou incerteza na vida nas palavras do próprio.

Na atividade realizada com o método de aproximação ao *photovoice*, Fonseca participou com muito empenho. Inicialmente foi difícil habituar-se à máquina já que nunca tinha manuseado uma máquina digital.

Depois de ter percebido como funcionava a máquina fotográfica digital, foram inúmeras as fotos que tirou. No entanto, a relação com o objeto da atividade nem sempre foi conseguido. Fonseca relevou um imenso receio de revelar algo mais íntimo acerca da sua família ou intimidade preferindo tirar fotografias onde figuravam quase sempre as plantas do seu jardim, a vista exterior da sua casa e a sua bicicleta, o que sugere uma boa ligação com a vida, com o seu presente, com o que faz para ocupar os seus dias.

No apêndice A constam as fotografias tiradas por Fonseca no âmbito da atividade.

A sua fotografia preferida é a que se encontra abaixo, pelo que foi inspirado nela que Fonseca completou o poema dos sentidos.

---

<sup>14</sup> Embora não esteja canonizada pela Igreja, são numerosas as pessoas que visitam o seu santuário, solicitando a mediação para obterem graças e pagando as promessas feitas em sua devoção. Entre os ex-votos que se conservam no pequeno museu anexo, destacam-se mais de 6000 vestidos de noiva, vestidos de baptizados, comunhão (...) um mundo de fotografias com a descrição de milagres e agradecimentos. Wikipedia - consultado a 15 de janeiro de 2016



### *Poema dos Sentidos*

Eu oiço **o aviso dos perigos que vou correr**

Eu cheiro **nada**

Eu vejo **uma imagem de Santa**

Eu saboreio **nada**

Eu toco **muita vez e rezo muita vez**

Eu sinto **amor e paixão**

A sua devoção e fé levam-no a realizar uma visita anual e oferecer dez velas pela sua família à 'santinha', em especial pela sua afilhada Irene: *“Ponho uma pela minha afilhada Irene que morreu com paralisia cerebral e também tinha epilepsia como eu. Esse chorão que se vê na foto está ao pé da minha casa e tem treze anos, idade da minha Irene que faleceu”*.

Na verdade, uma das ajudas solicitadas em gabinete foi auxílio jurídico por falta de pagamento de um empréstimo que fizera a um dos irmãos. Quando confrontado com a possibilidade de exigir judicialmente esse pagamento, Fonseca voltou atrás e desistiu do pedido. Revelou que apesar de querer justiça não pretende deixar ninguém em estado de necessidade, muito menos alguém da sua família.

Adora viver. Confessa-nos que antes era um *alcoólico nato* (expressão sua) e como misturava a medicação com vinho os seus ataques epiléticos eram frequentes *“Dia sim, dia sim ia parar ao hospital de Leiria [...] No hospital ninguém me conhecia pelo meu nome, mas por INEM!”*

Apesar de assumir ter sido dependente de álcool, Fonseca recusa que alguma vez tenha sido dependente de drogas. *“Nunca fumei nem drogas nem nada! Já tentaram que eu me injetassem e eu nada. Na tropa provocavam-me: “Um bom macho tem de fumar!” Acabei por agredir um com uma arma e tive de ir a conselho de guerra”*.

Para superar o problema do álcool, Fonseca pensou na quantidade de dinheiro que este vício o fazia gastar que eventualmente lhe poderia ser necessário no futuro. Diz tê-lo feito de um momento para o outro: *“Nenhum. Já tive! O Álcool! Durante muito tempo, mas pus-me a pensar no dinheiro que gastava naquilo e se não me seria preciso para medicamentos para a minha velhice, o que andava eu a fazer... deixei de um dia para o outro. Mas estava muito habituado... era aquela coisa de ir sempre beber... e depois bebia e tinha estes problemas como a epilepsia e assim, dava logo barraca”*.

O primeiro contacto que tivemos com Fonseca foi através de um pedido de apoio jurídico na sequência de uma agressão que Fonseca havia sofrido em 2007 por vários jovens. Ficou gravemente ferido e com sequelas psicológicas graves deste incidente. Procurava apoio jurídico, uma vez que considerava que o processo já estava parado há muito tempo e a sua defensora oficiosa não lhe dava notícias do mesmo.

Várias foram as reuniões a fim de se tentarem recolher dados que possibilitassem a identificação do processo. Finalmente, após dois requerimentos ao processo foi autorizada, pelo Meritíssimo Magistrado do Ministério Público, a consulta do processo.

Deslocámo-nos com Fonseca às instalações do Ministério Público para consultar o processo. Concluímos que o este havia sido arquivado por falta de provas no mesmo ano em que fora aberto. Ficou desolado.

Sentia-se injustiçado e não compreendia como não havia nada que pudesse fazer. O acompanhamento de Fonseca nesta fase foi crucial. Este incidente impedia-o de descansar, tornava as suas crises de ansiedade mais frequentes e a busca pela vingança um objetivo cada vez mais definido.

A desconstrução deste cenário e a tentativa da (re) construção de um futuro em que não se vislumbrasse a vingança mas apenas a realização pessoal de Fonseca foi uma constante.

Acerca do seu percurso académico e profissional conta-nos *“Andei na escola do Arrabal da Ponte até à 4.ª classe...”*, mais tarde em Lisboa frequentou um colégio e refere ainda que *“...se houvesse uma oportunidade voltava a estudar”*.

Consideramos que, na verdade, não prevê uma oportunidade de retorno à escola. Apesar de o dizer. O seu discurso pretende reforçar apenas aquilo que eventualmente já fora, no passado, as suas capacidades, a inteligência que já tivera um dia.

A determinada altura, com 16 anos, agrediu uma pessoa. Pelo crime de agressão foi julgado e condenado a pagar uma pena de multa no valor de 50 contos. Como não dispunha do valor monetário para proceder ao pagamento voluntário da multa, um médico seu amigo pagou o valor da multa e Fonseca foi para Lisboa onde o médico se encontrava a exercer funções.

Conhecia o referido médico desde uma noite em que se encontraram num bar na Costa da Caparica. Após ter oferecido boleia a Fonseca, o médico acabou por sair com ele e nessa noite tiveram relações sexuais não protegidas: *“...depois contactei uma pessoa conhecida em Lisboa que me emprestou dinheiro para pagar a multa porque eu não tinha. Até acabou por não ser preciso porque o advogado tratou das coisas para eu ter um atestado de pobreza e não pagar. Acabei por ir ter com o meu amigo que era médico a Lisboa e fiquei lá 18 anos [...] Sim, mas ele (Joel) tinha três filhas e elas não gostavam muito de mim nem eu delas”*

Abandonou Leiria à procura de Joel (o médico) que lhe havia emprestado dinheiro para pagar uma multa. Apesar de não o dizer de forma expressa, pelo diálogo percebemos que partiu para ficar. A sua intenção foi fugir do que o magoava e viver uma história com Joel, daí que se tenha tratado de uma ida voluntária.

Chegado a Lisboa foi estudar para o Colégio Y onde frequentou a escola até ao 9.º ano de escolaridade. Rapidamente se apercebeu que os alunos mantinham relações sexuais uns com os outros, dentro e fora do colégio: *“era uma barafunda”*. Havia frequentemente festas em casa do médico com pessoas do colégio o que o incomodava muito, uma vez que vivia com Joel, o médico.

Posteriormente, viria a trabalhar para uma fábrica de móveis em Loures já que tinha experiência: *“Eu depois fui trabalhar para os móveis, para Loures, como já tinha experiência...”*

Com a evolução da relação entre os dois, Fonseca viria a viver em união de facto com o médico que, por sua vez tinha três filhas. Sentia-se em constante competição com as

duas filhas pela atenção do médico. Acusava-as de serem *gananciosas*. Várias foram as vezes que discutiram por essa razão.

Permaneceu em Lisboa durante 18 anos. Durante esse tempo exerceu as funções de electricista- com “*carteira profissional emitida pelo Ministério da Energia*” quer a “*fazer biscates*”, quer na Clínica Z onde o médico lhe viria a arranjar trabalho: “*Tive uma carteira profissional emitida pelo Ministério da Energia (electricista), trabalhei em Lisboa a fazer biscates e lá na Clínica fazia de tudo, até vestia mortos! Trabalhei lá 18 anos!*”, revela com orgulho.

Nas palavras de Fonseca: “*Agora, depois do António Variações que morreu lá na clinica onde eu trabalhava, a doença já é vista de outra forma. Antes éramos só nós gays, depois os toxicod dependentes e agora os heterossexuais*”.

Nessa clínica viria a conhecer um paciente russo que lhe deixara, (segundo ele) um precioso legado: instruções para a construção de uma máquina capaz de filtrar sangue humano de doentes portadores de VIH e evitar a toma de tantos medicamentos retrovirais e conseguir fazer o controlo do vírus de uma forma menos dispendiosa e tão onerosa do ponto de vista dos efeitos secundários da intervenção.

Desde então, Fonseca persegue o sonho de construir a máquina e de a colocar a funcionar tendo já tentado entrar em contacto com várias entidades públicas para solicitar ajuda, sem sucesso “*O que queria mesmo era pôr a máquina a trabalhar. Faz uma limpeza ao sangue e com os retrovirais (antirretrovirais) temos de ir de 6 em 6 meses a Coimbra [...] Isto já está tudo pensado, nesta cabeça não escapa nada!*”. Fonseca não persegue este sonho em busca de dinheiro. É algo que pensa estar a fazer para bem da sociedade em geral e para bem dos portadores de VIH em particular.

Certo dia, por não se sentir bem, Fonseca pediu, na clínica, para fazer o teste do VIH. Deu positivo. A sua vida viria a dar uma grande volta e o seu relacionamento também.

Confrontado com a situação, o médico respondeu a Fonseca “*É a vida, calha a todos que são gays*”. Confiou no seu parceiro. Não quis discutir com ele o uso do preservativo já que ele lhe assegurou que estaria tudo bem. Esta questão poderá, (Gonçalves, 2002 e Gonçalves e Varandas, 2005, citados em Gonçalves, 2008:12), quebrar a confiança entre o casal.

Fonseca ficou extremamente revoltado não apenas por ter sugerido que ele fizesse o teste e tal não tivesse sido aceite como pelo facto de se ter apercebido que ele sabia da sua condição e de não lhe ter dito nada: *“Ao fim de sete anos de relação, saí de casa dele e mudei-me para um quarto entre o Intendente e a Feira da Ladra. Fazia a manutenção de 27 bares e tinha uma garrafa de whisky em cada um.”*

Quando soube que tinha a doença, não disse nada a ninguém: *“Na altura que soube que tinha VIH ninguém sabia nem ninguém sabe agora para não ser marginalizado. Já me senti marginalizado no posto médico e em cafés. Porque é que uma pessoa é tão discriminada?”* Ainda hoje o sente *“Quando vou ao café W, o ‘animal’ que me serve, é sempre num copo de plástico. Noutra servem-me mas lavam logo a chávena do café com lixívia e com luvas e tudo. Há qualquer coisa que não está bem neste país”*.

Desde que descobriu que é portador do vírus que não sente confiança em ninguém e tem o máximo de cuidado nas relações sexuais. A desconfiança é de todos o traço mais vincado na personalidade deste homem.

Nesta investigação nunca permitiu a gravação das entrevistas ou a captação de imagens. Fonseca sente-se inseguro, desconfiado, [...] *rejeitado de um certo universo simbólico de representações, de um concreto mundo de trocas e transações sociais*” (Fernandes, 1995:17).

Para além disso, apesar de pretender colocar em marcha o projeto da máquina, não é capaz de confiar a ninguém o projeto: *“Não. Não é nada disso. Eles querem é que eu o deixe lá para eles o analisarem mas eu não deixo”*.

Após a rutura da relação amorosa, saiu de casa e procurou novo local para viver. Fixou-se em casa da D. Filomena, senhoria que muito respeitava. A senhoria ajudava-o e respeitava o seu espaço, o que ele valorizava imenso.

Fonseca é hoje uma pessoa marcada pelo seu passado, magoado pela doença e caracterizado pela desconfiança. No entanto, reitera, nunca perdeu a força de viver. Acredita que a sua maior sorte é estar vivo mas que a sua vontade de viver em muito contribuiu para que tal fosse possível. Nunca baixou os braços perante as adversidades, dificuldades, perante o abandono ou o infortúnio.

Vive com o valor da sua reforma e o subsídio por assistência de 3.<sup>a</sup> pessoa já que vive com a mãe: *“Ela toma conta de mim e eu tomo conta dela”*.

É uma pessoa inteligente, que gosta de estar informada acerca da política, saúde, educação. Vive uma vida pacata, com a sua mãe e sobrevivem com os seus rendimentos e com dinheiro que conseguiram poupar. Fonseca pede auxílio a várias associações e instituições e obtém destas o máximo que estas podem fazer para o ajudar. *“Então tenho a minha reforma, e o subsídio por assistência de terceira pessoa. [...] E sou muito económico. Não gosto de gastar dinheiro onde não é preciso e em tudo o que possa usar gratuitamente ou seja dado por associações eu peço”*.

Tem como companheira inseparável a sua bicicleta que o transporta para todos os sítios que necessita de ir. Gosta de cuidar das plantas que tem em casa juntamente com a sua mãe.

A sua trajetória de vida é marcada por várias situações em que procurou ajudar o próximo, seja ele um familiar ou um amigo em dificuldades sem que posteriormente lhe sem que seja retribuída ou compensada essa ajuda.

Atendendo às necessidades dos outros tem emprestado dinheiro a alguns familiares e tem comprado bens de primeira necessidade para ajudar alguns amigos *“...mas para vícios é que não! [...] Tenho muitos amigos, se vir alguém a passar fome vou a um supermercado e compro pão e queijo ou fiambre e água. Nada de Álcool, nada de dar dinheiro para vícios”*.

Frequentemente sente vontade de fazer justiça para com os que consigo foram injustos. Nestas alturas, procura apoio e conselhos para o fazer mas chegada a hora da decisão mais difícil, o coração fala mais alto, e há sempre uma razão que justifica o facto de os outros se encontrarem em falta consigo, o que o leva a desistir.

Fonseca é, no entanto, capaz de ser muito agressivo verbalmente no caso de se sentir ameaçado ou agredido, dada a sua desconfiança e necessidade de autodefesa.

Acusa a falta de carinho e de atenção de que foi sofrendo durante toda a sua vida. Os comportamentos que têm para chamar a atenção, são visíveis, como a linguagem inapropriada, os gestos que denotam uma ansiedade exacerbada, e as constantes ameaças.

Apesar de ser portador da doença há muitos anos, partilhou com muito pouca gente que é portador do vírus devido à falta de informação e à marginalização a que iria ser sujeito. “...está controlado, já não aparece no teste há 10 anos. Já sou acompanhado em Coimbra há 32 anos”.

Considera que deveria haver mais informação acerca dos meios de transmissão da doença. Era necessário segundo este que se “*espalhassem mais folhetos*” para explicar às pessoas que não há problema nenhum em abraçar, em beijar, em falar e em conviver com os portadores de VIH. “*Devia haver mais informação neste país, informações porta a porta; as pessoas fazem da doença um bicho-de-sete-cabeças*”.

Questionado acerca do sentimento de marginalização ou exclusão pelo facto de ser portador da doença, referiu várias situações: “*Já me senti marginalizado [...] Há qualquer coisa que não está bem neste país*”. Com Gonçalves, (2002) concordamos: “*É urgente intervir neste âmbito a fim de dissociar a doença dos seus estereótipos*”.

Assume sem receios a sua homossexualidade, mas neste momento apenas se encontra disposto a ter relações sexuais devidamente protegidas com o uso de preservativo.

Sobre o futuro, não quer adiantar grande coisa, já que, segundo as suas convicções “*a Deus pertence*” pelo que vai vivendo o seu presente o melhor que pode junto da sua mãe e quando ela partir pode ser que venha a ter a companhia de um homem que seja um bom amigo e companheiro para a sua velhice.

O seu maior sonho é colocar em funcionamento a ideia do antigo utente da clínica – “*um médico russo*” onde trabalhava, que iria permitir a cura do vírus HIV-SIDA.

Apesar de a máquina não curar a 100%, evita a toma de tantos medicamentos com efeitos secundários. “*O que queria mesmo era pôr a máquina a trabalhar. Faz uma limpeza ao sangue e com os retrovirais temos de ir de 6 em 6 meses a Coimbra*”.

No final desta investigação, Fonseca continua a perseguir o seu sonho de colocar a máquina a funcionar, a viver com a mãe e a estar de bem com a vida apesar de todas as suas doenças.

## *A (IN)SENSÍVEL*

Com aspeto musculado, olhos claros, cabelos soltos, compridos e pintados, pernas descobertas é assim que se apresenta Maria, trabalhadora do sexo há já muitos anos nas ruas de Leiria.

As informações que conseguimos recolher resultaram de entrevistas e de observação participante durante os meses de investigação onde através das equipas de rua pudemos acompanhar a atividade de Maria.

Apesar de solicitada para o efeito, maria revelou real dificuldade em realizar a atividade de aproximação ao *photovoice* pelo que, para irmos de encontro às expectativas da atividade e conseguir saber um pouco mais acerca da sua vida e do seu passado, apresentámos uma série de fotografias que tinham como finalidade retratar a família, a união, o amor, o trabalho, a tristeza, a alegria, a amizade e a infância.

Perante as fotografias apresentadas a investigada teceu alguns comentários que constam do apêndice A desta dissertação.

Maria é uma pessoa extremamente solitária. De acordo com Pais (2006:13), não existe uma única experiência de solidão que seja comum.

Assim, a solidão de Maria consubstancia-se não apenas no facto de não estar acompanhada, mas na falta de condições propícias a que essa solidão finde.

Após a apresentação das fotografias foi solicitado que escolhesse a fotografia com que mais se identificava.

Escolhida a fotografia pedimos a colaboração para o preenchimento do “*Poema dos Sentidos*”. Esta atividade consistia em completar um verso com o que sentia ao olhar para a fotografia que escolheu como sua preferida.

## ***Poema dos Sentidos***

*Eu oiço a alegria*

*Eu cheiro o mar*

*Eu vejo a água*

*Eu saboreio a paisagem*

*Eu toco a família*

*Eu sinto carinho*



Natural do Algarve, não mantém contactos regulares com os familiares “*Sou do Algarve. Não... há 14 anos que não nos falamos... se falasse com eles a vida era outra*”.

Da sua infância e juventude não recorda nenhum momento feliz: “*Não tenho nenhuma recordação feliz [...] Quando era pequena apanhava porrada em casa dos meus pais, fugi de lá. Aos 18 anos, casei e a partir daí comecei a apanhar porrada de um homem. Como já não suportava mais tanta violência e humilhação quis acabar com a relação mas acabei por cometer um erro que me custou o resto da vida. Neste momento estou longe dos meus filhos: um está na Guarda num colégio interno e o mais pequeno nem o conheço, foi adotado... como posso dizer que fui feliz?!*”

Maria é uma das profissionais do sexo acompanhada pela equipa de rua da InPulsar – Associação para o Desenvolvimento Comunitário no âmbito do projeto – Giros na Rua. Segundo esta equipa de técnicas, que a acompanham há já alguns anos no âmbito deste projetos e de projetos anteriores, normalmente Maria solicita preservativos e lubrificantes.

Experiente profissional do sexo sustentou durante bastante tempo o seu ex-companheiro que vivia à sua custa sem trabalhar. Hoje Maria é trabalhadora do sexo nas ruas de Leiria, mas é apenas a sombra do que foi há muitos anos. “*Já... quer dizer, estou na vida há muito tempo...*”

Antes, desenvolvia a sua atividade num veículo que decorou criteriosamente para o efeito. O espaço interior do dito veículo (carrinha) tinha sido pensado ao pormenor por aquela a quem a vida teria tornado uma experiente profissional habituada àquelas lides e às partidas dos clientes. A disposição do mobiliário encontrava-se feita de forma estratégica: a cama encostada ao fundo da carrinha para dificultar a saída, um sofá mais perto da entrada para a receção e um pequeno lavatório para que a higiene não fosse descurada.

Toda a decoração estava feita em tons de vermelho para despertar a volúpia e as *'paredes'* continham alguns *posters* de mulheres nuas.

Por ter sido várias vezes vítima de violência no âmbito da sua atividade, episódios relatados pela própria como *“ter sido atirada de um carro em andamento”* ou *“ficar sem receber”*, Maria salvaguardava-se conforme a vida lhe tinha ensinado: com um pau que usava para se defender e com um sistema de bloqueio de portas des/ativado por ela.

Pelo atrás descrito e conforme pudemos confirmar junto das técnicas que fazem o acompanhamento de Maria nas equipas de rua, apesar de não saber ler nem escrever *“Eu não sei ler nem escrever”*, é dotada para o negócio do sexo, atenta e perspicaz.

Questionámos Maria acerca a ausência total da escola na sua vida. Partilhou connosco que teria a ver com o facto de a família dela não poder ter os filhos a estudar pelo que nem ela nem os irmãos frequentaram a escola. Talvez este seja o principal entrave à sua independência e talvez tenha sido a principal razão que a levou a ser explorada pelo ex-marido trabalhando nesta vida.

Muito poucas palavras nos oferecia Maria. Mais silêncios (Pais, 2006:17). Só após muito tempo, persistência e coragem conseguimos chegar à sua experiência de solidão, de violência, de infelicidade, de depressão.

Hoje a sua família ainda se sente magoada com ela porque decidira fugir com o ex-companheiro, cega de amor, apesar de todos os avisos da família. Apesar disso, Maria refere maus tratos também no âmbito familiar, o que pode ter sido mais uma motivação para a fuga. *“Quer dizer, ele (ex-marido) não era má pessoa, quando eu estava doente nunca me obrigava a ir trabalhar, mas metia-se em cada uma... e depois chegava a casa bêbedo e tumba, dava-me”*.

O seu ex-companheiro encontra-se atualmente preso e o seu filho com 12 anos encontra-se numa casa de acolhimento de menores na Guarda: *“Está preso. Nem quero saber nada dele. Apesar de me ter apaixonado por ele há muitos anos e ter fugido com ele, saturou... prontos...ele discutia muito comigo. Fiquei sem o meu filho à custa dele, foi dizer à segurança social que eu estava com drogas?!”*

Longe da família e sem qualquer tipo de estrutura familiar ou de apoio, Maria vive sozinha num quarto sem grandes condições de habitabilidade onde a senhoria restringe o uso de eletricidade e as visitas que recebe: *“Eu moro num quarto, frio. Quase nem posso ter a luz acesa à noite. Deram-me um aquecedor e a senhoria viu-me a passar com ele avisou-me logo que não podia ligar aquilo [...] Deito-me muitas vezes só com a luz da televisão e com uma vela. É uma tristeza... como é que alguma assistente social deixava ir o meu menino para ali? Eu queria era uma casinha pequenita, mas que deve para estar eu e o meu filho”.*

Pelas razões mencionadas anteriormente, Maria sente-se oprimida por não ter condições para receber o seu filho, uma vez que vive num quarto que lhe custa €150 (cento e cinquenta euros) dos cerca de €170 (cento e setenta euros) mensais que recebe de Rendimento Social de Inserção: *“Recebo €170 euros de RSI, pago €150 de quarto, com quanto fico para viver?”*

Ainda com o seu ex-companheiro Maria engravidou de outro homem, o que nunca lhe fora perdoado: *“Como já não suportava mais tanta violência e humilhação quis acabar com a relação mas acabei por cometer um erro que me custou o resto da vida [...] engravidei do meu filho mais novo e ele disse-me logo “não tiveste juízo, engravidaste de um gajo qualquer não quero saber dele”.*

Maria contou ainda que havia sido por culpa do ex-marido que se encontrava naquela vida, *“Foi ele (ex-marido) que me meteu na vida! Já estive em Espanha, Coimbra e Leiria. Ele apoiava e protegia-me que era para eu trabalhar para ele. Mas era muito controlador...”.*

A violência a que estava constantemente sujeita por parte do ex-companheiro tornou-se insuportável *“(Senti-me) muito mal, como em todas as noites que tive de ir para a rua já com uma barriga de 7 meses. Houve uma noite que me senti mal. Fui para o hospital, mas ainda não era o parto, depois tive de estar três dias sem trabalhar [...] Levei*

*porrada dele uma vez no meio de uma viagem: parou o carro e tumba, tumba, tumba a dar-me porrada até que consegui destrancar a porta do carro e fugi, pedi 1 euro a uma pessoa para telefonar e liguei ao Patrício (namorado atual) para ele me ir buscar a Coimbra”.*

Maria acabava por sair de casa e procurar um quarto onde pudesse estar sozinha e em paz: *“O Patrício pagou um quarto e foi comprar iogurtes e croissants para ela comer. Acabei por ficar em casa de uma amiga dele até resolver as coisas do RSI. Assim que recebi, arranjei um quarto e mudei-me para lá”.*

Antes disso já havia tentado a sua independência, *“...tive aí uns tempos que queria a minha independência, então comecei a fazer limpezas para uma empresa. Ainda estive lá mais ou menos 8 meses...”.* Nesta altura, sentia-se mais útil e independente. No entanto, o dinheiro que ganhava era inferior e o esforço que fazia era muito superior. Estas foram as razões que a trouxeram de volta à rua.

À dor de ter um filho longe soma a dor de ter entregado outro para a adoção. Tenta justificar o seu ato como um ato de amor. Questiona-se, que teria hoje ela para dar àquele filho? Provavelmente estaria dotado à mesma situação do irmão.

É assim que vive os seus dias, uns com mais força para lutar por um futuro ao lado do seu filho mais velho, outros (na sua maioria) sentindo-se incapaz de dar o que quer que seja por ambos, sentindo-se incapaz de ter lutado, de os ter educado, de ter sido a mãe que ambos precisaram.

Acerca do filho mais novo acrescenta *“não sinto muito a falta dele, só quando começo a pensar muito nisso é que pronto... No outro dia a assistente social perguntou-se se queria saber onde estava, eu disse que sim. Ela disse que ele estava perto, bem perto, mas que não me podia dizer onde senão eu ia querer ir lá vê-lo e isso não podia acontecer. Disse-me que ele estava com pessoas com muito dinheiro, acho que são advogados ou não sei quê... e mostrou-me uma fotografia lá no computador. É tão lindo o meu menino... com cabelinhos escurinhos e olhinhos claros...”.*

Importa-lhe sobretudo que o filho não esteja numa situação semelhante à sua, e que não passe por episódios de violência ou necessidade *“ (...) fiquei mais descansada, sei que o meu filho está bem. Está melhor do que se estivesse comigo. Mas mãe é mãe...”*

Maria sabe que mais nada lhe resta senão continuar a lutar por si e pela companhia do seu filho. Pretende conseguir um emprego que lhe permita arrendar uma casa, ter um espaço digno para receber o seu filho com as condições necessárias.

Muitas são as dificuldades que se têm apresentado no seu caminho. Para além de não saber escrever (apenas sabe escrever o seu nome), Maria não sabe ler o que se têm revelado uma dificuldade acrescida, quer em termos de independência quer em termos de emprego.

Embora se possa pensar que existem tarefas para as quais não é necessário o desempenho das capacidades de leitura ou escrita, como fazer limpeza ou cuidar de outrem, tal poderá revelar-se bastante comprometedor já que se podem trocar detergentes ou medicamentos por não se saber ler o nome dos mesmos. Todas estas razões, mas essencialmente por falta de dinheiro, Maria continuar a ser profissional do sexo nas ruas de Leiria.

Apesar de todos os esforços que têm feito para alterar o seu modo de vida e conseguir ter um futuro diferente, com uma casa, um trabalho digno e o seu filho perto de si, Maria considera que não tem logrado obter resultados.

As relações familiares parecem não estar muito harmoniosas. Na véspera de Natal do ano de 2015, Maria encontrava-se sozinha e sem qualquer bem alimentar que lhe servisse de jantar. Doente, sozinha e com fome era o estado em que se encontrava esta mulher. Chorosa por não estar perto do filho confessa que havia falado com ele ao telefone nesse dia: *” Já falei com ele hoje e ele perguntou-me «Oh mãe porque é que não vens passar o Natal com a gente?» e eu disse «Oh filho tu sabes que os avós não falam para a mãe...»”*.

As relações familiares encontram-se controvertidas o que revela ser um fator decisório para que o seu filho continue longe e não entregue aos seus cuidados.

O telefonema do filho nesta data abalou-a imenso, Maria pensa se a sua vida terá sentido. Do seu passado não lembra nada de bom, do seu presente apenas lutas inglórias e do futuro esperava apenas fazer parte da vida do filho, acompanhando-o, mas até disso já começa a perder a esperança e vontade de lutar.

Maria não tem aparecido nas ruas à noite. O seu interesse em trabalhar na área do sexo é cada vez menor. Aparece esporadicamente entre duas a três vezes por semana e assim que faz entre 20 a 40 euros vai embora. As doenças têm surgido e o medo também.

É bastante defensora do território onde trabalha e entra em confronto direto com outras profissionais do sexo que se deslocam para o local onde costuma trabalhar. Caso não tenha clientes, acusa-as de imediato por serem as causadoras da sua ruína naquela noite.

Quando acontece, começa a circular pelas ruas para tentar outros locais possíveis onde não se encontre ninguém, para chamar a atenção, mas acaba por voltar ao seu lugar.

O interesse na atividade decaiu ainda mais desde que Maria se envolveu numa relação amorosa. O seu “namorado” como lhe chama, desconhecia a sua atividade e por essa razão Maria por várias vezes desapareceu misteriosamente do local onde se encontrava a trabalhar. Uma noite durante uma equipa de rua viu o namorado a passar e o seu desespero foi tão grande que se escondeu na própria carrinha do projeto.

O seu “namorado” (Patrício) é casado, razão pela qual não pode prestar o apoio e auxílio de que Maria necessitaria. É, no entanto, graças ao namorado que Maria consegue ir ver o filho, dar-lhe alguns presentes e de alguma forma manter a ligação.

Pelo seu discurso parece-nos que Maria também alimenta esta relação como forma de não ficar completamente sozinha e de ter algum suporte para manter o contacto com o filho.

Acerca do filho Maria fala enternecidamente: *“É muito inteligente, sabe tudo! Sabe os aniversários de toda a gente! Nós damos-lhe tudo!”*

Os pedidos do filho são: roupa, telemóveis (respetivos carregamentos) e outros acessórios. Maria tenta de todas as formas corresponder às expectativas do filho ainda que lhe custe o pão do dia-a-dia.

Neste momento a vida enquanto profissional do sexo serve-lhe apenas para fazer face às despesas correntes. O seu desinteresse pela luta por um projeto de vida, por um futuro melhor é cada vez menor e manifesta-se das mais variadas formas.

É frequente ouvi-la em desespero num discurso autodestrutivo a falar em suicídio. A sua aparência alterou completamente; Maria aparece frequentemente pouco arranjada, nada maquilhada, de chinelos, calções e t-shirt e com os dentes a necessitar de tratamento. A sua autoestima encontra-se afetada e já nem para trabalhar Maria tem a preocupação de se arranjar para captar clientes.

O contacto com a Maria para a realização desta investigação foi feito facilmente e esta aceitou o pedido feito para a realização da atividade de aproximação ao *Photovoice*.

Após este encontro, foi difícil voltar a reunir com a Maria todas as tentativas de agendamento (2 de outubro, 6 de outubro, 7 de outubro, 9 de outubro entre outras) saíram sempre goradas.

Abordada diversas vezes em equipa de rua, Maria mostrava-se sempre disponível para reagendar nova data e indicava que a máquina fotográfica cedida não se encontrava a funcionar.

Maria apresenta-se cada vez mais triste e de semblante carregado. Os sinais de ansiedade são evidentes. Entendemos ser melhor dar um pouco de espaço e durante um tempo não voltar a falar da investigação por receio de estar a entrar excessivamente na sua privacidade quando havíamos apresentado a tarefa como voluntária.

Com tantas dúvidas e hesitações por parte de Maria várias foram as dúvidas que nos assaltaram: será que se sente observada? Será que já não quer continuar a participar na atividade e não tem coragem de admitir? Ou será uma real dificuldade em manusear a máquina?

A preocupação com o bem-estar de Maria crescia à medida que estas preocupações aumentavam e o seu aspeto piorava. A ansiedade é maior a cada dia que passa, as necessidades são maiores. É frequente encontrar Maria a perguntar se não há comida na associação. Atendendo aos pedidos recorrentes, foi encaminhada para o ReFood - Leiria<sup>15</sup> onde recolhe diariamente comida para se alimentar.

Ponderámos então marcar um dia para realizar a atividade com ela a fim de obviar quaisquer dificuldades que esta sentisse, o que também não se revelou possível.

---

<sup>15</sup> <http://www.re-food.org/blog/> consultado em 13 de janeiro de 2015

Maria vive num quarto de uma casa enorme nos arredores da cidade. Surge nervosa e apressada. Pretende saber rapidamente como funciona a máquina fotográfica. Durante e após a explicação parece não ter entendido nada mas depressa nos pede para nos retirarmos já que tem de sair. Refere que se encontra doente e que necessita de um cobertor porque o seu quarto é muito frio e apesar de lhe terem oferecido um aquecedor não o pode ligar uma vez que a sua senhoria está atenta ao consumo de eletricidade que faz.

Deslocámo-nos a fim de lhe fornecer o cobertor e lhe dar alguns comprimidos para que melhorasse, já que percebemos que não tinha nenhuns. Agradeceu e pediu licença para se retirar já que tinha de ir buscar o seu jantar antes que a instituição fechasse.

Maria prefere não se apaixonar porque todas as relações que viveu foram violentas e prefere assim ter a pouca atenção do namorado do que não ter nenhuma.

Apresenta um projeto de futuro (estar com o filho numa casa destina a ambos) mas nada faz para o concretizar. Não tem um plano objetivo. Argumenta que se trata de falta de recursos económicos mas no fundo sente que não se encontra bem para estar com o filho. Mais uma vez a passividade que de denota por todo o seu discurso e postura: espera que surja a solução.

Este estudo de caso representou mais do que um desafio de investigação, um desafio de investigação-ação, uma mulher que pretende reverter a sua situação mas que neste momento não acredita que seja capaz de o fazer: *“Gostava de arranjar um emprego, ter um apartamento mas não me quero apaixonar, prefiro a força e o carinho que o P. me dá.[...]O que eu queria mesmo era estar com o meu menino e dar-lhe tudo que ele quisesse. Ter uma casa para podermos estar os dois à vontade”*.





## APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Feita a análise das trajetórias individuais dos investigados, impõe-se uma discussão e comparação dos resultados obtidos.





Pareceu-nos importante estabelecer o paralelismo dos discursos em relação às três dinâmicas temporais em questão: passado, presente e futuro.

Através dos quadros seguintes elaboraremos a síntese dos discursos dos investigados acompanhados pelas imagens captadas pelos mesmos que melhor retratam essa fase da sua vida.


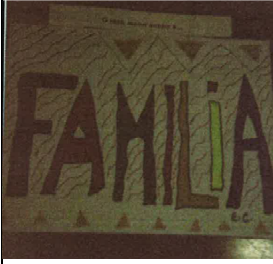
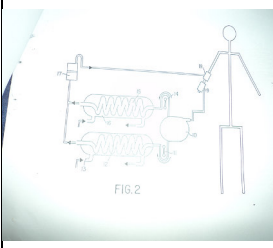

### *Passado: As minhas melhores recordações...*

Sujeito	Vozes	Fotografia
António	<p><i>“A recordação, porque eu tiro uma fotografia ao castelo porque eu tenho grandes recordações do castelo de S. Jorge em Lisboa”.</i></p> <p><i>“Mas tem a ver, para mim tem a ver com o rio Tejo, porque foi no rio Tejo que eu aprendi a nadar. Foi no rio Tejo que eu tive as minhas namoradas. Foi no Tejo que eu curti a vida, a minha juventude”.</i></p>	
Eliseu	<p><i>“... Onde estive, tratava dos animais... e era ao ar livre [...]Prontos, eu gostava. Gostava e gosto da natureza”.</i></p>	
Fonseca	<p><i>“É esta da minha Santinha. Santa Maria Adelaide em Arcozelo. Vou lá todos os anos com companhia ou sozinho[...]Ponho uma pela minha afilhada I. que morreu com paralisia cerebral e também tinha epilepsia como eu.</i></p>	
Maria	<p><i>“Eu nunca fui feliz...[...]Não tenho nenhuma recordação feliz [...]”</i></p> <p><i>“Nesta estão todos agarrados. É uma família feliz. Gosto desta porque me faz lembrar da altura em que fui feliz com o meu ex-marido e os meus filhos. Éramos uma família”.</i></p>	

**Presente: O que mais gosto nos meus dias...**

Sujeito	Vozes	Fotografia
António	<p><i>“Eu gosto muito de ler. Foi ela (E.) que me tirou porque eu gosto muito de ler.[...] O que eu gosto mais nos meus dias é ler, é estar assentado a ver um filme, ou um programa de televisão.</i></p> <p><i>“Preciso do dinheiro para sobreviver. Não é o gostar. Porque eu gosto mais dos meus dias, não é de estar ali...”.</i></p>	
Eliseu	<p><i>” [...]o ar livre, gosto de andar ao ar livre, gosto da natureza, dos animais[...] passear no mato [...] as cascatas, principalmente junto ao rio marcando território à volta do centro (de acolhimento)[...]Escolhi a escola para tirar o nono ano[...]Três anos mas é, prontos, vai demorar esse tempo porque é na escola, porque se fosse só o curso...era só um ano e meio”.</i></p> <p><i>“Algum dia tinha de me levantar não é só cair!”</i></p>	
Fonseca	<p><i>“Sim, está controlado, já não aparece no teste há 10 anos. Já sou acompanhado em Coimbra há 32 anos”. “Ela (mãe) toma conta de mim e eu tomo conta dela”.</i></p> <p><i>“ A minha mãe sabe que sou homossexual mas não sabe que tenho o VIH.”</i></p> <p><i>“Ando a preparar a minha mãe [...] ela já tem uma certa idade e há coisas que não percebe tão bem”.</i></p>	
Maria	<p><i>Já... quer dizer, estou na vida há muito tempo... Agora começo a ter (medo), mas não tinha... ninguém me fazia mal”</i></p> <p><i>“É muito inteligente, sabe tudo! Sabe os aniversários de toda a gente![...] Nós damos-lhe tudo!”</i></p>	

***Futuro: O meu maior sonho é...***

Sujeito	Vozes	Fotografia
António	<p><i>“É o que eu gostava de ter no futuro. Era uma vivenda, tipo esta. Também é muita bonita”.</i></p> <p><i>“Mas... mudar de vida, nunca vou mudar. Com 60 anos? Vou ficar a arrumar carros até já não poder com as pernas. Mesmo que tenha uma reforma já viste de quanto vai ser? Vou ter de continuar a arrumar até não conseguir mais”.</i></p>	
Eliseu	<p><i>“Eu, na família primeiro. Isso depois a casa arranja-se [...] Ah pois. Então um filho, pois. Uma sementezinha... mais não digo, porque também está difícil a vida não? E depois trazer as crianças ao mundo para estar nessa vida não vale a pena. Assim, com um filho ainda se tolera e ainda se aguenta e coiso. Depende também de como corre a vida, não é?”</i></p>	
Fonseca	<p><i>“O que queria mesmo era pôr a máquina a trabalhar. Faz uma limpeza ao sangue e com os retrovirais (anti-retrovirais) temos de ir de 6 em 6 meses a Coimbra [...] Isto já está tudo pensado, nesta cabeça não escapa nada!”</i></p> <p><i>“Quero ficar com a minha mãe até morrer. Dou-me otimamente com a minha mãe e quero ficar na casa da minha mãe”</i></p>	
Maria	<p><i>“O que eu queria mesmo era estar com o meu menino e dar-lhe tudo que ele quisesse. Ter uma casa para podermos estar os dois à vontade”.</i></p>	

Há um denominador comum a todas as histórias, uma vez entrados nesta dinâmica da exclusão social, é necessária uma enorme força para dela sair. Abandonam-se sonhos, esquecem-se passados distantes, pessoas queridas. Para sobreviver, para não doer (Pais, 2006:69).

Procura-se a única satisfação que se poderá ter: a momentânea, a oferecida pelo vício. Aquela que não cobra, que não fala, que não exige, mas que, por outro lado, os torna escravos, os transforma, rouba vidas, rouba sorrisos, sonhos, gosta de solidão.

É ao vício que se entregam aqueles que decidiram desistir de lutar. Aquelos para quem não mais vale a pena. Para quem esta se tornou a única opção de vida, porque no fundo não querem outra. Não querem porque decidiram deixar de lutar, não querem porque

não têm objetivos pelos quais lutar. Outros há que se acham velhos para recomeçar. Encaram a sua opção de vida como uma vida sem opção e justificam-se, a nós e a si próprios.

Fonseca optou por ficar ao lado da pessoa que mais ama no mundo, a sua mãe, foi a sua opção. Foi sua opção também não deixar de lutar por aquilo que considera serem os seus direitos, pensar no seu futuro e salvaguardá-lo.

Já Maria encara o seu futuro com reservas, nem quer pensar nisso. Não sabe o que vai ser de si. Sente-se desamparada. Não tem família perto de si. Não tem projetos de vida. De facto, podemos concluir que talvez não tenha tido uma vida fácil e que a sua força para continuar a luta esteja reduzida. Os problemas psicológicos que alega ter e a falta de acompanhamento que nos apercebemos que tem, para além da falta de medicação (que não compra por falta de dinheiro), e a desregulação na toma da mesma não tornam a sua situação mais fácil. Acima de tudo, entendemos ser a solidão e a falta de apoio, numa mulher extremamente fragilizada pelos constantes abusos e historial de violência, que fazem com que não consiga pensar num projeto de vida para si.

António apesar de reconhecer que a idade já ‘pesa’, esclarece que a experiência é também muita. Homem de muitos ofícios garante que arruma carros há 14 anos por necessidade e que sempre que tem oportunidade, ‘sai do parque’. António é artesão. Por várias vezes tentou economizar para comprar pele de vitela para fazer as suas peças de artesanato. Nunca conseguiu. O vício falou sempre mais alto e o dinheiro foi gasto em cafés, em álcool. António apesar de durante a sua vida ter consumido vários tipos de droga (iniciou aos 14 anos) hoje consome álcool, não obstante ter um problema de fígado que o deveria impedir de beber. É a sua razão para arrumar carros todos os dias (Pais, 2001:259).

António não perde a vontade de voltar a tentar a sua sorte a fazer artesanato e vendê-lo como fez outrora no Algarve, em Espanha, na Nazaré e em Leiria. Internamente sente-se capaz de enfrentar o futuro. Sabe, no entanto, que, considerando o seu passado e o seu historial, o seu futuro passará por continuar a arrumar carros até ao fim dos seus dias.

De certa forma acredita em si, desconfiando. Estamos muito empenhados em ajudá-lo a conseguir as peles que necessita para colocar o seu projeto em andamento.

Eliseu tem um projeto de futuro bem definido. Apesar dos maus tratos sofridos num internato onde esteve até aos anos e de ter fugido de casa por se ter sentido rejeitado pela mãe, Eliseu não gosta de lembrar do passado “*Isso já lá vai*”. Foi sem-abrigo, mas nunca se resignou a essa condição. Procurou sempre ajuda em centros de acolhimento onde podia fazer as suas refeições e a sua higiene e foi levando a sua vida, primeiro na sua cidade natal, o Entroncamento, depois em Leiria.

Em Leiria, cidade que procurou para refazer a sua vida, após ter passado um período a viver na rua, encontrou um quarto para onde foi viver. A fim de conseguir fazer face às despesas, Eliseu arrumava carros nos parques da cidade e foi assim que travámos conhecimento com ele. Por não se identificar com os colegas de casa (todos toxicodependentes) E. decidiu mudar de casa, o que fez.

Hoje, encontra-se com um projeto de futuro definido que passa por ter uma profissão (Jardineiro) terminar o 9.º ano e constituir uma família. Neste momento encontra-se a completar o 9.º ano num curso que lhe confere a qualificação profissional de jardineiro e lhe permite exercer uma profissão.

A sua escolha teve em conta a sua paixão pela natureza e o gosto pela liberdade. Desta forma Eliseu consegue conjugar todos os seus gostos e implementar o seu projeto de vida (Paugam,2003:20).

Questionado acerca do seu sonho, mencionou de imediato a constituição de uma família. Eliseu, apesar de não ter as melhores referências de uma família, já que o seu pai morreu quando ele foi para a instituição com 4 anos, a sua avó de quem muito gostava já faleceu, e não tem ligação com a sua mãe, pretende ter uma família. Por outro lado, Eliseu foi sem abrigo, viveu com toxicodependentes, teve sempre contacto com esta realidade do vício e nunca se deixou influenciar. Segundo o próprio, apenas fuma “*umas ganzazitas*” de vez em quando.

Ao analisarmos estas quatro histórias, há um elemento comum; a violência. Tendemos a analisar as qualificações dos indivíduos, a sua proveniência, idades, género, mas por vezes descuramos o elemento emocional.

Todos, sem exceção, referiram a violência nos seus discursos, alguns usaram a mesma expressão: “*porrada*”.

A violência encontra-se presente na história de todos estes indivíduos. Acreditamos que violência gera mais violência. Embora não incentivada, a convivência num ambiente hostil deixa marcas profundas que se poderão revelar a qualquer altura.

Neste momento, os investigados cujos traços de violência surgem com maior evidência são o António e o Fonseca. Parecem ter assimilado tudo o que passaram, viram e ouviram no passado e hoje são pessoas algo revoltadas que à primeira oportunidade revelam traços de violência.

A solidão em algum momento da vida destes indivíduos foi também um traço comum. Eliseu continua a sentir-se bem sozinho, no seu canto, embora o seu objetivo seja constituir família e deixar de estar sozinho no mundo, no seu mundo (Pais, 2006:19). Prepara-se para deixar entrar alguém nesse espaço tão seu que ficou vedado por muitos anos.

Maria vive também uma situação de solidão dramática. Longe da família e dos filhos vê-se sem apoio e sem estabilidade quer económica quer emocional. António, apesar de acompanhado ocasionalmente percebe com facilidade que os seus amigos são os amigos de ocasião, os amigos do vício que não lhe permitem criar ligações profundas de amizade que lhe transmitam qualquer tipo de estabilidade. Fonseca considerar-se-á o único caso em que a solidão poderá não ser uma constante na sua vida.

Enunciamos *'poderá'* já que vive com a mãe que lhe providenciará os cuidados que necessita no seu dia-a-dia. No entanto, em virtude da sua doença, muitas serão as vezes em que, não podendo contar com a mãe para desabafar (já que ela não sabe) se sentirá sozinho na luta contra a doença.

A estabilidade é também algo que nenhum dos quatro investigados parece ter encontrado nas suas vidas. Excetuando-se o caso de Eliseu que encontrou finalmente um rumo para a sua vida e projeta os seus objetivos a curto e longo prazo, todos os outros, vivem o dia-a-dia, sem grande intensidade ao sabor do que lhes for permitido alcançar e do que o dinheiro lhes permitir aceder.

A estabilidade está diretamente relacionada com o compromisso. Nenhum deles parece querer assumir algum compromisso na vida, excetuando-se o caso de Eliseu.

Todos são solteiros, Maria e António têm filho mas continuam a viver a sua vida com se solteiros fossem, desresponsabilizando-se completamente da educação e acompanhamento dos filhos. Eliseu assumiu recentemente o compromisso de fazer o curso e encontra-se a cumpri-lo.

Durante a investigação nenhum se revelou à vontade para falar do seu passado, nomeadamente da sua infância. Pudemos constatar que no caso de Eliseu, essa talvez tenha sido a estratégia para conseguir seguir em frente dado que o passado lhe deixou marcas profundas que só terá conseguido ultrapassar escondendo o que vivera.

Nenhum dos sujeitos evidenciou um percurso académico muito extenso. Fonseca é o individuo que tem maior escolaridade, 9.º ano concluído. Todos os outros acabaram por ter percursos escolares curtos ou até inexistentes (no caso de Maria). Esta questão poderá estar diretamente relacionada com o facto de terem sido ‘obrigados’ a trabalhar ainda novos para ajudar nas despesas de casa ou porque não se identificavam com a escola e o seu comportamento demonstrava isso mesmo (António) ou ainda porque o estigma de ter reprovado muitas vezes os impedia de serem considerados alunos regulares e tinham receio das atitudes dos seus pares (Eliseu).

Todas estas condicionantes ditaram o afastamento da escola, motivado também pela falta de apoio da família e do diálogo entre a escola e a família.

Hoje encontram-se restringidos nas atividades que podem realizar devido a esse facto. Na sua maioria, voltar a estudar não seria uma hipótese, no caso de Eliseu, ao contrário esse está a ser o ponto de partida para um novo futuro, uma nova vida.

Questionados acerca de novos campos de possibilidades, de projetos para o futuro em termos de trabalho, uns não apresentam – passividade – outros curiosamente demonstram vontade de desenvolver a mesma atividade – Jardinagem.

Associámos esta escolha ao facto de não se sentirem presos, confinados a um espaço onde teriam de desenvolver a atividade mas estariam no seu espaço – a rua – livres, a fazer algo que gostam (dado o seu gosto pela natureza) e ao mesmo tempo a rentabilizar essa atividade.

Conforme mencionado acima, na maioria dos investigados encontram-se num estado de passividade. De acordo com Paugam (2003:17) assumem a qualidade de assistidos,

reivindicando as prestações, nada fazendo para mudar a sua posição. Sobrevivem. Machado Pais estudou casos idênticos relativamente a arrumadores de carros toxicodependentes (2001:258).

No caso concreto de Eliseu e de Fonseca, não podemos dizer que sobrevivem, já que existem objetivos nas suas vidas que os levam a manter a sua vontade de viver. Alteram e constroem-se todos os dias como parte de um processo reflexivo de ligação entre a mudança pessoal e a mudança social (Giddens, 1997:30).

Maria e António vivem um dia de cada vez, esperando que o dia acabe e que tenham o suficiente para o dia seguinte.

Devido à sua situação, todos são potenciais alvos de discriminação mas apenas Maria e Fonseca reconhecem que o são (Goffman, 1981:44). A sua atitude sugere que ambos sentem essa discriminação e a procuram nos rostos dos outros. Quanto a este assunto, tendemos a ser da opinião de que a discriminação começa no interior de quem a sente.

No âmbito da criação dos projetos de futuro, os sujeitos que tem mais fé são os que apresentam projetos de futuro mais delineados e relações consigo próprios e com os outros mais estruturadas como é o caso do Eliseu e do Fonseca. Talvez a ligação com a esperança e com o *'o que de bom ainda está para chegar'* tenha feito estes sujeitos acreditar que, não importa o quão fácil seja cair e difícil levantar, eles vão conseguir fazê-lo.

Do nosso ponto de vista, a situação em que se encontram poderia levar à descrença total em *'algo/alguém'* que os protegesse e acompanhasse no seu percurso, já que não vivem um momento fácil nem feliz. Surpreendentemente isso não abalou a sua crença e é com base nessa esperança que todos os dias perseguem os seus objetivos.

Em suma, todos os investigados foram objeto de uma rutura familiar que se manifestou nuns casos mais cedo noutros mais tarde mas que lhes viria a deixar marcas profundas que se manifestariam durante toda a sua vida e influenciariam todas as suas relações e modos de vida.

Foi essa a rutura que os fez desacreditar na vida, na união, no compromisso. Tornou-os pessoas desconfiadas e pouco recetivas à mudança. Preferem ter pouco e viver o dia-a-

dia do que confiar, partilhar e acreditar em alguém que lhes possa fazer voltar a viver o que de mais traumático viveram no passado (Pais, 2006:69).

Nesta investigação pudemos concluir que, em muitos dos casos, esta começa a ser uma vida de opção, já que a vida dota a rua com todos aqueles que são objeto de rutura e no imediato não têm condições de obter outro meio de subsistir. Por outro lado, o tempo que demoram a lidar com a situação traumática, que pode não ter ainda terminado, ditará o tempo que continuarão como ‘assistidos’, isto é, dependentes do sistema de proteção social, ou, em caso de revolta extrema, tornarem-se marginais. Neste caso na falta de campos de possibilidades será efetivamente uma opção de vida.

## CONCLUSÕES

Procurámos com o presente trabalho encurtar a distância que de forma estereotipada, na generalidade se pensa existir entre “nós” e “eles”.

A aprendizagem conseguida com o mestrado não apenas na sua vertente académica mas com o conjunto de aprendizagens mútuas entre colegas, instituições de carácter social e essencialmente com os utentes das instituições/associações foi vital para que todo o aprendizado fizesse sentido e se complementasse.

Na verdade, vários locais desta cidade foram revisitados, vistos com outras lentes e tornaram-se diferentes do que “*todos já sabemos como é*” (Pais, 2006:23). Compreendemos a exclusão não apenas como um processo sociológico e merecedor de estudo mas um fenómeno duro e um obstáculo difícil de transpor para quem se encontra fragilizado.

Percebemos ainda que o nos separa de uma situação de exclusão social é cada vez menor. São cada vez mais as situações familiares, de desemprego, de perda de alojamento entre outras, que conduzem cada vez mais pessoas a uma situação de fragilidade social, a qual poderá conduzir em casos extremos à marginalidade, à ‘nova pobreza’ (Paugam, 2003:15).

Esperamos que este trabalho constitua uma nova forma de olhar ‘o outro’ para além da situação em que vive. A procura de um olhar de ‘igual para igual’, mais humanizado é cada vez mais necessário numa sociedade cada vez mais global que, apesar de mais facilmente interligada se encontra cada vez menos conectada.

Este estudo pretende focar-se na temática da exclusão social e no carácter opcional que a mesma poderá ter. De certa forma, existem casos em que viver de forma diferente será uma opção de vida como tantas outras. Porque deverá o comportamento das pessoas estar padronizado? Por causa desses padrões de comportamentos a respeitar surge o estigma por quem não o respeita. É diferente, logo é pior.

Pretendeu-se ainda perceber quais os motivos que ‘trouxeram estas pessoas à rua’ e perceber se a rutura teria sido voluntária ou provocada.

Esta temática, por se tratar de histórias de vida, cruza universos como o da família, o da escola, o da identidade e o do trabalho. Todos eles terão a sua quota-parte de influência naquilo em que hoje são estas pessoas, tal como nós.

Certos, estamos de que este trabalho não apresenta respostas conclusivas acerca do fenómeno da exclusão social e das vertentes de trabalho e outras a ela associadas. Permite-nos, no entanto, bem como aos demais investigadores abrir caminhos de reflexão, e novas temáticas a abordar e a estudar.

Não se pretendeu generalizar os percursos vividos por estas quatro pessoas, nem tampouco estender os seus projetos de futuro (ou a falta deles) a todos quanto vivem esta realidade. Pretendeu-se captar as especificidades dos casos em análise e mostrar de que forma é gerido o seu apego ao passado, o seu dia-a-dia e como são vistos os projetos para o futuro.

Tratou-se de estudo desafiador mas sem dúvida muito enriquecedor. Para além de considerarmos que a aprendizagem ao nível da mediação sociocultural e da intervenção social do mediador foi captada, experimentada e vivida, muitas foram outras aprendizagens que fizemos, de avanços e recuos, de paciência na espera do momento certo para agir, de resiliência quando tudo parecia perdido.

Foi uma aprendizagem profunda feita com pessoas que muito têm para connosco partilhar. Pretendeu-se a disseminação do preconceito e a perceção da realidade vivida por estas pessoas na construção do seu projeto de vida.

O facto de alguém se interessar pela sua história de vida e ter tempo para os ouvir como sujeitos, fez com que a sua autoimagem se alterasse (Vieira, 2011). Foram durante todo o percurso da investigação presenteados com várias surpresas com as quais ficaram deliciados.

Esta investigação mostra que muita da intervenção do mediador a levar a cabo com esta população deverá assentar na escuta ativa, o que possibilitará a confiança e permitirá a evolução para o passo seguinte: o traçar de um projeto de futuro atenta a sua história de vida, as suas habilidades e desejo de futuro.

O mediador assume neste processo um papel fundamental. É o criador de laços e o empoderador. É ele que irá possibilitar que o indivíduo perceba que tem capacidade para alterar a sua vida e pode fazê-lo.

Nesta medida é desejável a atuação de um mediador intercultural em associações ou municípios cuja taxa de utentes assistidos seja elevada.

A sua atuação seria valiosa no sentido de empoderar os utentes dotando-os das capacidades que julgaram perdidas, restabelecendo a sua vida e evitando, assim, os apoios sociais no sentido assistencialista.

Avaliamos positivamente o impacto da investigação-ação nos quatro casos objeto de estudo. Todos, sem exceção, fizeram-nos lembrar das suas experiências passadas, valorizando-as. Todos eles já foram diferentes, e hoje são a construção dinâmica e flexível que se encontra em constante metamorfose (Vieira, 2009). Paralelamente à etnografia que foi sendo realizada, a interação e a intervenção mediadora foi criando sonhos e projetos de mudança, pelo que a etnografia se foi transformando, assim, numa investigação ativa (Amado, 2014).

Esta investigação pretende dar testemunho das trajetórias de vida e dos projetos de vida destas quatro pessoas que, apesar de labirínticos, são repletos de experiências extremamente valiosas e que urge conhecer para saber intervir.

## BIBLIOGRAFIA

- AA. VV. (2008). *Mediación Intercultural, una propuesta para la formación*, Madrid: Editorial Popular;
- AFONSO, Almerindo Janela (1999). *Educação Básica. Democracia e Cidadania- Dilemas e Perspetivas*. Porto: Edições Afrontamento;
- AMADO, João (coordenação) 2.ª edição (2014). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra;
- BALSA, Casimiro; VITAL, Clara; PASCUEIRO, Liliana (2011) *O consumo de Bebidas Alcoólicas em Portugal. Prevalências e padrões de Consumo, 2001-2007*. Lisboa. CesNova – Centro de Estudos em Sociologia. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa.
- BELL, Judith (1993). *Como Realizar um Projeto de Investigação*. Coleção Trajetos. Lisboa: Gradiva;
- BENAVENTE, Ana, COSTA, António Firmino da, MACHADO, Fernando Luís, NEVES, Manuela Castro (1987). *Do Outro Lado da Escola*. Lisboa: Edições Teorema;
- BORDIEU, Pierre. (1992). *A reprodução*. Rio de Janeiro
- BURGESS, Robert (1997). *A Pesquisa de terreno: Uma introdução*. Oeiras: Celta Editora;
- CANÁRIO, Rui; ALVES, Natália e ROLO, Clara (2001). *Escola e Exclusão Social*, Lisboa: Educa;
- CANDAU, Vera Maria (org) (2007). *Reinventar a Escola*, Petrópolis, Editora Vozes;
- CAPUCHA, Luís, (2005), *Desafios da Pobreza*, Oeiras, Celta;
- CAPUL, M., LEMAY, M. (2003). *Da Educação à Intervenção Social*. Porto: Porto Editora;
- CHOPART, J-N. (2003). *Os Novos Desafios do Trabalho Social. Dinâmicas de um campo profissional*, Porto: Porto Editora;
- COHEN-EMERIQUE, Margalit (2001). *Pour une approche interculturelle en travail social -Théories et Pratiques*, Rennes, PRESSES de l'EHESP;
- CORDEIRO, Lisete (2011) *Contributos para uma intervenção social participativa: o caso dos arrumadores de carros*. Dissertação de mestrado em Serviço Social. Lisboa: ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa;

- CORDEIRO, Sara Patrícia Tomé da Silva (2012) *Prostituição feminina de rua: escutar e atuar: papel do técnico d'O Ninho na intervenção com mulheres prostitutas*. Dissertação de mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária. Instituto Politécnico de Lisboa - Escola Superior de Educação;
- COSTA, Alfredo Bruto (1998), *Exclusões Sociais*, Lisboa, Fundação Mário Soares/Gradiva;
- COUTINHO, Evandro da S. F. Coutinho (1992) Alcoolismo e Problemas Relacionados- Dificuldades na Implementação de Estudos de Prevalência, *Cadernos de Saúde Pública*, 8 (1) 22-29 Jan/Mar, Rio de Janeiro;
- COHEN, R. (1995). *Students resolving conflict: peer mediation in schools*. Tucson, Arizona: Goodyear Books.
- DAVIES, Don; MARQUES, Ramiro e Silva, Pedro (1993). *Os Professores e as Famílias. A colaboração possível*. Biblioteca do Educador, Lisboa: Livros Horizonte;
- DUBAR, Claude. (2002) - *La crise des identités. L'interprétation d'une mutation*; Revue française de pédagogie, Paris, Volume 139 / Numéro 1 / pp. 158-162;
- FERNANDES, António Teixeira (1995), “*Etninização e racização no processo de exclusão social*”, in *O Estado Democrático e a Cidadania*, Porto, Ed. Afrontamento, 1998, pp.9-66;
- FERNANDES, Luís, (2012)“*Trabalhos de margem no centro da urbe: o arrumador de automóveis*”, *Etnográfica*, vol. 16 (1) 2012, 5-30.
- FOURIER, Charles (2007). *A infância Emancipada* (tradução Luís Leitão).Lisboa: Antígona;
- GIDDENS, Anthony (1997). *Modernidade e Identidade Pessoal*, Oeiras: Celta Editora
- GIMÉNEZ ROMERO, C. (2010). *Mediação Intercultural*, Lisboa: ACIDI;
- GIMÉNEZ, Romero, C. (2001). “*Modelos de mediación y su aplicación en mediación intercultural*”. In *Revista Migraciones* n.º 10. Madrid: Universidade Pontificia de Comillas;
- GOFFMAN, Erving (1993). *A apresentação do eu na vida de todos os dias*. Lisboa: Relógio d'Água;
- GOFFMAN, Erving (1981), *Estigma. La Identidad Deteriorada*, Amorrortu Editores, Buenos Aires (1.ª edição em inglês:1959)

- GOIS, Maíra Lima de, LIMA, Marcus Eugénio Oliveira (2013). De dentro e de fora de dentro: Representações Sociais da Prostituição Feminina. *Interacções*, n.º23 pp71-87;
- GONÇALVES, Erli Helena (2008) Para além das questões do género: Construtos Sociais e Dilemas Morais que envolvem portadores do HIV/AIDS – Uma leitura Brasileira e Portuguesa. Oficina n.º 317, Coimbra. Centro de Estudos Sociais – Laboratório Associado – Faculdade de Economia Universidade de Coimbra;
- GUERRA, Isabel (2006). *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo*. Estoril: Principia;
- ITURRA, Raúl (1987), “*Trabalho de campo e observação participante*”, in José Madureira Pinto e Augusto S. Silva (orgs.), *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Afrontamento, 149-163.
- JARES, Xesús R. Jares (2007). *Pedagogia da Convivência*. Porto, Profedições;
- MARGARIDO, C. (2012). *Trajetórias Pessoais e Identidades Profissionais de Assistentes Sociais*. Tese de Doutoramento, Lisboa: UCP;
- MAGALHÃES, Ana Maria; ALÇADA, Isabel (2003), *Cidadania e Multiculturalidade*, Lisboa, Editorial do Ministério da Educação;
- MAGNANI, José Guilherme Cantor.(2002) “*De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana*”, RBCS Vol. 17 n.º49 junho/2002;
- MATIAS, Margarida, FERNANDES, Luís (2009), “*Desarrumar o medo... o arrumador de carros como figura do medo na cidade*”, *Revista toxicodependências*, 15, (n.º3), pp. 9-22;
- MENDEL, G. (1974). *La descolonización del niño*. Ariel: Barcelona.
- NAVE, Américo (2004) “*Estacionamentos sem riscos, arrumadores sem exclusão: trabalho com arrumadores de carros da cidade de Lisboa*”. *Revista toxicodependências*, Lisboa. 10, nº 2, p. 41-50;
- NOGUEIRA, Conceição; SILVA, Isabel (2001). *Teoria-Guias Práticos. Cidadania. Construção de novas práticas em contexto educativo*. Porto: Edições Asa;
- NUNES, Rosa Soares (2005) *Nada sobre nós, sem nós: a centralidade da comunicação na obra de Boaventura de Sousa Santos*. São Paulo: Cortez;
- OLIVEIRA, Alexandra, 2011, *Andar na Vida: Prostituição de Rua e Reacções Sociais*. Coimbra, Almedina.

2ª edição em 2000.

- PAIS, José Machado (2007). *Cotidiano e Reflexividade*, Educação & Sociedade, vol. 28, n. 98, pgs. 23-46;
- PAIS, José Machado (2006) *Nos rastros da solidão: deambulações sociológicas*. Porto: Ambar;
- PAIS, José Machado (2005). *Jovens e Cidadania*, *Sociologia*. Problemas e Práticas, n. 49, pgs. 53-70;
- PAIS, José Machado (2001) *Ganchos, Tachos e Biscates: Jovens, trabalho e futuro*. Porto: Ambar;
- PAIS, José Machado (2001b). *Jovens «arrumadores de carros» - a sobrevivência nas teias da toxicodependência*, *Análise Social*, vol. XXXVI, n. 158-159, pgs. 373-398;
- PAIS, José Machado (1999). *Traços e Riscos de Vida. Uma Aproximação Qualitativa a Modos de Vida Juvenis* ed. 1, ISBN: 972-43-0331-4. Porto: Ambar;
- PAIS, José Machado (1995). *Durkheim: Das Regras do método aos métodos desregrados*. *Análise Social*. Volume XXX, 131-132, 239-263;
- PAIS, José Machado (1983). *A prostituição na Lisboa Boémia dos inícios do século XIX*. *Análise Social*. Volume XIX, 77-79 e 939-960;
- PALLARÉS, M. (1983). *Técnicas de grupo para educadores*. Madrid: ICCE.
- PAUGAM, Serge (2003) *A desqualificação Social. Ensaio sobre a nova pobreza*. Porto: Porto Editora;
- PERES, Américo Nunes (2002). "Interculturalidade". *A página da Educação*, 112, ano 11, p.4;
- PERES, Américo (2011). *Educação Intercultural e Cidadania*. Associação Portuguesa de Animação e Pedagogia (APAP);
- SILVA, Natália (2010) *Os sem-abrigo*, Trabalho realizado no âmbito da UC de Fontes de Informação Sociológica, Curso Sociologia, Coimbra, Faculdade de Economia Universidade de Coimbra;
- SILVA, Pedro (2003). *Escola-Família, Uma Relação Armadilhada. Interculturalidade e Relações de Poder*. Lisboa: Edições Afrontamento;
- SOUSA, Ana Paula de; FILHO, José Mário (2008). "A importância da parceria entre família e escola no desenvolvimento educacional". In *Revista Iberoamericana de Educación* n.º 44/7 10 enero. Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación, la ciência y la Cultura (OEI);

- STOER, Stephen R., MAGALHÃES, António M. (2005) *A Diferença Somos Nós. A Gestão da Mudança Social e as Políticas Educativas e Sociais*, Porto, Edições Afrontamento;
- ROBERTIS, C. (2011). “*O trabalho social e as ciências sociais*” in ROBERTIS, C. (2011). *Metodologia da Intervenção em Trabalho Social*, Porto: Porto Editora, pp. 41-59;
- RODRIGUES, Eduardo Vítor; SAMAGAIO, Florbela Maria da Silva; FERREIRA, Hélder; MENDES, Maria Manuela Ferreira; JANUÁRIO, Susana Paula Carvalho (1999). *A pobreza e a exclusão social: teorias conceitos e políticas sociais em Portugal*. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras: Revista da Faculdade de Letras: Sociologia, 09, 1999, p. 63-101;
- SERRANO, G. P. (2008). “*Elementos para elaborar um projeto*” in SERRANO, G. P. (2008). *Elaboração de Projetos Sociais, Casos Práticos*, Porto: Porto Editora;
- SOARES, José Vale (2003). *Como abordar... a Cidadania na Escola*. Porto: Areal Editores;
- TORREMORRELL, M. (2008). *Cultura de mediação e mudança social*. Porto: Porto editora;
- VIEIRA, Ana (2013). *Educação Social e Mediação Sociocultural*. Porto: Profedições;
- VIEIRA, A., VIEIRA, R. (2013). “*Pedagogia Social, Comunicação e Mediação Intercultural*”, in *A Página da Educação*, Extra. Sér. 34-35;
- VIEIRA, Ricardo (2011). *Educação e Diversidade Cultural: Notas de Antropologia da Educação*. Porto: Afrontamento;
- VIEIRA, Ricardo (2009). *Identidades Pessoais. Interações, Campos de Possibilidade e Metamorfoses Culturais*. Lisboa; Colibri;
- VIEIRA, Ricardo (Org) (2004). *E agora professor? – A Transformação na Voz dos professores*. Porto: Profedições;
- VIEIRA, Ricardo. (2003). *Vidas Revividas: a etnografia e a descoberta de novos sentidos. In Experiência Etnográfica em Ciências Sociais*, ed. CARIA, Telmo (Org.). Porto: Afrontamento;
- VIEIRA, Ricardo (1999). *Ser Igual, Ser Diferente: Encruzilhadas da Identidade*. Porto: Profedições;
- WEBER, P. (2011). *Dinâmicas e Práticas do Trabalhador Social*, Porto: Porto Editora;

WANG, Caroline; BURRIS, Mary Ann (1997). *Photovoice: Concept, Methodology, and Use for Participatory Needs Assessment, Health Education & Behavior*, June 1997;

MONTENEGRO, M. (2008). *O Projecto Nómada e a Mediação*, in actas do XVI Colóquio AFIRSE/AIPELF;

Outros

Cadernos EAPN, Rede Europeia Anti Pobreza, *Vozes do Centro*, Núcleo Regional de Centro, Quadrimestral, Depósito Legal 247626/06, Porto, Design, Paginação e Impressão;

GRANJA, Berta (2008). O saber procedimental/procedural dos assistentes sociais com os utentes. Comunicação apresentada no VI Congresso Português de Sociologia, FCSH-UNL, Lisboa.

OLIVEIRA, Alexandra. (2004). *Prostituição, exclusão e violência. Estudo Empírico da vitimização sobre prostitutas de rua*. Comunicação apresentada no II Congresso Internacional de Investigação e Desenvolvimento Sócio-cultural. Paredes de Coura, 28 a 30 de outubro;

OLIVEIRA, Alexandra (2009). "A prostituição é uma escolha". [http://www.jn.pt/Domingo/Interior.aspx?content\\_id=1347916](http://www.jn.pt/Domingo/Interior.aspx?content_id=1347916) consultado em 26 de novembro de 2015;

Direção geral da Educação - Educação para a Cidadania - linhas orientadoras para a cidadania <http://dge.mec.pt/educacao-para-cidadania-linhas-orientadoras-0>, consultado em 5 de janeiro de 2016;

SICAD – Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências - Caracterização e Evolução da Situação - Consumos e Problemas relacionados: Doenças Infeciosas (2014);

[http://www.sicad.pt/BK/EstatisticaInvestigacao/InformacaoEstatistica/ConsumosProblemas/Lists/SICAD\\_CONSUMOS/Attachments/3/Caracteriza%C3%A7%C3%A3o\\_e\\_Evolu%C3%A7%C3%A3o\\_da\\_Situa%C3%A7%C3%A3o.pdf](http://www.sicad.pt/BK/EstatisticaInvestigacao/InformacaoEstatistica/ConsumosProblemas/Lists/SICAD_CONSUMOS/Attachments/3/Caracteriza%C3%A7%C3%A3o_e_Evolu%C3%A7%C3%A3o_da_Situa%C3%A7%C3%A3o.pdf), consultado a última vez 27 de fevereiro de 2016;

SICAD – Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências – Linhas orientadoras para a Mediação Social e Comunitária no âmbito da Reinserção de pessoas com comportamentos aditivos e dependências (2014)

- <http://www.sicad.pt/BK/Intervencao/ReinsercaoMais/Documentos%20Partilhados/LinhasOrientadorasPara a MediacaoSocial e ComunitariaNo ambitoDaReinsercaoDePessoasComComportamentosAditivos e Dependencias.pdf> consultado pela ultima vez em 17 de fevereiro de 2016;
- World Health Organization, (2014) *Global status report on alcohol and health 2014* [http://www.who.int/substance\\_abuse/publications/global\\_alcohol\\_report/en/](http://www.who.int/substance_abuse/publications/global_alcohol_report/en/) consultado em 11 de fevereiro de 2016;
- FERREIRA, Nicolau (2015) *Medicamento evita transmissão do vírus da sida a quem mais precisa*, Público, <http://www.publico.pt/ciencia/noticia/sida-medicamento-evita-transmissao-do-vih-a-quem-mais-precisa-1707867> consultado em 26 de janeiro de 2016;
- FERREIRA, Nicolau (2008) *Portadores do HIV têm mais treze anos de esperança média de vida*, Público, <http://www.publico.pt/ciencia/noticia/portadores-do-hiv-tem-mais-treze-anos-de-esperanca-media-de-vida-1336495>;
- LUSA, (2014), *Quase metade das prostitutas em Portugal sofre de doença mental*, Diário de Notícias, <http://www.dn.pt/portugal/interior/quase-metade-das-prostitutas-em-portugal-sofre-de-doenca-mental-4301418.html> consultado em 26 de novembro de 2015;
- Centro de Estudos sobre África, Ásia e América Latina, *Advocacy* <http://pascal.iseg.utl.pt/~cesa/index.php/dicionario-da-cooperacao/Glossary-1/A/Advocacy-442/> consultado em 22 de dezembro de 2015;

# ANEXOS

## VOLUME II DESTA DISSERTAÇÃO